



**JEREMIAS RIBEIRO DE SOUZA**

## **E a Feirinha do Estádio?**

### **Os impactos do projeto modernizador e as narrativas sobre a feira livre em Porto Seguro na década de 2000**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB como requisito do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES), na linha Sociedade, Cultura e Ambiente, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Janaina Zito Losada

Co-orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres  
Cancela

**Porto Seguro**

**Setembro de 2021**

**JEREMIAS RIBEIRO DE SOUZA**

**E a Feirinha do Estádio?**

**Os impactos do projeto modernizador e as Narrativas sobre a feira  
livre em Porto Seguro na década de 2000.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janaina Zito Losada

Co-orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela

**Porto Seguro**

**Setembro de 2021**

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)  
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

S729f Souza, Jeremias Ribeiro de, 1983 -  
E a feirinha do estádio?: os impactos do projeto modernizador e as  
narrativas sobre a feira livre em Porto Seguro na década de 2000. / Jeremias  
Ribeiro de Souza. – Porto Seguro, 2021.  
195 p.

Orientadora: Janaina Zito Losada  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.  
Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade. Campus Sosígenes  
Costa.

1. Feira Livre. 2. Modernização. 3. Urbanização. 4. História. 5. Memória. I.  
Losada, Janaina Zito. I. Título.

CDD: 307.34

**E a Feirinha do Estádio?**

**Os impactos do projeto modernizador e as Narrativas sobre a feira livre em Porto Seguro na década de 2000.**

**Jeremias Ribeiro de Souza**

Dissertação apresentada e aprovada no Programa de Pós-Graduação Estado e Sociedade do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Estado e Sociedade, pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janaina Zito Losada (Presidente)

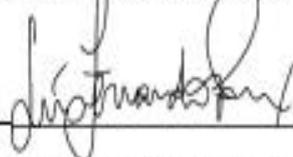
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB/PPGES



---

Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela (Co-orientador)

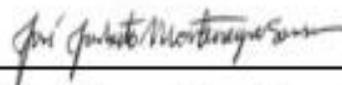
Universidade Estadual da Bahia – UNEB/PPGES



---

Prof. Dr. Luís Fernando Lopes Pereira (Examinador Externo)

Universidade Federal do Paraná - UFPR/PPGD



---

Prof. Dr. José Josberto Montenegro Sousa (Examinador Externo)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/IIH

**Porto Seguro**

**Setembro de 2021**

A minha mãe Eremita Ribeiro, grande exemplo e inspiração de luta e resistência diante das amarguras da vida. A meu pai, Jose Antônio, uma figura sempre presente. A meu filho Mathias Lima de Souza e minha companheira Caroline Lima que oxigena o meu cotidiano com vida e alegria.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais Eremita Ribeiro e José Antônio que a sua maneira deram a melhor educação que podia.

A meu filho Mathias lima de Souza, amor incondicional.

A Caroline Lima, minha companheira de luta e convivência, pelo apoio, paciência e incentivo no cotidiano e vida acadêmica.

A professora Janaina Losada, minha orientadora por ter acreditado no projeto, pelo acolhimento, dedicação e paciência. Fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico.

Aos professores da Universidade Jorge Amado – UNIJORGE e da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, que contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos companheiros de luta e aos movimentos sociais grande escola de vida, que ajudaram a conspirar e a alcançar este objetivo.

Ao amigo Nivaldo Xavier que desde o início “abriu as portas” para o estudo da feira e aos feirantes que gentilmente compartilharam seus saberes, memórias e vivências da antiga feirinha do Estádio na cidade de Porto Seguro.

A direção do Jornal do Sol, a jornalista Hilda e ao Diretor Alex, que acolheu a pesquisa e disponibilizaram o valioso acervo do jornal.

Agradeço aqueles e aquelas que de forma direta ou indireta contribuíram nesta jornada para que eu pudesse alcançar este objetivo.

A todxs minha gratidão!

**Resumo:**

O presente estudo analisa o processo de transformações urbanas na cidade de Porto Seguro, a partir da construção da história da extinta Feirinha do Estádio. O objetivo da pesquisa é identificar as narrativas sobre a feira livre na cidade e os impactos do projeto de modernização urbana, que resultaram na extinção da feira no final da década de 2000. O que a feira livre do Estádio representava para os (as) feirantes, a população do seu entorno, a gestão municipal e a imprensa portosegurense? A partir dessa questão motivadora, buscou-se compreender a aplicação do projeto de reforma urbana na cidade e a depreciação da memória da feirinha e dos feirantes. O trabalho também analisa como o Estado e o setor do turismo articularam elementos simbólicos pautados no mito do descobrimento e nos referências de sociedade nos aspectos de modernização, urbanização e higienistas do final do século XIX, para influenciar no desenvolvimento da cidade. Na análise considera-se também o contexto da primeira década dos anos 2000, caracterizado pelo grande desenvolvimento econômico, social e de redução da pobreza no país, além dos impactos da vinda da Copa do Mundo de futebol para o Brasil, esses fatores influenciaram no projeto de cidade que Porto Seguro deveria se tornar, já que o município como o Estado da Bahia beneficiaram-se com investimentos em infraestrutura, logo o intuito da pesquisa é identificar como o contexto histórico influenciou na reforma urbana, como a feira livre foi percebida nesse projeto e como estes elementos foram articulados com os interesses de setores hegemônicos, empresariais dentre eles o do turismo e mito de fundação da cidade.

**Palavras-chave:** Feira Livre. Modernização, Urbanização, História, Memória, Porto Seguro - BA.

**Abstract:**

This study analyzes the process of urban transformations in the city of Porto Seguro, based on the construction of the history of the extinct Feirinha do Estádio. The objective of the research is to identify the narratives about the open market in the city and the impacts of the urban modernization project, which resulted in the extinction of the fair in the late 2000s. , the population of its surroundings, the municipal administration and the Portosegurense press? From this motivating question, we sought to understand the application of the urban reform project in the city and the depreciation of the memory of the market and market placers. The work also analyzes how the State and the tourism sector articulated symbolic elements based on the myth of the discovery and on society's references in the aspects of modernization, urbanization and hygienists of the late nineteenth century, to influence the city's development. The analysis also considers the context of the first decade of the 2000s, characterized by the great economic, social and poverty reduction development in the country, in addition to the impacts of the coming of the Soccer World Cup to Brazil, these factors influenced the project from the city that Porto Seguro should become, as the municipality as the State of Bahia benefited from investments in infrastructure, so the purpose of the research is to identify how the historical context influenced the urban reform, as the open market was perceived in this project and how these elements were articulated with the interests of hegemonic, business sectors, including tourism and the myth of the foundation of the city.

**Key Words:** free market, modernization, urbanization, memory, Porto Seguro – BA

## **Lista de Mapas**

Mapa 1. Mapa da região da feira. Google Maps, com intervenção do auto \_\_\_\_\_ p. 79

Mapa 2. Mapa da região central da cidade Google Maps com intervenção do autor p. 127

## **Lista de tabela**

Tabela 1. Dados demográficos da cidade de Porto Seguro. Fonte: IBGE \_\_\_\_\_ p. 62

Tabela 2. Dados sobre os imóveis da extinta feira \_\_\_\_\_ p. 122

Tabela 3. Demografia da feira \_\_\_\_\_ p. 124

## **Lista de Imagens**

Imagem 01 - Estátua de Pedro Álvares Cabral, Fotografia do autor, (2020) \_\_\_\_\_ p. 40

Imagem 02 – Praça das Pitangueiras – Fotografia do autor, (2020) \_\_\_\_\_ p. 42

Imagem 03 - Busto do ex-prefeito Manoel Carneiro. Fotografia do autor, (2020) \_\_\_p. 43

Imagem 04 – Praça Pataxós, Monumento em homenagem a Adriano Rodrigues, Presidente da empresa de turismo CVC. Fotografia do autor, (2020) \_\_\_\_\_ p. 44

Imagem 05 – Estátua em madeira representando a índia Indaiá, Fotografia do autor, (2020) \_\_\_\_\_ p. 45

Imagem 06 - Praça dos pescadores São Pedro. Fotografia do autor, (2020) \_\_\_\_\_ p. 46

Imagem 07 - Mapa representativo da extinta Feira do Estádio \_\_\_\_\_ p. 81

Imagem 08 - Foto de residência da feira. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 87

Imagem 09 – Foto de residência. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 89

Imagem 10 - Foto de residência. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 90

Imagem 11 - Foto de residência. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 91

Imagem 12 - Foto de residência. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 92

Imagem 13 – Foto de comercio de frutas. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 93

Imagem 14 - Foto de comercio de frutas. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 94

Imagem 15 - Foto de comercio de frutas. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 95

Imagem 16 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 96

Imagem 17 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 98

Imagem 18 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 99

Imagem 19 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020)  
\_\_\_\_\_ p. 100

Imagem 20 - Foto de estabelecimentos de serviços prestados. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 101

Imagem 21 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 102

Imagem 22 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 103

Imagem 23 - Foto de bares e restaurantes. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 104

Imagem 24 – Foto de comércios de carnes e frangos. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 105

Imagem 25 - Foto de comércios de carnes e frangos. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 106

Imagem 26 - Foto de comércios de carnes e frangos. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 107

Imagem 27 - Foto de comércios de cereais e granulados. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 108

Imagem 28 - Foto de comércios de cereais e granulados. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 109

Imagem 29 - Foto de comércios de cereais e granulados. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 110

- Imagem 30 - Foto de comércios de confecções. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 111
- Imagem 31 - Foto de comércios de confecções. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 112
- Imagem 32 - Foto de comércios de confecções. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 113
- Imagem 33 - Foto de comércios de confecções. Relatório fotográfico. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 114
- Imagem 34 - Foto da Rua Bernardo Spector, autoria desconhecida \_\_\_\_\_ p. 115
- Imagem 35 - Rua Bernardo Spector *Jornal do Sol*, 10/04/1998, nº115, p. 8 \_\_\_\_\_ p. 116
- Imagem 36 - Barracas de carne na feira. *Jornal do Sol*, 06/11/1993, nº 32, p 04 \_\_ p. 116
- Imagem 37 - Recorte de matéria do *Jornal do Sol*, 10/04/1998, nº115, p. 8 \_\_\_\_\_ p. 118
- Imagem 38 – Relação com o nome dos proprietários de residência. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 120
- Imagem 39 – Relação com o nome de proprietários de comércios da feira. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 121
- Imagem 40 - Recorte de matéria do *Jornal do Sol*, 06/11/1993. n. 32, p. 4 \_\_\_\_\_ p. 138
- Imagem 41 - Foto da primeira página do Jornal local *Topa Tudo*. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 143
- Imagem 42 – Foto da antiga sede da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p.158

Imagem 43 – Recorte de matéria do *Jornal do Sol*, 25/05/1994 a 09/06/1994. n. 44. p. 3  
\_\_\_\_\_ p. 160

Imagem 44 - Cartaz eleitoral da candidatura do então candidato Bira do ano de 2004. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p.164

Imagem 45 - Termo de intenções de possíveis interferências sobre o espaço da feira. Entregue aos prefeituráveis das eleições municipais 2004. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 166

Imagem 46 - Cartão de protocolo e de cartaz, entregues ao Serviço Público Federal da Fazenda. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), (2020) \_\_\_\_\_ p. 168

#### **Lista de abreviaturas e siglas**

ASFEBAPS - Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro

ABIH - Associação Brasileira dos Industriais de Hotéis

ACM - Antônio Carlos Magalhães

APFAS - Associação Profissional Recreativa Cultural e Beneficente dos Feirante e Ambulantes de Salvador

BCS - Bases Comunitária de Segurança

CMT – Conselho Municipal de Turismo

CPM - Centro de Planejamento Municipal

CIA - Centro Industrial de Aratu

Comtur - Conselho Municipal de Turismo

CPE - Plano de Desenvolvimento da Bahia

CVC – Sempre Com Você

DESENVOLVE - Programa de Desenvolvimento Industrial e de Integração Econômica do Estado da Bahia

Fundetur - Fundo de desenvolvimento do turismo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBF - Instituto Baiano do Fumo

ICB - Instituto de Cacau da Bahia,

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IEFB - Instituto de Economia e Finanças da Bahia

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Interculte - Encontro Interdisciplinar de Cultura e Educação

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil

ONU - Organizações das Nações Unidas

PGU - Procuradoria Geral da União

PIB – Produto Interno Bruto

PLANDEB - Comissão de Planejamento Econômico da Bahia

SECOPA – Secretaria da Copa do Mundo 2014

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia.

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

UNIJORGE – Universidade Jorge Amado

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>34</b>
<b>URBANIZAÇÃO, FEIRA LIVRE E A CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO</b>	
<b>PORTOSEGURENSSE. ....</b>	<b>34</b>
1.1 - “Cidade imaginária”: Varnhagen e a constituição da história do vencedor.....	34
1.2 - Porto Seguro e a construção da Cidade Símbolo da Nação. ....	49
1.3 - Modernizar e Higienizar: Uma nova cultura, uma nova sociedade, uma nova feira. .....	63
1.4 - Porto Seguro, Bahia, Brasil: terra do descobrimento, do esporte, do progresso e da desigualdade! .....	74
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>79</b>
<b>CARTOGRAFIA E IMAGEM DA EXTINTA FEIRA DO ESTÁDIO. ....</b>	
2.1 - Cartografia da Feira do Estádio.....	79
2.2 - Fotos e imagens de uma feira extinta: estabelecendo categorias. ....	82
2.3 - Cenas da diversidade de uma feira esquecida. ....	86
2.4 - A feira na rua. ....	114
2.5 - Dinâmicas demográficas da feira .....	117
<b>CAPITULO III .....</b>	<b>126</b>
<b>FEIRINHA DO ESTÁDIO E A HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE EM PORTO</b>	
<b>SEGURO .....</b>	<b>126</b>
3.1 - Porto Seguro: caminhos e trajetórias da feira livre.....	126
3.2 - Memórias e representações .....	137
<b>3.3 - Formas de organização, resistência e luta em feiras livres de Porto Seguro .....</b>	<b>157</b>
3.4 - Feira livre em extinção, alteridades e violências .....	169
3.5 - E a Feirinha do Estádio? Demolição sumaria. ....	175
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....</b>	<b>188</b>
<b>FONTES:.....</b>	<b>194</b>

## **Introdução**

A Feira livre é um local de comércio popular ao ar livre, que comercializa os mais diferentes tipos de produtos. Constituído de homens e mulheres dos grupos sociais menos abastados que garante o abastecimento alimentar da população, é um ambiente de subsistência para quem ali trabalha. Um importante entreposto comercial, lugar de encontro entre feirantes e fregueses oriundos das mais diferentes localidades, que se encontram em um espaço único, capaz de expressar e deixar ver as mais diferentes formas de se relacionar, as mais diversas vivências.

### **Trajetória e objeto de estudo!**

Nos dias 07 e 08 de junho 2004, no Complexo Educacional Jequitaia, Salvador – Bahia, localizado na Avenida Frederico Oscar Pontes, ao lado da Feira de São Joaquim, uma das maiores do Estado, foi realizado o Seminário: “Feira de São Joaquim, 40 anos ‘Da Feira que temos, à feira que queremos’”. Atividade organizada pela Associação Profissional Recreativa Cultural e Beneficente dos Feirante e Ambulantes de Salvador – APFAS; Universidade Federal da Bahia – UFBA, dentre outras instituições que apoiaram o evento. Contou com a presença de inúmeras personalidades políticas, feirantes antigos, acadêmicos, historiadores, sociólogos, antropólogos e outros. Este evento constituiu-se marco importante influenciador desta pesquisa.

Neste evento a feira foi apresentada e concebida como importante espaço<sup>1</sup> sociocultural, que nas palavras do historiador Cid Teixeira (2004), constitui-se “um espaço capaz de oxigenar e dar identidade cultural a cidade de Salvador”, tendo sido apresentado como documento marco desta compreensão o laudo antropológico sobre a feira enquanto patrimônio cultural material-imaterial, do antropólogo e pesquisador Vicente Deocleciano (2004). O contato com estes intelectuais revelou um universo sobre a feira livre antes nunca pensado - enquanto objeto de pesquisa e merecedor de indagações e reflexões, que transcenderia a feira apenas como local de subsistência e vida.

Mesmo levando em consideração a importância das feiras livres enquanto objeto de estudo neste contexto, a produção sobre este tema era escassa, ainda que fossem consideradas outras disciplinas para além das fronteiras do campo da história. Mesmo considerando as plataformas digitais que nos dias de hoje são tão comuns, nos bancos de

dados das universidades e rede digital, pouca coisa existia, tornando os caminhos da pesquisa mais difícil.

Na ocasião, ao analisar a bibliografia da dissertação da historiadora, Márcia Regina da Silva Paim, “Do Sete a São Joaquim: O cotidiano de "mulheres de saia" e homens feirantes em feiras soteropolitanas (1964 - 1973)”, defendida no ano de 2005, na Universidade Federal da Bahia – UFBA, única dissertação encontrada no banco de dissertações da Biblioteca de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA em Salvador e uma das mais importantes. Foi percebido entre a vasta bibliografia utilizada pela autora, a presença da produção de apenas seis autores que tratavam sobre feiras, mercados e comércio de rua no estado, divididos entre artigos, tese e dissertação.

O interesse pela feira livre elencado como objeto de estudo parte de minha experiência pessoal, pois sendo filho de feirante, boa parte da juventude comercializei verduras na feira do Curtume e São Joaquim na cidade de Salvador. A partir da experiência da formação acadêmica em História na Universidade Jorge Amado (UNIJORGE), no ano de 2007, passei a visualizar este ambiente de forma diferente, para além do vender e do comprar da feira livre, seu significado superou a simples ideia de subsistência e renda familiar.

Desde então, as feiras livres da Bahia passaram a ser campo de meu interesse de estudo: resultando em apresentação de comunicações e publicações de artigos e resumos em eventos acadêmicos, a exemplo do texto “Políticas Públicas Municipais: Ordenamento na feira de São Joaquim (1990 – 2005)”, que apresenta e discute as políticas públicas municipais e intervenções no espaço da feira apresentado e publicado no 2º Encontro Interdisciplinar de Cultura e Educação (Interculte), realizado na Universidade Jorge Amado, Salvador, 2007. Já o texto “A trajetória histórica das políticas públicas em Salvador: um projeto higienista para a feira de São Joaquim”, debateu os aspectos higienistas das políticas públicas municipais sobre a feira e foi apresentado na I Semana Integrada de Ensino e Extensão (SIAPEX), na Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Salvador, 2008. Outro texto produzido sobre a feira intitulado: Políticas Públicas na Bahia: Ordenamento na feira de São Joaquim, foi apresentado no XX Encontro Regional de Estudantes de História do Norte e Nordeste, sediado na Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

Ao chegar à cidade de Porto Seguro, com a possibilidade oportuna de retomada dos estudos no Programa de Pós-graduação na UFSB, procurei por um novo objeto de

estudo local, capaz de substituir os estudos sobre feira livre. Contudo, ao transitar no Mercado Municipal Pedro Abade – Feirinha do Campinho e, em conversas corriqueiras com os feirantes sobre o seu cotidiano e as feiras de Porto Seguro, fui surpreendido com a história da antiga Feirinha do Estádio e seu trágico fim. Diante de tal descoberta, a feira livre mais uma vez se apresenta enquanto promissor objeto de estudo.

Assim, esta pesquisa investiga a feira livre de Porto Seguro e os impactos do projeto de modernização urbana que resultaram na extinção da Feira do Estádio no final da década de 2000. Para isso, faz-se necessário entender o modelo de desenvolvimento que atravessa e produz a sociedade brasileira e portosegurense, por meio dos discursos que legitimaram as transformações urbanas e a extinção da feirinha do Estádio.

Dessa maneira, a pesquisa se propõe estudar a Feirinha do Estádio no município de Porto Seguro-Bahia, com o objetivo de identificar as narrativas sobre a feira livre na cidade, e os impactos do projeto de modernização urbana que resultaram na extinção da feira, no final da década de 2000. Entende-se que o espaço da feira tem muito a nos dizer sobre a história política, social e cultural de Porto Seguro. No Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, este estudo localiza-se na linha de pesquisa Sociedade, Cultura e Ambiente, pois evidenciará a feira como espaço de sociabilidade, trocas culturais e o reflexo das políticas de urbanização e modernização pensadas para a cidade.

### **O contexto da pesquisa.**

Nos últimos anos, a chegada da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), à cidade de Porto Seguro, reforçou o ensino superior público na região, visto que, antes esta atribuição restringia-se a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), que há mais de duas décadas produz pesquisas na área das ciências humanas através dos cursos de Letras e História no Campus XVIII, sediada na cidade vizinha, Eunápolis. Com a oferta de cursos na área das ciências humanas e sociais e a possibilidade de produção de pesquisas acadêmicas profissionais – via mestrado e doutorado, a UFSB possibilitou uma ampliação nas reflexões proposta por alguns estudantes moradores da cidade, problematizando, questionando as contradições presentes na contemporaneidade. Assim, destacamos alguns trabalhos que sinalizam essas novas reflexões, a exemplo do trabalho em curso do historiador Gustavo Eduardo Araújo Brasil (2020), “História Ambiental de Porto Seguro: Narrativas dos pescadores artesanais (1989 – 2001)”, que visa contar a história dos

pescadores artesanais de Porto Seguro, também o trabalho já defendido do historiador Joao Rafael Santos Rebouças, “Alegorias do Descobrimento: as asas do Brasil Novo no “Raid” a Porto Seguro (1939)”, pesquisa uma Porto Seguro da primeira metade do século XX. Já a geógrafa Katia Silva Martins (2019), em sua dissertação também já defendida, “Identidades e territorialidades construídas nos bairros Campinho e Baianão e suas cartografias de vida”, discute e analisa o surgimento dos bairros do complexo do Baianão e bairro do Campinho, espaços de vivências de maior parte da população da cidade. É neste contexto de construção de novas narrativas sobre a cidade que se insere esta pesquisa. Pretende ser mais um “pedaço nesta colcha de retalhos” e se constituir como parte de uma nova história, inclusiva, reflexiva e crítica para a cidade de Porto Seguro, contrapondo a conservadora história contada pelos pelo viés da colonização.

Atualmente a cidade de Porto Seguro, situada ao Sul do Estado da Bahia, possui características singulares, com extensão territorial de 2.278 quilômetros quadrados, subdividido em cinco regiões: Porto Seguro (sede); Arraial d`Ajuda; Caraíva; Trancoso; Vale Verde. Estas subdivisões comportam mais de quarenta bairros, inúmeros condomínios além dos aldeamentos indígenas e está em constante mudança. O processo de transformação e desenvolvimento urbano nestas subdivisões se deu de forma assimétrica e desigual, privilegiando os pontos de explorações econômicas voltadas para o setor empresarial do turismo. Dessa forma o recorte espacial deste estudo compreende a Porto Seguro – Sede, local da antiga feirinha e concentra boa parte da densidade demográfica na cidade.

Diante disso, estudamos a trajetória da feira e a sua extinção, a fim de identificar os discursos construídos em torno da urbanização e modernização da cidade no final da década de 2000. Esse período pode ser caracterizado como de grande desenvolvimento econômico, social e de redução da pobreza no Brasil por meio de implantação de programas do governo federal, a exemplo do Programa de Aceleração e Crescimento (PAC). Um outro elemento importante a ser considerado foi a vinda da Copa do Mundo de futebol para o Brasil, onde algumas cidades do Estado da Bahia, dentre elas Porto Seguro, beneficiaram-se com investimentos em infraestrutura, objetivando solucionar questões como, urbanização, infraestrutura, higiene e modernização, tornando a cidade mais atrativa para a exploração de setores econômicos como o turismo e imobiliário.

Tendo em vista os aspectos culturais da Feirinha, em tempos de modernização, a

problemática que motivou essa pesquisa foi: o que a feira livre do Estádio representava para os (as) feirantes, a população do seu entorno, a gestão municipal e a imprensa portosegurense? A partir disso, busca-se compreender a aplicação do projeto de modernização urbana na cidade e como se deu a depreciação da memória da feirinha e dos feirantes, e se as referências de cidade desenvolvida, foram fundamentadas em ideais higienistas, visto que, essa é uma das práticas dos grupos dominantes para realizar a exclusão e marginalização das camadas sociais mais pobres da cidade que encontram na prática da feira livre uma forma de sobrevivência.

A breve análise historiográfica sobre feira livre, apontou a recorrente utilização da memória como fonte, seja de forma indireta, textos escritos por memorialistas, como é o caso de Francis Manzoni (2019. p. 54), que ao reconstituir parte da história dos Mercados e feiras livres em São Paulo, utiliza amplamente deste recurso, contudo segue os cuidados e rigores metodológicos inerentes a historiografia, comparando os relatos com outras fontes e documentos oficiais, bem como observando o lugar de fala do memorialista.

Assim, a oralidade se constitui como elemento catalizador, interdisciplinar, capaz de agrupar diferentes aspectos de análises, de diferentes disciplinas, e metodologias inerentes a pesquisa do campo das ciências humanas, em especial a antropologia, revelando através da memória desses agentes, histórias e trajetórias de sujeitos protagonistas na cidade, que outrora foram esquecidos. (CHATES, 2013, p. 85). A lembrança é a reconstituição do passado deve-se observar os aspectos teórico-metodológicos.

Montenegro (2010, p. 40-41), chama a atenção para o lugar de fala do entrevistador, seus interesses, bem como os cuidados no momento da entrevista. Evidencia a importância da fonte oral em pé de igualdade as outras modalidades de fontes a exemplo de documentos escritos, iconografias e literatura, não existindo hierarquia entre estes.

### **A feirinha do Estádio**

Na cidade de Porto Seguro a Feirinha do Estádio, surgiu na segunda metade da década de 1970, localizava-se ente a Rua Bernardo Spector e a Rua Joao Higinio Figueredo, (antiga rua da Vala), e ao fundo o então Estádio Municipal Antônio Carlos Magalhães. A junção do encontro destas ruas com a área do campo esportivo, resultou em uma ampla esquina, propiciando a realização da feira ao ar livre. Bem localizada, a

feirinha se desenvolveu e perdurou por mais de três décadas ajudando a servir a cidade dos mais diversos produtos e gêneros alimentícios.

Ao fundo, encostado ao muro do estádio, surgiu uma pequena ocupação, denominada como “Favelinha da Feirinha”. Nesta, residiam não apenas feirantes, mas famílias oriundas de cidades vizinhas que buscavam nas precárias moradias da favela, refúgio da crise econômica que assolava a região cacauzeira com a praga da vassoura de bruxa. Em frente às moradias, localizavam-se as barracas dos feirantes que funcionavam todos os dias da semana.

Embora a feira funcionasse de forma permanente, com barracas fixas e comercializassem comidas, bebidas, carnes, frutas e verduras ao longo da semana, o dia de maior expressão era o sábado. Neste dia, a feira se expandia, ocupando as ruas com bancas armadas e lonas estendidas no chão, a feira acontecia com maior intensidade, era o momento de reabastecer as bancas com mercadoria frescas, um evento aguardado por todos – fregueses e feirantes. Ocasão que atraía diversos feirantes de outras cidades vizinhas, os pequenos produtores oriundos da zona rural e de outros distritos, a exemplo dos feirantes de Vale Verde<sup>1</sup> e das comunidades ribeirinhas do rio Buranhen,<sup>2</sup> estes, deslocavam-se rio a baixo com barcos cheios de mercadorias: frutas frescas, hortaliças, cachaças, animais vivos e farinha a serem comercializados na feirinha. Este espaço ainda servia como ponto de encontro entre familiares e amigos que se reuniam para beber e saborear comidas “típicas” do interior como pirão, mocotó, feijoadas, moquecas dentre outras.

O colorido das bancas e barracas abastecidas com os mais diferentes produtos resultavam numa mistura de cores, de sabores, dos mais variados cheiros, preparados e expostos para melhor acolher os fregueses. Do outro lado, a freguesia atraída pelos produtos ofertados na feira deslocavam dos mais diferentes cantos da cidade, pertencentes aos diversos grupos sociais para atender o chamado dos feirantes, completavam assim, a realização da feira. Contar a sua história permitirá o entendimento de parte da história de Porto Seguro, e perceber o espaço da Feira Livre do Estádio como um lugar de expressão

---

<sup>1</sup> Um dos distritos da cidade de Porto Seguro.

<sup>2</sup> Principal Rio que corta parte da cidade de Porto Seguro, separando os distritos de Vale Verde, Arraial, Caraíva e Trancoso da parte central da cidade.

das mais diferentes formas de saberes e modos de viver, palco de importantes manifestações, propicio a observação sócio histórica.

É importante informar que nas décadas de 1980 e 1990, existiam na cidade de porto Seguro pouquíssimos supermercados. A feira era, portanto, o principal espaço de abastecimento alimentar da cidade, incluindo hotéis e pousadas deste período.

### **Transformações urbanas e feira livre**

No Brasil, a prática do comércio ao ar livre fizeram surgir algumas vilas e povoados chegando a se tornarem grandes centros comerciais urbanos. Na contemporaneidade as feiras livres ainda se constituem em um importante referencial cultural no território em que estão inseridas. (MOREIRA, 2005, p. 6). A feira livre se tornou um importante instrumento de transformações no território<sup>3</sup> em que se instalou. Fixa ou móvel, a feira cumpre um papel importante nas transformações econômicas e sociais na história de muitas cidades dentre elas destaca-se a cidade de Feira de Santana no interior do Estado da Bahia. Esta cidade, se desenvolveu a partir de uma feira e hoje é uma das maiores e mais populosas no Estado.

Durante a pesquisa sobre as feiras livres na Bahia e as políticas públicas a elas aplicadas, pude perceber permanências e rupturas no cotidiano da feira e dos feirantes ao estabelecer comparações entre estas. Cada feira se desenvolve de forma singular, interage com seu território apresentando-se como expressão cultural singular, capaz de explicitar as riquezas culturais, relações sociais e de poder manifestada sempre de forma diferenciada e própria em cada feira.

Sobre a cidade de Porto Seguro e seu desenvolvimento urbano, é possível a percepção de um processo desigual, imperioso neste espaço, quando observamos e notamos um maior avanço na urbanização, estrutura e melhor prestação de serviços em áreas pontuais, a exemplo do centro da cidade e orla marítima, dentre outros ambientes, voltados a atender o turismo. Neste sentido, indaga-se: Como a cidade se desenvolveu desde seus primeiros anos de fundação perpassando pelo século XX até os dias atuais?

---

<sup>3</sup> A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. Esta é uma outra forma de apreender o objeto da geografia. SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnicas e Tempo. Razão e Emoção. P. 384. São Paulo. Ed. USP. 2006.

Buscamos responder a partir do entendimento de que a narrativa histórica privilegiou e ainda privilegia o viés dos vencedores em detrimento dos vencidos, excluindo assim o protagonismo dos povos indígenas e negros da narrativa histórica, visto que a maioria dos feirantes são compostos por estes segmentos sociais.

Entendemos que os gestores municipais se aproveitaram de algumas “janelas de oportunidades” – momentos históricos singulares e propícios com disponibilidade de recursos públicos destinados a cidade, possibilitando investimentos federal em infraestrutura entre o fim do Século XX e princípio do Século XXI. Estes investimentos visavam fortalecer a cidade como patrimônio imprimindo um “regime de memória” pautado na história do vencedor (CANCELA. 2020). Tiveram como plano de fundo e objetivo, exaltar a ideia da cidade como patrimônio, constituindo um poderoso vetor de exploração econômica voltado para a indústria do turismo, capaz de conservar e cristalizar a memória do mito do descobrimento, este, assentado na valorização da história colonial e exclusão das contribuições de outras narrativas. Assim, os gestores utilizaram da narrativa da história oficial, suas datas comemorativas a exemplo da emblemática festa de “comemoração do Brasil 500 anos”, para atrair recursos públicos, munindo a cidade de infraestrutura necessária, e assim, fortalecer simbólica e economicamente a importante capital da Costa do Descobrimento, consolidando a vigorosa indústria do turismo, constituindo-se como a segunda cidade mais visitada da Bahia nos dias atuais, perdendo apenas para a capital, Salvador. (MARTINS, 2018. p.351).

Diante disso, a pesquisa analisou algumas das chamadas “janelas de oportunidade”, como surgiram estes momentos e de que maneira foram aproveitadas pelos gestores públicos. Para essas análises considerou-se a aplicação de grandes investimentos em infraestrutura que preparou a cidade para datas comemorativas da nação, resultando em intervenções na cidade.

Um outro elemento importante para se perceber as transformações na cidade é a partir do modelo de gestão pautado no estado. A percepção de Estado constitui-se como instrumento importante na concepção das relações sociais, culturais e de poder estabelecidas pelos grupos hegemônicos presentes no âmbito municipal. Contribui no entendimento das movimentações e articulações políticas dos setores predominantes economicamente representados pelo turismo e ramo imobiliário. Os interesses de determinados grupos podem ser percebidos através das políticas públicas aplicadas no

município; os discursos construídos e propagados por este setor; o modelo econômico e de desenvolvimento urbano programado para a cidade que impactou no cotidiano da feira livre e dos feirantes.

O modelo de Estado aqui vigente é o privatista, patrimonialista onde os interesses privados prevalecem na gestão estatal e está estabelecido no Brasil. A intelectual Lilian Schwarcz (2019. p.56), indica as origens deste patrimonialismo no Estado, desde as origens da colonização portuguesa, elemento tão forte no modelo estatal brasileiro que nem a República deu conta de superar essa questão, e que na atualidade permanece forte e latente, esta soma-se ainda a um outro problema também antigo, a corrupção.

É neste contexto do Brasil contemporâneo que observa-se uma cidade e uma feira, um lugar de vida e trabalho, espaço de relações e trocas culturais, um lugar de história.

### **A feira e seus aspectos teóricos.**

No levantamento bibliográfico realizado para esta dissertação foram encontrados uma quantidade superior a vinte textos entre dissertações, teses e livros publicados seja impresso ou em mídias digitais. Contudo, é pertinente não estabelecer hierarquia entre estes, pois cada um possui singularidades, discussões e análises diferentes no campo das ciências humanas e, de outras áreas de conhecimento realizando reflexões de grande e igual valor. Entretanto, algumas merecem destaque, pois possui um maior alinhamento, com valiosas contribuições para constituição desta pesquisa sobre a feirinha do estádio.

O primeiro texto encontrado sobre feira foi o “Laudo Antropológico da Feira de São Joaquim”, do antropólogo Vicente Deocleciano Moreira (2005), neste o autor defendia a feira de São Joaquim, como patrimônio material e imaterial para a cidade de Salvador, espaço que deveria ser preservado, importante palco da cultura popular desta cidade.

Já o artigo produzido coletivamente pelos sociólogos/as Ana Lobo, Jorge Moura e Maria Alba Mello (2002), “Um mercado persa Afro-Brasileiro”, produzido para o Centro de Planejamento Municipal (CPM), da prefeitura da cidade de Salvador, o qual a autora prestou consultoria. Neste, exaltou os valores culturais da feira de São Joaquim, o cheiro, a cor, a religiosidade a cultura e identidade do soteropolitano. O texto, cumpriu o objetivo de valorização da feira, em especial como atrativo turístico, e com isso fomentar

investimentos e intervenções do poder público neste espaço, e que anos depois se aplicou sobre a feira de São Joaquim.

Os textos de Mello, Lobo, Moura (2002) e Deocleciano (2005), dialogam no sentido de valorizar o espaço da feira como elemento importante da identidade cultural das cidades e possui como objetivo primordial subsidiar políticas públicas produzidas pelo Estado, para o espaço da feira de São Joaquim.

Paim (2005), em sua dissertação “Do Sete a São Joaquim: O cotidiano de "mulheres de saia" e homens feirantes em feiras soteropolitanas (1964 -1973)”, defendida no ano de 2005, na UFBA, traz relevante contribuição. Na produção do seu texto a autora se utiliza de fontes primárias e secundárias como fotos, jornais do período, livros de atas dos sindicatos dos feirantes; atas da Associação Comercial da Bahia; livro de registro de ocorrência policial; elabora gráficos e planilhas que auxilia na compreensão do texto além da utilização de fontes orais com entrevistas de frequentadores da feira e feirantes que vivenciaram o período investigado. Isso a fim de reconstituir o cotidiano de homens e mulheres sobre a feira, analisando o contexto em que estes sujeitos estão inseridos, evidenciando os aspectos político, social, econômico e cultural de uma Salvador que foi assediada por uma forte conjuntura desenvolvimentista.

Nessa perspectiva o texto de Paim (2005), torna-se importante para a historiografia baiana, visto que, este é um de poucos com essa envergadura no campo da história que possui como plano de fundo a feira de São Joaquim. Recompondo ainda, parte significativa da história do cotidiano e sociocultural da Bahia devido ao importante papel político, econômico, social e cultural que a feira de Água de Meninos, e posteriormente a de São Joaquim, teve para a cidade de Salvador. Assim, a feira se estabelece num rico ambiente de trocas culturais e sociais capaz de oxigenar a identidade cultural na capital baiana que pode ser observado no cotidiano de homens e mulheres que compuseram parte da história da Bahia.

O artigo produzido pelos geógrafos Patrícia Tereza Vaz Boechart e Jaqueline Lima Santos (2017) denominado “Feira Livre: Dinâmicas espaciais e relações identitárias”, trata da feira de Santo Antônio de Jesus-BA. Faz um debate conceitual importante sobre a concepção de espaço, tendo como referência Milton Santos e David Harvey. Faz uma análise importante dos impactos da feira no cotidiano da cidade nos dias em que acontecem a feira, a percepção de aspectos positivos que atraem os consumidores

de diferentes localidades, as trocas entre feirantes e consumidores, caráter identitários presentes na feira, utiliza gráficos e dados coletados na pesquisa, que usa a metodologia de questionário.

Os também geógrafos Luís Paulo Ferreira e Roberto Ortiz Paixão (2017), contribui com seu artigo, “Uma Contribuição Geográfica aos Estudos das Feiras livres no Espaço Urbano de Campo Grande – MS”. Em texto revelam os transtornos da feira em espaços urbanos na cidade de Campo Grande tendo como recorte mais detido a feira livre do bairro Coophavila II, região urbana da Lagoa. Os autores enfocam e priorizam os impactos, os danos causados pela realização da feira livre em espaços inadequados, resultando em o acúmulo de resíduos sólidos ao final da feira e ao meio ambiente. A ocorrência de congestionamento do trânsito e a ocupação desordenada de espaços públicos e calçadas dentre outros males. Tem a intervenção municipal verticalizada como positiva, registra e destaca as leis municipais com intuito de regulamentar e restringir a feira longe de certos espaços como escolas igrejas prédios públicos dentre outros.

Os textos dos geógrafos Boechart e Santos (2017), e Ferreira e Paixão (2017), possuem em comum uma importante preocupação: analisar os impactos da realização da feira nas vias públicas de grande circulação. Evidenciam os efeitos colaterais da realização da feira nos espaços públicos e como estes efeitos – congestionamentos, produção de resíduos ao final da feira, efeitos de atrair grande número de pessoas no mesmo local que são articulados pelos gestores para legitimar intervenções como ordenamento, padronizações, realocação, ou até mesmo, a extinção deste evento.

A produção coletiva apresentada no I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, pelos estudantes: Vítor Cardoso da Silveira, Emilly Santi de Oliveira, Natália Fernandes F. Silveira e Milton Augusto Pasquotto Mariani (2017), com o título “Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina – MS”, estabelece a relação da feira livre com o campo em especial a agricultura familiar, e como esta contribui para o abastecimento de alimentos da cidade. A relação de formulação de preços e a relevância da feira livre como elemento capaz de proporcionar qualidade de vida através dos produtos nela comercializados. Estes, por sua vez, pode ser relacionado com a recente publicação da obra de Francis Manzoni (2019), “Mercados e feiras livres em São Paulo”, que revela um “Brasil sem agrotóxico”, abastecida por pequenas chácaras dos arredores

da embrionária cidade de São Paulo nas primeiras décadas do Século XX, (MANZONI 2019, p. 60).

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (2009), no artigo intitulado “As feiras livres Nortistas Portuguesas e Nordestinas Brasileiras como lócus de trabalho informal, e de bens simbólicos na contemporaneidade”, trata de um estudo comparativo entre as Feiras Nortistas Portuguesas e Nordestinas Brasileiras, com marco temporal datado de 1985-2010. Neste a autora desenvolve a tese de que: a sobrevivência das feiras se manteve na contemporaneidade a partir da relação dialética entre as mudanças e continuidades, bem como as estratégias de resistência e de adaptação construídas pelos sujeitos no contexto da globalização (FONSECA ARAÚJO, 2009, p. 833). Este artigo é relevante pois traça uma metodologia comparativa entre duas feiras, uma secular em Portugal, e outra no Brasil – São Joaquim. Ressalta a importância da feira para o Estado como espaço de desenvolvimento econômico por meio do turismo, a importância dos saberes populares que dialogam com os saberes do povo do campo. Relata como estas feiras resistem ao tempo e as intervenções da modernidade.

Márcio Nicory Costa Souza (2010), em dissertação de mestrado “A Teia da Feira: Um Estudo Sobre a Feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia”. Analisa a feira de São Joaquim e sua relação com Recôncavo Baiano por meio da Baía de Todos os Santos, estabelecendo uma teia de saberes por meio das trocas comerciais. Entende a feira com espaço de resistência e espaço de criação de mecanismos de defesa dos que dali sobrevivem.

Pochat (2014), em artigo faz uma abordagem teórica, sonoplasta de como os sons da feira podem ser transformados em música. “A feira livre emana cheiros, cores e sons (...). Os sons a depender do horário, já anunciam as boas oportunidades de compra” (SATO, 2012, p. 25). Utilizando técnicas e metodologia específica da área de música Pochat, enquanto pesquisador e músico, se embrenhou na feira de São Joaquim, com intuito de captar os sons emitidos no interior desta, gravando, o modos de falar, os sotaques, as gírias, o mercadejar, as diferentes formas de se relacionar com os fregueses, os sons do “ranger” do carrinho de mão e dentre outros diferentes sons do ambiente da feira. Obtendo como resultado destas misturas, revelar a riquezas da cultura da feira e dos feirantes constituindo assim, música.

Já na dissertação de Ana Claudia V. de Sá Teles (2006), “Hábitos Higiênicos: uma Etnografia da Higiene na Feira do Japão, Liberdade”, a riqueza está na área de formação

e atuação da autora – Sanitarista, bem como o programa que acolheu e desenvolveu o projeto de dissertação – Instituto de Saúde coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste a autora realiza um brilhante trabalho, analisando a concepção de higiene na visão do feirante, na visão da fiscalização da prefeitura, da visão antropológica, ao final, analisa a relação entre essas três visões. Propõe um debate conceitual sobre a ideia de higiene na história, como a ideia de higiene está diretamente relacionada com as práticas sociais inerentes a cada período histórico, e sofre transformações ao longo do tempo (TELES, 2010, p .27).

Trabalhos como o artigo de Pochat e a dissertação de Teles, ilustram o quanto o espaço da feira livre se constitui em palco para as mais variadas reflexões, questionamentos e possibilidades de pesquisas nas mais variadas e diferentes áreas do saber científico.

Já o livro do historiador, Francis Manzoni (2019), “Mercados e feiras livres em São Paulo”, se propõe a analisar a formação dos mercados e feiras livres na cidade de São Paulo, num conturbado contexto de transição do Século XIX para o Século XX. Revelando as estruturas mentais do período, que propôs o desenvolvimento da cidade pautado em moldes europeus permeado por uma ideologia higienista, características que nortearam as políticas públicas dos gestores municipais do período.

Ao expor as relações de conflitos e imposições do poder público aos vendedores de rua e feirantes, o autor revela as formas de organização do abastecimento da cidade e os investimentos na promoção a feira livre e a construção de mercados municipais. Contudo, a maior riqueza narrada na obra é o conjunto de abordagens que indicam a origem dos feirantes, da beleza do cotidiano, das formas de resistência e luta, bem como estratégias de sobrevivência destes homens e mulheres negros e brancos pobres, excluídos da sociedade paulista.

A psicóloga Leny Sato (2012), em seu livro, “Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade”, cujo objetivo do estudo, seria “investigar os processos cotidianos que organizam o trabalho na feira livre”. Neste, a autora se utiliza da psicologia social para entender a organização do trabalho no espaço da feira livre na cidade de São Paulo, bem como, esta se constitui em um importante espaço de sociabilidade. Um trabalho de caráter interdisciplinar, pois a autora se utiliza não só de bibliografia das áreas da sociologia, antropologia constituindo uma leitura pautado observação com caráter etnográfico, mas também da história, se utilizando de jornais, fotos e documentos como fontes. Constituindo assim, uma psicologia social da feira livre na capital paulista.

Ente os mais de vinte textos pesquisados que versam sobre o tema feira livre, as produções de Manzoni (2019), Leny Sato (2012), Teles (2006) e Pochat (2014), chamam à atenção. Teles sanitarista, Pochat músico, se destacam pela singularidade do tema e das abordagens sobre a feira, dialogando com suas áreas de formação acadêmica. Manzoni e Sato, destacam-se, pois, suas obras refletem esforço e investimento na publicação de obras impressas e, portanto, a possibilidade de aumento dos interesses acadêmicos e de pesquisa para o tema feira livre.

Os estudos higienistas de Teles (2006), sobre a feira do Japão do bairro da Liberdade na cidade de Salvador; a constituição musical de Pochat (2014), sobre a Feira de São Joaquim, em Salvador; a recente obra historiográfica de Manzoni (2019), contexto de transição do século XIX para o século XX, na embrionária São Paulo; e a psicologia social de Sato (2012), na capital paulista, dentre outros trabalhos aqui já citados, pode ser considerado como reflexo da riqueza e das potencialidades da feira livre para pesquisa no Brasil.

Entre nós, a prática da feira ao ar livre transcende o tempo e espaço, “tradição” trazida pelos invasores portugueses, perpassa os quinhentos anos de ocupação. Hoje as feiras podem ser consideradas herdeiras deste acúmulo histórico, das práticas do vender, do se relacionar e comercializar ao ar livre, tão comum e presente nas cidades onde quer que se vá. Mas como pesquisar um objeto tão comum e presente no cotidiano e na vida das cidades da Bahia? O que se falar, que antes não tivesse sido dito?

Sato (2012), nos mostra que embora a prática da feira livre seja tão comum e presente no cotidiano das cidades, cada prática traduzida em cada feira possui diferença em relação às outras, pois agrega valores locais do território onde está inserida.

Assim, é possível a compreensão de que não existem feiras iguais, as práticas do vender, do comprar, do mercadejar variam de acordo com os feirantes, o território, o espaço e os frequentadores. Cada feira pode ser concebida como objeto único, capaz de revelar e responder questionamentos diferentes e singulares aos olhos atentos do pesquisador, pois cada feira possui como destaca a autora - “espírito”. (SATO, 2012, p. 31-32).

Paulo Santos Silva (2011), ao fazer um breve balanço das tendências nas produções historiográficas nos últimos cinquenta anos na Bahia, reflete sobre a importância destas. Entende que cada texto, cada autor em suas narrativas e estudos contribui de forma diferente para o melhor entendimento da história e do complexo

território das feiras. (SILVA, 2011, p. 86). Como uma colcha de retalhos, cujo objetivo maior seria o conhecimento científico interdisciplinar.

Esta variedade de pesquisas realizadas sobre feira de diferentes áreas de conhecimento e múltiplos territórios, nos revela um primeiro elemento fundamental: a feira é um objeto a ser analisado e entendido de forma interdisciplinar.

Dessa forma, entende-se que, na atualidade o pesquisador que se debruce sobre as feiras, possui um caminho menos “pedregoso”, devido a “pavimentação” feita por pesquisadores que ao longo da última década contribuíram na constituição de estudos nas mais variadas abordagens, nos diferentes campos e disciplinas, narrando diferentes histórias das feiras, seja no estado da Bahia ou em âmbito nacional. Contribuições teóricas, metodológicas, conceituais de diferentes campos de saberes, seja da geografia, da antropologia, da história, da sociologia do turismo, do marketing, da saúde, da área sanitária, musical, dentre outro, perfilam-se ombro a ombro, horizontalmente, dando musculatura e subsidio a pesquisas sobre as Feiras.

## **A Pesquisa**

A pesquisa foi dividida em três fases, a primeira, foi pautada no levantamento e revisão bibliográfica sobre feira livre e a cidade. Estudamos nesta fase as publicações que discutem a constituição do território de Porto Seguro bem como os valores sociais e culturais vigentes na cidade e como estes valores se apresentaram no contexto nacional e local da década de 2000. Esta fase foi bem produtiva, a maioria dos textos foram acessados de diversos arquivos digitais. Boa parte destes foram catalogados no período de cumprimento de créditos das disciplinas. Neste momento, foi realizado a pesquisa as mídias digitais que noticiaram sobre os fatos ocorridos na cidade a exemplo dos jornais, *Atlanta News*, *Radar 64* e *Jornal O Sollo*.

A segunda fase, dedicada à pesquisa documental, foi dedicada a fontes documentais às visitas ao acervo do Jornal do Sol – importante mídia impressa, presente na história da cidade desde o início da década de 1990, ao período da pesquisa. Este periódico imprime mensalmente uma publicação que é de grande capilaridade e influência na cidade, possui uma política editorial coerente, sem vínculos aparente a grupos políticos locais permitindo a expressão de diferentes debates em suas pautas mensais, portanto a consulta ao acervo deste jornal foi fundamental para esta pesquisa. Este momento da pesquisa foi bastante denso com sucessivas visitas a sede do *Jornal do*

*Sol*, mas muito proveitoso devido ao acolhimento da equipe editorial representada aqui pela Jornalista Hilda Rodrigues e a disponibilidade e a organização do acervo do jornal.

Os elementos norteadores da investigação sobre as fontes jornalísticas, sejam impressas ou digitais, foram observar conteúdos relativos a feira do Estádio e as transformações urbanas ocorridas na cidade que ajudaram a entender o contexto da década de 2000. Todo material de interesse da pesquisa foi fotografado e registrado com o celular pessoal e armazenado e analisado em um computador.

O acesso ao jornal *Topa Tudo*, importante impresso, porém, já extinto, se deu de forma espontânea e inesperada. A partir do contato com os feirantes que possuíam recontes destes jornais com matérias sobre o período específico da demolição da feira.

Neste momento é importante relatar que a maioria dos documentos e informações sobre a feira foram acessadas diretamente nos arquivos da Associação dos feirantes cedidas pelo Sr. Niraldo Xavier – atual presidente. Foi tentado o acesso a documentação no escritório administrativo do Estádio Municipal com intuito de coletar informações oficiais sobre o local, sem êxito e na Câmara de vereadores onde com muito custo tive acesso as atas das sessões ordinária da Câmara do período de 2008 a 2012. Estes momentos narrados até aqui compreende o período anterior ao contexto da pandemia do Covid 19.

Ainda na segunda fase da pesquisa compreendia a coleta de fonte oral com as entrevistas dos feirantes e moradores que presenciaram o contexto da demolição da extinta Feirinha. Buscando entender suas narrativas e impressões sobre a feira e o momento da demolição. Contudo, fomos surpreendidos pela Pandemia, momento bastante conturbado e incerto na pesquisa, as entrevistas foram suspensas. Sendo retomadas ao final do ano de 2020, sendo possível entrevistar 04 feirantes e dois moradores. As entrevistas ocorreram no espaço do atual Mercado Municipal em dia de feira, com o uso de celular como gravador.

Assim, os elementos pensados para esta pesquisa se completaram possibilitando o cruzamento de dados com o que foi publicado sobre a feira, a exemplo das críticas jornalísticas, as atas da câmara de vereadores, permitindo o diálogo entre as fontes orais e escrita.

A terceira e última fase da pesquisa constituiu na análise das informações e fontes apuradas. Esta fase foi dedicada ao cruzamento destas fontes e dados às bibliografias, objetivando identificar nas análises o discurso e representações utilizado pelo Estado, pelos intelectuais nas mídias e dos feirantes através dos jornais e das entrevistas, sobre a

Feirinha e o processo de urbanização da cidade. Tal metodologia abrange o debate historiográfico e o trabalho empírico da pesquisa.

A proposta de estrutura de dissertação, está dividida em introdução, três capítulos, e considerações finais conforme apresentado no Sumário, as discussões destes estão distribuídas da seguinte forma:

O capítulo I, se propôs a discutir alguns aspectos do processo de desenvolvimento urbano na cidade de Porto Seguro como as transformações físicas e estruturais, os equipamentos que indicam essa ampliação bem como o papel simbólico destes. A partir da bibliografia e dos dados encontrados percebemos que a ideia de desenvolvimento presente na cidade se pautou inicialmente a partir da valorização do mito do descobrimento e patrimônio da nação, concebendo a cidade como monumento e com o tempo cidade turística. Estes aspectos favoreceram o município com atenção do governo federal atraindo infra estruturas aos espaços que se ligavam a estas narrativas iniciada no século XIX.

A análise das informações permitiu ainda perceber alguns impactos na vida da população pobre nativa com a geração de exclusões da maioria dos moradores nos aspectos representativo, simbólicos e culturais, com a marginalização da história e memória dos povos indígenas e negros. Essa marginalização se manifestou também no plano material com a condução destas pessoas para fora dos espaços centrais na cidade. Assim, foi possível perceber a existência de duas cidades: a do turista e da história oficial bem estruturada e a cidade dos moradores com pouca ou nenhuma estrutura.

No capítulo II, discutimos os aspectos geográficos da feirinha do Estádio. Propomos a construção de uma cartografia a partir da concepção da feira no olhar dos feirantes, não só como espaço de comércio, bem como de moradia. Para isso, partimos de um Relatório Fotográfico produzido pelos feirantes contendo as fotos de cada imóvel da feira antes da demolição, dados expressos no *Jornal do Sol* e de informações dos feirantes sobre a geografia interna e externa da feira. Assim, localizamos a feira na geografia da cidade com a construção de um mapa da parte interna, descrevendo como os imóveis se acomodavam no espaço e os traçados internos da feira antes de ser demolida. Com o intuito de ilustrar o espaço da feira, foi adotado uma descrição e análise densa, exaltando os detalhes das fotografias dos imóveis e espaços internos da feira. Um local extinto que só existe na memória dos feirantes e dos moradores que viveram no contexto da antiga feira. Neste capítulo foi enfatizada a parte fixa da feira, ainda assim foi possível perceber

o quanto a mesma era diversa, com a venda de uma grande variedade de produtos e oferecimento de serviços a cidade. Foi possível ainda, evidenciar as precariedades e abandono os quais o espaço da feira e os feirantes foram submetidos, mas também a beleza do cotidiano de uma Porto Seguro de outrora, uma cidade arborizada e pacata. No cruzamento destas informações somados aos dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do período, estabelecemos um quantitativo de famílias e posteriormente populacional do espaço da feira. Constatando que a demolição da antiga Feirinha impactou diretamente um considerável número de pessoas que ali viviam e retiravam o sustento.

Já no capítulo III, reconstruímos uma história das feiras livres no centro da cidade de Porto Seguro, a sua trajetória, os diferentes espaços onde foi alocada ao longo do tempo até chegar ao foco central deste estudo a Feirinha do Estádio, sua configuração final, o enredo dos momentos finais e posteriormente a extinção. Realizar uma abordagem que discuta e enfatize os aspectos culturais da feira, as vivências, valorizando as narrativas dos feirantes, as relações sociais e de poder presente neste espaço, para isso a fonte oral é de fundamental importância. Neste, os conhecimentos adquiridos cursando as disciplinas de Antropologia foram fundamentais dando subsídio teórico metodológico. Sobre a extinção da feira retornaremos a exaltar a narrativa dos feirantes, propondo neste momento realizar o que Clifford Geertz (2008), chama de “descrição densa” com intuito de transcrever a memória deste dia trágico para os feirantes. Neste percurso entendemos que a Feira do Estádio foi um espaço intencionalmente abandonado pelo poder público, pois não havia interesse na permanência da feira no centro da cidade ou próxima ao Estádio. A partir dos indícios presentes no *Jornal do Sol* percebemos o interesse por parte da gestão municipal em remover a feira daquele local. Contudo, neste mesmo jornal também evidenciaram as formas de luta e resistência dos feirantes por suas moradias e subsistência bem como a relevante importância da feira na política local. Percebemos ainda que mais uma vez a feira esbarrou nos interesses da cidade voltada para os negócios do turismo. Pois com a chegada dos jogos da Copa do mundo de 2014, e a possibilidade de se tornar um Centro de Treinamento e a atração de turistas, como aconteceu, a expulsão da feirinha se tornou urgente para a gestão municipal.

O estudo da feirinha do estádio sobre o prisma do historiador é capaz de revelar parte da história da cidade de Porto Seguro recente ainda não contada, evidenciando a

importância deste espaço na compreensão do desenvolvimento urbano, das relações sociais, culturais e de poder expressa no ambiente da feira livre na cidade.

## CAPÍTULO I

### **Urbanização, Feira Livre e a Constituição Do Território Portosegurense.**

Na formação do território de Porto Seguro prevaleceu uma narrativa que privilegiou o mito de fundação da nação. Este elemento influenciou o modelo de desenvolvimento urbano, econômico e social na cidade, sufocando e oprimindo outras narrativas que não contemplasse a narrativa oficial. Dessa forma, este capítulo pretende evidenciar como esta narrativa ganha força no contexto de formação do estado nação e chega ao século XX, influenciando no desenvolvimento urbano na cidade e impactou o cotidiano da feirinha e dos feirantes do Estádio.

Para isso faz-se necessário entender alguns conceitos e ideias oriundas ainda do século XIX, como modernização e seus desdobramentos, a exemplo: das ideias de civilização, progresso, higiene, urbanização e desenvolvimento. Neste contexto é importante notar como os elementos simbólicos do invasor são construídos e proferidos, constituindo a ideia da cidade como símbolo e patrimônio para nação, estes elementos foram articulados para erigir a atividade do turismo, que a partir da consolidação deste, ora influencia, ora controla a gestão municipal na defesa de seus interesses. Assim, para ampliar a atração de turistas e lucro este setor promoveu a manutenção dos símbolos do colonizador já estabelecidos e os colocou em diálogo com as pautas nacionais no período da década de 2000, a exemplo da atração de recursos e turistas oriundos de eventos esportivos como a Copa do Mundo 2014. Estes fatores irão impactar drasticamente na vida da feira do Estádio e acentuar as desigualdades no território.

#### **1.1- “Cidade imaginária”: Varnhagen e a constituição da história do vencedor.**

Nos anos 1850, Varnhagen desenhará o perfil do Brasil independente, oferecerá à nova nação um passado, a partir do qual elaborará o futuro. (REIS, 2006, p. 24).

A proposta de Francisco Adolfo Varnhagen para a historiografia do Brasil, teve expressivo êxito, influenciando nas produções de diferentes gerações de intelectuais. A partir da construção de um imaginário pautado num mito de fundação da nação, alicerçado em referenciais coloniais enquanto espectro da mentalidade das elites, dos intelectuais e dos governantes e que permaneceram na construção historiográfica ao longo do século XX. No enredo de fundação do jovem Estado nacional brasileiro, os grupos

dominantes entendiam que: “A nação recém-independente precisava de um passado do qual pudesse se orgulhar que lhe permitisse avançar com confiança para o futuro” (REIS, 2006, p. 25).

A constituição dessa nova nação precisava ultrapassar o ambiente das elites e alcançar os setores mais populares, menos letrados, afirma José Murilo de Carvalho, e para isso a ideia de lançar mão de imagens, alegorias e símbolos nacionais foi utilizada.

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. E por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. (CARVALHO, 2005, p. 10).

Este autor, ao analisar a importância do papel do imaginário na formação da República brasileira, aponta elementos importantes, como: identidade de um povo, seus objetivos, além da organização do passado presente e futuro. Portanto é possível o entendimento do imaginário como um pilar importante na constituição da nação. A cidade de Porto Seguro se tornou terreno fértil para propagação da narrativa histórica proposta por Varnhagen, bem como a partir da perspectiva proposta por Carvalho, podemos perceber como o imaginário regional nutriu-se destes elementos para se desenvolver.

O modelo de sociedade indicado por Varnhagen ganha força a partir de um contexto de formação dos estados nacionais e do nacionalismo vivenciado no Brasil do século XIX. Assim, ao refletir sobre o nacionalismo numa perspectiva antropológica, o historiador Benedict Anderson, define a nação “como uma comunidade política imaginada, sendo intrinsecamente limitada e ao mesmo tempo soberana. Essa essência da nação consiste em que todos tenham muita coesão em comum”. Imaginada porque nenhum membro jamais conhecerá, encontrará ou falará com seus irmãos, mesmo tendo viva a imagem da comunhão vivida entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32). Essa imaginação proposta por Anderson, foi bem construída e aplicada por profissionais e intelectuais no Brasil do século XIX, dentre eles Varnhagen.

A construção de uma memória nacional visou exaltar os feitos do colonizador, contudo, mais importante que essa exaltação, seria o esquecer, ocultar os conflitos, as diferenças, os massacres dos índios e a crueldade da escravidão na colonização. Neste sentido é importante refletir sobre o papel do esquecimento de massacres e tragédias

nacionais que não contribuísem para a formação de um dos pilares do nacionalismo – a identidade. (ANDERSON, 2008, p. 273-274).

Este autor ao analisar a formação dos estados nacionais e do nacionalismo na Europa aponta para uma campanha historiográfica sistemática, empreendida pelo estado francês, sobretudo por meio do ensino escolar público, incutindo na memória da sociedade europeia uma “história familiar”, sem conflitos, no lugar da história real repletas de violências e carnificinas provocadas por guerras fratricidas.

As nações europeias visaram ocultar ou reformular as histórias sangrentas e conflituosas. Já entre os norte-americanos, de forma semelhante, a história foi construída com o intuito de suavizar os conflitos colocando os negros e índios como irmãos, lutando lado a lado, assim foi construindo-se uma imagem nas novelas e cartazes da época. O autor ressalta ainda a importância do simbólico, como elemento de interação que fortalece e corrobora para uma identidade nacional. Esta forma de construir uma nação será ajustada a outras realidades de diferentes nações. (ANDERSON, 2008, p.35). Ou seja, outras nações também passarão por procedimentos semelhantes diante do processo de formação da nação, dentre eles o Brasil.

Neste sentido é fundamental ter a compreensão do simbólico e do poder simbólico como importante ferramenta de dominação, na criação, promoção e explicação do universo, como preconiza Roger Chartier e, a partir destas ferramentas entender o mundo do dominador português. Para este intelectual, o símbolo ou simbólico serão “todos os signos, actos ou objetos, todas as figuras intelectuais ou representações coletivas graças aos quais grupos fornecem uma organização conceptual ao mundo social ou natural, construindo assim a sua realidade apreendida e comunicada.” (CHARTIER, 2002, p.19).

Já Pierre Bourdieu, ao refletir sobre o mundo simbólico define “os diferentes universos simbólicos, língua, religião, arte e ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas”. (BOURDIEU, 1989, p. 08). Logo, ao observar o uso destes sistemas simbólicos propostos por este intelectual, e aplicá-lo de forma analítica para entender a história do Brasil – é possível a percepção de como a arte, a ciência, a língua, a religião foram utilizados a beneficiar uma explicação de sociedade que naturaliza, prevalece e justifica a supremacia do colonizador.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim, chama

de *conformismo logico*, quer dizer, <<uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa que torna possível a concordância entre as inteligências>>. (BOURDIEU, 1989, p. 09).

O poder dos símbolos nacionais foi capaz de unificar a nação, e estabelecer uma identidade nacional como fundamental. Pois, as contradições e conflitos inerentes as nações não advogam a favor da formação da pátria. Simultaneamente, os conflitos, os massacres dos índios, a escravização dos negros pelos colonizadores portugueses, se constituiu por meio de uma narrativa mitigada, suave, exaltando uma convivência amistosa entre estes. É possível afirmar que sobre essa lógica foi construída a escrita da História do Brasil. Dessa forma, é aceitável o entendimento da importância do simbólico como ferramenta para se entender a realidade social, bem como as relações de poderes estabelecidas.

O teórico da cultura e sociólogo Stuart Hall, (2006, p. 48), afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Elementos como alfabetização e criação de unidade linguística, criação de mitos fundadores, heróis nacionais e símbolos são fomentados para fortalecer, garantir e consolidar a identidade nacional.

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representam em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. (HALL, 2006, p. 49).

Para construção do “sistema de representação e formação de “uma comunidade simbólica” a qual Hall se refere aqui é possível identificar e relacionar o papel de uma importante instituição criada no Brasil em meados do século XIX. Trata-se do Instituto Histórico Geográfico do Brasil, criado como “importante capital para construção da história brasileira” e agrupava um conjunto de intelectuais profissionais, engajados na construção da história da nação. Contudo, o pioneiro e grande sintetizador da história do Brasil, símbolo do pensamento do século XIX, foi o historiador Varnhagen, o “primeiro inventor do Brasil”. Segundo Carlos Reis, (2006, p. 28), que afirma:

Eis a história de que o Brasil recém-independente precisava, ou seja, de que as elites brasileiras precisavam para levar a diante a nova nação, nos anos 1840-60. Uma história que realizasse um elogio do Brasil dos seus Heróis portugueses do passado distante e recente, que expressasse uma confiança incondicional em seus descendentes. Uma história que não falasse de tensões, separações, contradições, exclusões, conflitos,

rebeliões, insatisfações, pois uma história assim levaria a Brasil à guerra civil e a fragmentação; isto é, abortaria o Brasil que lutava para se constituir como poderosa nação.

O olhar da história do Brasil é, a partir desta perspectiva, portanto, português. Para Varnhagen a colonização foi positiva e necessária. Não restava aos negros e índios nada além da subjugação diante da superioridade branca. Para este, o vencedor tem todos os direitos.

Vencedor, o português impôs a sua superioridade étnica, cultural e religiosa. Aliás, se o português venceu militarmente os seus adversários, se conquistou seus territórios e os escravizou e exterminou, é porque é superior. Eis o seu silogismo (ou sofisma?) básico! A vitória confirma uma superioridade presumida. E, se na luta colonial os brancos venceram, a jovem nação quer ser também vencedora e se identifica étnica, social e culturalmente com o branco. Foi este quem trouxe a civilização europeia superior – a lei, o rei, a fé, a razão. Os brancos são portadores de tudo aquilo de que uma nação precisa para se constituir soberanamente. Aos vencidos, resta a exclusão, a escravidão, a repressão e a assimilação pela miscigenação, isto é, pelo branqueamento racial e cultural. (REIS, 2006, p. 33-34).

Envolvido pelas teorias biológicas, deterministas e raciais do período, Varnhagen, acreditava que por meio da assimilação a supremacia branca superaria não só as contribuições culturais do negro e do índio, mas também, por meio da miscigenação, produziria o branqueamento racial no futuro da nação.

Por advogar em prol de uma história do colonizador e do descobrimento como fatores positivos, este intelectual exaltava a região de Porto Seguro como símbolo de nascimento da nação, pois foi nesta região que Cabral aportou e iniciou a “heroica” e “vitoriosa” colonização portuguesa. Varnhagen não foi o primeiro a exaltar a região de Porto Seguro como local do descobrimento, mas é o intelectual que construiu a narrativa que melhor atrelou e consolidou a memória e “imagem” do descobrimento do Brasil a futura cidade de Porto Seguro. (CANCELA, 2018, p. 125).

As prospecções de Varnhagen, não se confirmaram da forma como o mesmo almejava, contudo, seus ideais prevaleceram na sociedade no plano político, simbólico e cultural. Político pois no país, ainda nos dias atuais, predominam os privilégios da “branquitude” e sendo os espaços de poder ocupados majoritariamente por brancos, enquanto negros e indígenas em sua imensa maioria ocupam espaços subalternos.

Os efeitos deste projeto de nação patrimonialista e hierarquizada são bastante fortes, os quais até os dias atuais possuem desdobramentos graves na sociedade brasileira,

“nosso presente está cheio do passado”, racista e patrimonialista. Como mostra Lilian Schwarcz “o patrimonialismo é uma herança da nossa história pregressa, a desigualdade foi consequência da escravidão, e ponto-final.” (2019. p. 19). A autora afirma ainda a existência de uma sociedade hierarquizada, onde a população de baixa renda passou impedimentos históricos, sendo expostos a uma cidadania precarizada e atribui a estes fatores ao sistema escravocrata colonial. (SCHWARCZ, 2019, p. 56).

Além do recorte racial presente no debate realizado pela autora, ela contribui ainda indicando as origens de uma sociedade patrimonialista, que remonta ao período da colonização escravocrata:

(...) o patrimonialismo, é resultado da relação viciada que se estabelece entre a sociedade e o Estado, quando o bem público é apropriado privadamente. Ou, dito de outra maneira, trata-se do entendimento, equivocado, de que o Estado é bem pessoal, “patrimônio” de quem detém o poder. (SCHWARCZ, 2019, p.56).

A apropriação do bem público em favor de setores privados é uma prática recorrente de longa data no Estado brasileiro. Na cidade de Porto Seguro esse elemento vai ser representado por políticos tradicionais e pelo setor empresarial do turismo.

No campo simbólico e cultural a narrativa do branco vencedor ainda triunfa, sua história e seus heróis são exaltados. Mesmo levando em conta o que o antropólogo Nestor Garcia Canclini, nos revela sobre o “hibridismo cultural”

Sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. O que significa para as culturas latino-americanas que países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades concentrem agora 60 ou 70% nas aglomerações urbanas? Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. (CANCLINI, 1997, p. 2).

Este autor atribui ao hibridismo cultural dois fatores principais: o adensamento dos centros urbanos em detrimento do mundo rural, e o papel da mídia e da circulação de informações, com isso resultando em intensas trocas culturais. Inspirados em Canclini e suas ideias para refletir a realidade do caso de Porto Seguro é possível notar uma forte predominância da mentalidade colonial nas relações de poder, na organização da sociedade como o universo do vencedor sobrepõem as outras ascendências da nação brasileira. Os símbolos e narrativas presentes no cotidiano na Costa do Descobrimento

indicam o prevaecimento da história do vencedor branco sob os vencidos, as populações negras e indígenas.

Dessa forma percebe-se a vitória da narrativa construída por Varnhagen, quando se observa os nomes de ruas e avenidas espalhados pela cidade, as marcas do dominador. As principais vias da cidade remetem-se ao “descobrimento”, foram batizadas como; Avenida dos Navegantes; Rua 22 abril; Passarela do Descobrimento.

Já os monumentos e estátuas presentes representam a alienação imposta e vivida na cidade: logo na entrada da parte baixa o visitante se depara com uma “imponente” estátua em metal de um homem branco, sob uma bancada de mármore, o que seria o “descobridor do Brasil” Pedro Alvares Cabral, apontando para o centro da cidade, em seu entorno as Cruzes de Malta, símbolo do império português ornamentam e envolvem o monumento (Imagem 01).



Imagem 01 - Estátua de Pedro Alvares Cabral, Fotografia do autor, 2020.

Cabral aponta em direção à Praça do Relógio<sup>4</sup> a alguns metros à frente. Nesta ainda, ficava o busto do Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República Federativa do Brasil, o busto do marechal foi furtado e o relógio foi depredado e removido do local, restando apenas vestígios de sua existência.

A poucos metros da estátua de Cabral, está localizada a praça das Pitangueiras<sup>5</sup>, logo abaixo na Imagem 02. No seu centro, um monumento grandioso se destaca, uma espécie de altar com uma cruz em madeira enfincada, demarcando o local onde se realiza anualmente a Missa do descobrimento, simbolizando a primeira missa realizada no Brasil. Ainda esta praça contém um monumento em cobre representando o rosto de Cabral, fixado em uma pedra, nota-se também pinturas e decorações com a Cruz de Malta. Estes itens mostram a harmonia simbólica e a interação do império colonial português e da Igreja Católica presentes na cidade. Evidenciando como a presença dos invasores portugueses, e as “sementes” de Varnhagen e do IHGB foram eficazes nos planos, simbólico, cultural e político da história da cidade de Porto Seguro, chegando até o contexto atual com bastante força.

---

<sup>4</sup> A Praça do Relógio foi batizada com este nome devido ao contexto pré-comemorações do “Brasil 500 anos”, quando foi posicionado um relógio estabelecendo uma contagem regressiva até o dia da comemoração da festa.

<sup>5</sup> A Praça da Pitangueiras recebeu este nome devido as inúmeras árvores de pitanga (*Eugenia uniflora*) que possui.



Imagem 07 – Praça das Pitangueiras – Fotografia do autor, 2020.

Deste culto a memória dos vencedores ao personalismo, as grandes figuras públicas da história oficial se materializaram no município por meio dos monumentos através de faces e bustos de personalidades públicas da política municipal. Isso é notório quando se observa logo abaixo o monumento em homenagem ao ex-prefeito Manoel Ribeiro Coelho (1968-1970 / 1972-1976), localizado no Caminho da Balsa, próximo à Praça da Bandeira - um busto em metal sob uma base em mármore, Imagem 03. Neste, o prefeito Joao Carlos (1992-1996), exalta a obra feita em sua gestão e homenageia seu contemporâneo:



Imagem 08 - Busto do prefeito Manoel Ribeiro Coelho. Fotografia do autor, 2020

Outros monumentos com caráter de exaltar os “notáveis” da história oficial se manifestam pela cidade, como foi o caso da praça ACM, em homenagem ao ex-governador Antônio Carlos Magalhães, localizado em frente à Câmara Municipal. O culto ao vencedor se soma as influencias e ao *lobby* empresarial do turismo a ponto de ser construído um monumento “suntuoso” em mármore e bronze a um influente empresário do ramo do turismo, Adriano Rodrigues, localizada próxima ao embarque da balsa, logo abaixo representada na Imagem 04. Entalhado no mármore um agradecimento, exaltando-o como inteligente, guerreiro, conquistador, sobrevivente e finaliza com “um obrigado por tudo”:

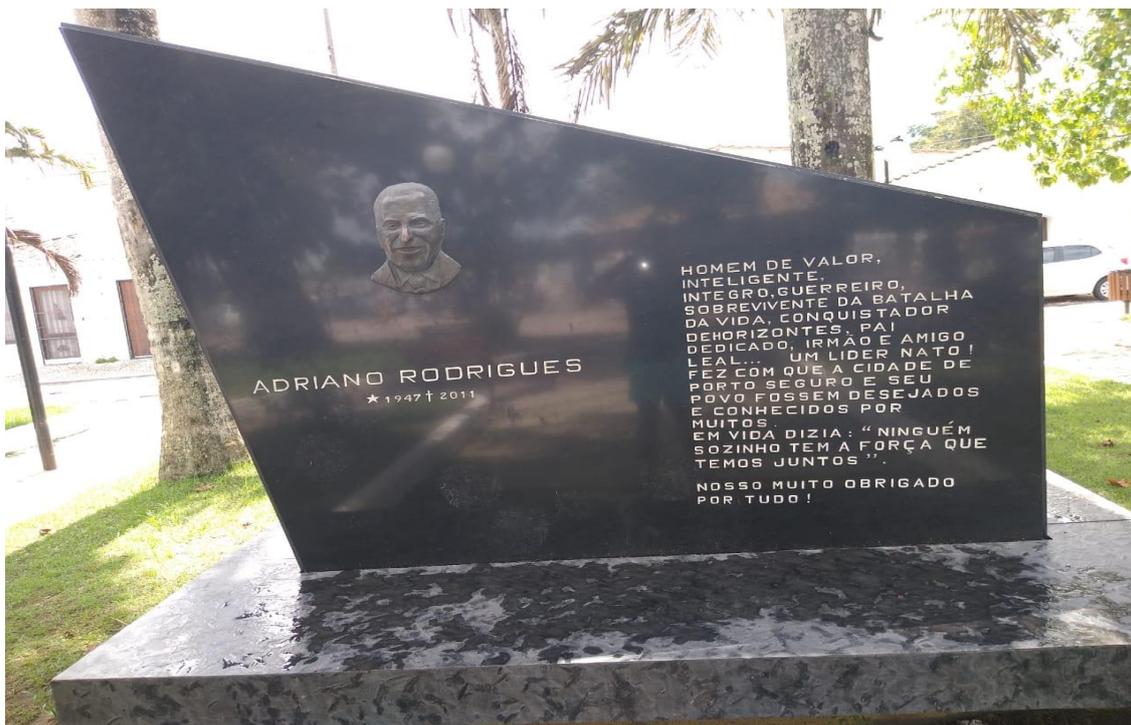


Imagem 09 – Monumento em homenagem a Adriano Rodrigues, Presidente da empresa de turismo CVC, Fotografia do autor, 2020.

Outras homenagens em referência aos “notáveis” se estendem pela cidade, seguindo por nomes de ruas e avenidas e até nomes de importantes bairros a exemplo do bairro Parque Ecológico – que antes já foi batizado como João Carlos Mattos de Paula (1992-1996) e o antigo Ubaldinão – em homenagem ao antigo prefeito José Ubaldino Alves Pinto Júnior (1997-2000; 2001-2003).

Essa supervalorização dos símbolos que remetem a história e ação dos vencedores, excluem, oprimem e sufocam o protagonismo dos moradores comuns. Ao observar a presença simbólica dos vencedores e dos vencidos, em contrapartida é gritante a ausência dos referenciais da história dos grupos menos abastados na cidade evidenciando um expressivo silenciamento de outras formas de existir, como revela o professor Francisco Cancela (2020):

Aquilo que não era genuinamente colonial, que não remetia aos primórdios da colonização ou que não se encaixava nas sumário ideias-chaves do descobrimento, da ação “civilizadora” da colonização e do heroísmo de navegantes, capitães, religiosos e bandeirantes não conseguia ser reconhecido como autêntico, excepcional ou digno de nota. A sacralização da herança lusitana e a celebração de fatos e personagens eurocêtricos produziram um verdadeiro regime de silenciamento de outras memórias e histórias da cidade. (CANCELA, 2020, p. 57).

A reflexão trazida pelo professor Cancela (2020), encontra lastro na realidade ainda atual na cidade, quando em levantamento desta pesquisa realizado no ano de 2020, sobre os símbolos e monumentos que pudessem representar ou fazer alusão ao negro, ao índio ou aos moradores comuns, na região que compreende o centro da cidade, constatou-se um grande vazio. Foram identificados apenas dois monumentos que refletem a presença de camadas mais populares e referência ao negro e ao índio.

Na praça Inaiá, próximo ao terminal de embarque das escunas, está fixada uma estátua em madeira de uma mulher despida com cabelos longos, representando uma indígena representada logo em seguida na Imagem 05. O monumento visa dialogar com um mito acontecido nas águas do litoral portosegurense. “A praça com um lago artificial e uma estátua de madeira de uma jovem Tupi representa uma história romântica da ingênua indígena que se apaixonou por um português sumário e se afogou no mar ao tentar alcançar a caravela do seu amante que retornava para Europa.” (CANCELA, 2020. p. 57- 58).



Imagem 010 – Estátua em madeira representando uma índia, Fotografia do autor, 2020.

A estátua em madeira, desgastada e corroída pelo tempo, tendo aos pés um buraco, mostra a deterioração, a tinta desbotada, na base em pedras e barro cresce mato, evidencia o descaso e a falta de atenção que este monumento recebe.

Um outro espaço com monumento que podem representar a memória do negro e do nativo pescador é uma pequena praça localizada entre a rua São Pedro e uma travessa que também se chama São Pedro, próximo a tarifa dos pescadores. Constituída de diferentes elementos que podem representam a cultura local expressa abaixo, Imagem 06.



Imagem0 11 - Praça dos pescadores/ São Pedro. Fotografia do autor, 2020.

Na humilde praça, em uma rua apertada, simples, meio que “escondida” se encontra um conjunto de elementos que remetem ao rio, ao mar e a pesca. Logo em destaque, encontra-se um monumento que representa um pescador, um homem com chapéu de palha, remo no ombro direito e uma ancora na mão esquerda, descalço, com bermuda e camisa colorida, permite a leitura do cotidiano do morador e sua relação com as águas. A presença de um manequim vestido com um colete salva-vidas e uma boia na mão direita pode se constituir como referência a um outro profissional do mar, o marujo. Compondo o cenário da praça encontram-se ainda duas esculturas, uma em pedra e tingida de cor amarela com dentes brancos, o que pode ser descrito como a cabeça de uma criatura, uma outra escultura em cimento representa uma criança sob uma base também em cimento. Ao centro, em uma base mais elevada de mármore encontra-se a imagem de

São Pedro, voltado ao marujo, ao pescador e a criança como se estivesse a proteger e abençoá-los. Estes elementos contidos em uma pequena praça podem ser capaz de demonstrar a diversidade que compõe o universo cultural, mítico, religioso e devoto da comunidade.

Tanto o abandono da estátua que representa a mulher indígena quanto o isolamento em que se encontram as esculturas do negro e dos pescadores, representam como os referenciais indígenas e africanos são desvalorizados e marginalizados pelos poderes públicos. Evidencia ainda como estes referenciais de população tem sua história ocultada e pressionada diante os referenciais simbólicos coloniais e empresariais na cidade de Porto Seguro.

Mesmo diante das opressões, violências e marginalização expresso pela narrativa oficial é importante evidenciar a resistência e existências dos grupos subalternizados na cidade. As opressões não se deram de forma passiva ou pacífica, ao longo do tempo esses povos negros e indígenas, resistiram. Adotaram estratégias de sobrevivência e de reprodução de suas culturas, seus modos de viver, seja através da pratica da capoeira expressiva na cidade, dos terreiros de candomblés, da preservação da língua Pataxó e seus rituais, na organização de sindicatos e associações de moradores, estes sujeitos lutaram e resistem ao modelo hegemônico colonizador português imposto a cidade de Porto Seguro. A própria existência da praça dos pescadores com referenciais nativos indica uma forma de estratégia de luta praticada por segmentos subalternizados, sua existência pode indicar resistência aos referenciais hegemônicos instituídos na cidade.

Embora todo um referencial teórico e metodológico tenha sido criado e desenvolvido ao longo se século XX, no campo das ciências humanas em especial na historiografia a exemplo da Nova História, que contrapõe e questiona a lógica da história factual dos vencedores e da existência de diversas formas de resistências. Essas transformações aparentam não ter impactado significativo na realidade da cidade de Porto Seguro, que continua a exaltar e venerar a história dos dominantes vitoriosos. A história, a memória, as narrativas dos subalternizados, negros, índios, pobres e até mesmo “nativos brancos e pobres”, foram relegadas ao esquecimento e a marginalização, em nome da cidade de negócios, voltada para o promissor setor do turismo. Prevalecendo ainda a história e memória dos vencedores.

A capital da Costa do Descobrimento pode ser considerada um território onde é possível perceber abertamente a presença do culto as heranças coloniais. Anacrônicos, esses “sistemas simbólicos” permanecem cristalizados, em nome da exploração econômica de setores empresariais como o turismo e especulação imobiliária. Reproduzindo de forma semelhante aos fomentados por Varnhagen no século XIX, os efeitos de exclusão e marginalização dos negros e indígenas, no plano simbólico resultaram em sequelas mensuradas na vida real, que no contexto em que se pense a realidade de Porto Seguro, se materializou através das ocupações das já extintas favelas<sup>6</sup>, a exemplo das favelas do “Mangue”, favela do “Rato” e a favela da “feirinha” acompanhados pelas informalidades e os subempregos com as atividades precária de baixa valorização econômica a exemplo da prática da feira livre e da venda de utensílios na praia.

A geógrafa Katia Martins em sua dissertação de mestrado (2019), expõe como a utilização destes símbolos são apropriados no processo de exploração e estão presentes na cidade de Porto Seguro.

Assim, desde o processo de ocupação portuguesa marcado por várias formas de repressão e invisibilização social, passando pela exploração do extrativismo madeireiro e o desenvolvimento da pecuária extensiva que suprimiu a Mata Atlântica local, até os dias atuais com o desenvolvimento do turismo de massa baseados na exploração das belezas naturais e exclusão da população periférica, o município vive sobre uma égide de continuidade dos moldes coloniais de dominação e exploração, não somente econômica, como também cultural, uma espécie de empresa neocolonial contemporânea. Fato este, eternizado nas representações simbólicas de poder, como exemplo do trecho da Carta de Caminha que ressalta a apropriação das belezas cênicas naturais, ainda hoje muito exploradas no município, bem como a exaltação de signos que remete a uma visão eurocêntrica deste período histórico. (MARTINS, 2019, p. 16).

Neste recorte percebemos em síntese alguns processos de violências e exploração, como invisibilidade social, exclusão de comunidades periféricas, exploração econômica, degradação do meio ambiente chegaram a contemporaneidade de forma bastante expressiva na cidade de Porto Seguro, além da manutenção dos referenciais coloniais.

Levando em consideração os elementos refletidos até o momento podemos perceber que o desenvolvimento urbano e a modernização da cidade de Porto Seguro está

---

<sup>6</sup> Estas favelas tiveram seu auge na década de 1990, contudo, com o processo de urbanização da cidade foram desaparecendo.

assentado em dois pilares fundamentais: o primeiro, como modelo de cidade monumento, construído a partir da história do colonizador, símbolo, capaz de preservar as heranças coloniais, do mito fundador do descobrimento, berço do Brasil. O segundo, dialoga diretamente com o primeiro, que seria a apropriação destes símbolos a favor da construção e exploração econômica da indústria do turismo na cidade. Assim, grande parte dos recursos e políticas públicas aplicadas no município serão norteadas por estes pilares, resultando em marginalização simbólica e física de parte da cidade e da população de descendência africanas e indígenas.

A cidade de Porto Seguro pode ser considerada herdeira direta, palco, de um projeto de nação pensada por intelectuais oriundos do contexto do século XIX. Os ideais da história oficial, cujo principal representante foi Varnhagen, perpassaram a elevação ao status de cidade em 1891, presentes durante todo o processo de construção de um modelo que a princípio, dialogava com o mito de fundação e imaginário do colonizador, das representações proposta na carta de Caminha (1500) - a ideia de paraíso natural, - mas também presentes nas construções modernas após a segunda metade do século XX, com as aberturas das rodovias e o impulsionar embrionário do turismo sobre a cidade. Esse espectro, ganha folego com o crescimento do setor turístico e se consolidam pela cidade, as memórias dos vencedores, chegando ao século XXI, com grande força.

## **1.2- Porto Seguro e a construção da Cidade Símbolo da Nação.**

Devido ao desembarque dos portugueses nesta região, a Costa do descobrimento se tornou ícone, referencial para nação, fazendo a cidade palco de festejos cívicos, exaltando os símbolos da nação, tornando-a um território bem demarcado simbolicamente. Assim, datas que se remetam ao nascimento da nação, 22 de abril de 1500 – “descobrimento do Brasil”; 7 de setembro de 1822 – independência do Brasil; e 15 novembro de 1889 – Proclamação da República, ou até mesmo o aniversário do “descobridor do Brasil – Pedro Álvares Cabral no ano de 1468”, serão exaltadas, sobretudo quando se conclui as dezenas ou centenas da data comemorativa natalícia destes acontecimentos.

Na obra “Porto Seguro: História de uma Esquecida Capitania”, o intelectual Roberto R. Martins (2018), ao produzir sua narrativa sobre a história de Porto Seguro, evidencia valiosas contribuições na reflexão do processo de desenvolvimento da cidade. Para este autor o processo de urbanização da região sul da Bahia está dividido em três ciclos: O primeiro ciclo, seria a ocupação colonial com a construção de vilas, cidades

litorâneas, realizadas a partir de interesses português, perpassando por todo período colonial, pelo Império e chegando aos primeiros anos do Brasil República. O segundo ciclo iniciado ainda no final do século XIX, ganhou força nas primeiras décadas do século XX. Neste, a população local, negros libertos, mestiços, indígenas e nordestinos afugentados pela seca tiveram papel importante com a economia de subsistência, com a formação de lavouras ao longo dos rios, pequena exploração agropecuária, pelas trocas com Minas Gerais e a continuidade da exploração da madeira. O terceiro ciclo de urbanização, se deu na segunda metade do século XX, com a abertura da BR 101, e da BR 367, iniciados na década de 1950, tirando Porto Seguro “verdadeiramente” do isolamento e do esquecimento. Apesar do autor retratar a história de Porto Seguro de forma simplificada através de ciclos econômicos, ideia essa já superada na historiografia, pois não comporta a complexidade e a dinâmica dos acontecimentos. A obra faz um esforço intelectual e traz importantes fontes com informações sobre a cidade de Porto Seguro. (MARTINS, 2018. p. 292-293).

Um dos artifícios que fizeram a cidade de Porto Seguro simbolicamente adquirir força, sem dúvidas foram as datas comemorativas que estivessem vinculadas aos símbolos nacionais e ao mito do descobrimento.

O professor Francisco Cancela, ao analisar os aspectos que envolvem silenciamento e exclusão da história e memória na cidade de Porto Seguro, expõe a predominância da narrativa do colonizador. Para isso, trabalha com o conceito - regime de memória, pensando a realidade da cidade, e destaca:

A tentação pela origem, a perspectiva nacionalista e o viés eurocêntrico (...) constituem o tripé que, desde tempos mais antigos, alimentou um regime de memória sobre o lugar de Porto Seguro na história. E, de modo particular, impactou de forma perversa na produção de um regime de silenciamento e exclusão de outras memórias que não se enquadravam na hegemônica, inclusive da população afro-brasileira. (CANCELA, 2020, p. 51-52).

Aqui o historiador destaca os elementos que constituem o regime de memória da cidade, as origens da nação, uma perspectiva nacionalista e um viés eurocêntrico, resultando em exclusão e silenciamento de outras memórias e narrativas. Em outras palavras, bens culturais marcadamente indígenas e negros foram excluídos do reconhecimento público, não se transformando em ícones do patrimônio local, nem se destacando enquanto produto cultural para o mercado turístico. (CANCELA, p. 57, 2020).

Esse regime de memória se arrasta desde antes da constituição do município até os dias atuais.

Uma das maneiras de perceber como se perpetua a memória do colonizador e a importância atribuída a esta, é através das comemorações do aniversário da “descoberta do Brasil”, já no ano de 1900.

Quando das comemorações do IV Centenário da viagem de Cabral, em 1900, realizaram-se festividades em vários pontos do país, especialmente no Rio de Janeiro e em Salvador, mas nada foi feito em Porto Seguro ou Santa Cruz. O único envolvimento da região se deu através da nomeação, por parte do governador baiano Luís Viana, de comissão dirigida pelo Major Salvador Pires para fazer a verificação in loco do local do descobrimento. (MARTINS, 2018, p. 323-324).

Embora na cidade não tenha acontecido grandes comemorações o deslocamento de um oficial do exército de alta patente como foi o caso da vinda do Major Salvador Pires nesta data com a função de observar pessoalmente a região, demonstra um significativo interesse do governador do Estado no futuro da cidade.

Essa prospecção simbólica sobre a cidade fica mais evidente quando se observa no município a realização de festejos de datas importantes para a história do país, a exemplo do centenário da independência da nação, em 1922. Neste ano, dois aviadores – Gago Coutinho e Sacadura Cabral, de forma histórica e pioneira saem de Lisboa, Portugal e atravessam o Atlântico até o Brasil, pousam na cidade de Porto Seguro, na data de 13 de junho e posteriormente seguem para o Rio de Janeiro em 17 de junho. Mais uma vez os laços com o colonizador são fortalecidos e celebrados pelos setores dirigentes. Contudo a realidade urbana continua ainda pouco alterada, e o foco das comemorações ainda não tem como palco a cidade de Porto Seguro. (MARTINS, 2018, p. 324).

Já no ano de 1939, a cidade vira centro das atenções no país, o aviador Gago Coutinho retorna à cidade com mais 22 aeronaves, que participavam de um *raid* (incursão). A “Revoada a Porto Seguro”, foi iniciativa do jornalista Assis Chateaubriand, em 03 de maio deste mesmo ano, ainda em clima de comemoração das festas do descobrimento. A pista foi iniciada em 1937 e concluída em 1939, neste momento é possível notar um esforço por parte do governo do Estado em preparar a cidade minimamente para sediar o evento, realizando intervenções e benefícios na cidade.

Para sua realização é construído o campo de pouso da ajuda e aberta uma rustica estrada até a beira do Buranhém. Além desta, outra estrada é aberta entre a cidade alta e a cidade baixa de Porto Seguro, numa

extensão de quase 3 quilômetros, para substituir o antigo caminho real, muito arenoso. O governo da Bahia manda seu serviço de obras restaurar vários monumentos – pelo menos pintá-los – e criar as condições de hospedagem para a comitiva. Até sanitários são construídos... (MARTINS, 2018, p.324- 325).

A partir deste acontecimento Porto Seguro ganha expressiva visibilidade nacional, pois, além de sediar esse grande evento, o mesmo foi amplamente noticiado, tendo em vista a presença de grande número de comitivas de jornalista que vieram para a cidade cobrir o evento. A partir deste recorte percebemos que a cidade ainda possuía características de vilarejo com problemas estruturais básicos como a ausência de sanitários públicos ou privados. Este “glorioso” evento se destaca por comemorar não só o aniversário do “descobrimento do Brasil”, mas também comemorar os cinquenta anos da proclamação da República Federativa do Brasil promulgada em 1889, daí pode ser entendido o grande investimento na referida festa.

A construção deste campo de pouso, foi importante para a cidade pois representou a primeira conexão motorizada direta com outras cidades do Estado e do Brasil, quebrando o monopólio marítimo. Para o pesquisador e memorialista, Romeu Fontana (2020), em entrevista afirmou que “esta foi a primeira grande obra de Porto Seguro” que mais tarde na década de 1950/60, se transformou em uma pista de pouso com voos regulares de empresas aéreas como VASP, Cruzeiro do Sul, além dos aviões dos Correios Aéreo Nacional. Contudo, esta obra segundo o memorialista, não trouxe progresso real para a cidade.

Com as coberturas jornalísticas, foi possível o registro de vários relatos de participantes e viajantes nos quais podemos perceber o grau de desenvolvimento que a cidade gozava no referido período. Assim, o organizador do *raid*, Assis Chateaubriand, descreve a cidade:

(...) As condições de vida de Porto Seguro são despidas de conforto, até porque a cidade só tem um pulmão: o que respira para o mar. Entre Porto Seguro e o “binterland” não existe nenhuma via de comunicação. Para além da povoação, a floresta. Deante dela o oceano, por onde a navegação, quasi toda, passa ao largo. ...O diagnóstico é que não há conforto, em Porto Seguro, ... Os que vão vê-lo aqui do Sul (os praticantes da revoada) amam-lhe a rusticidade, sentem-se atraídos pelo imã desta força selvagem. Resistir a quatro séculos de abandono. Que energia interior! (CHATEAUBRIAND, 1940, 21-3, apud MARTINS, 2018, p. 326).

Chateaubriand, nos revela uma cidade sem comunicação, sem conforto, rústica e abandonada, detentora de um único canal de acesso e transporte, capaz de oxigenar a vida da cidade, o mar. Assim era Porto Seguro na década de 1940.

Já para o participante do evento e integrante da comitiva Joaquim de Melo (1940), é mais crítico com a realidade da cidade, e relata:

Se naquela terra, segundo o seu dizer pittoresco, “querendo aproveitar, dar-se-á tudo”, quase nada se aproveitou, porque tudo lhe falta, no que concerne a vida civilizada, da qual só tem notícias de 15 em 15 dias, quando recebe a mala postal é comovente e revoltante, ao mesmo tempo, o atraso de Porto Seguro e das localidades circunvizinhas. Não tem luz, calçamento, estrada, hospital indústria, commercio, instrução, que assegurem o trabalho, o conforto, o bem estar, o progresso, as culturas de suas populações. O grosso dessas vegeta no mais característico primitivismo, vivendo quase que apenas de caça, pesca e pequena lavoura. E alguns dos seus habitantes, nem conheciam a Bandeira Nacional. (apud MARTINS, 2018, p. 326).

O relato de Melo, expõe com mais nitidez a realidade não só da cidade de Porto Seguro, bem como as cidades circunvizinhas, que não possuía infraestrutura básica para os moradores e muito desconfortável para visitantes. O retrato descrito por Melo sobre a situação social e econômica da cidade não se diferenciava das realidades de outras cidades do Estado. A própria capital baiana, Salvador, neste período sofria com problemas de ordem de abastecimento e infraestrutura como mostra, Luís Henrique Dias Tavares (2001), ao sintetizar o contexto da década de 1940.

Faltava carne na cidade de Salvador a carestia de vida era enorme. A economia baiana mais atuante era a do cacau. Ela fornecia porem “mais divisas ao país” do que a Bahia, dependia do mercado externo e sofria com a legislação tributária federal. Faltavam escolas, hospitais, estradas de rodagem, portos marítimos e fluviais, navios e estrada de ferro. (TAVARES, 2001, p. 460-61).

Em 1947 o então eleito governador do Estado da Bahia, Otavio Mangabeira, diante da situação calamitosa em que se encontrava o Estado suspeitou da existência do chamado “enigma Baiano”, e indicou um economista para estudar esse enigma e propor um plano de desenvolvimento para o estado. (TAVARES, 2001, p. 461).

Sobre o “enigma baiano”, Eliomar Filho (2018), em artigo, analisou a obra de Manoel Pinto de Aguiar lançada em 1958, com o título “Notas sobre o enigma baiano”, e o descreve da seguinte forma:

O ‘enigma baiano’ foi um termo que durante a primeira metade do século XX fez parte do imaginário político da Bahia. Esse mistério de

difícil compreensão tinha como meta entender os motivos para um processo de decadência econômica, comercial, política, social que o estado atravessou no período supracitado. (FILHO, 2018, p.02).

Com intuito de superar este “enigma”, nos anos vindouros foram lançados sucessivos planos de desenvolvimento a exemplo do Comissão de Planejamento Econômico da Bahia (CPE), Plano de Desenvolvimento da Bahia (PLANDEB) e em âmbito nacional a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), implantada em 1958. Neste contexto, Porto Seguro se conecta ao mundo das rodovias, por meio da BR 101 e BR 367.

Na primeira metade do século XX, a Bahia calcada em uma economia conservadora na produção voltada a agricultura, fumo, cacau e cana de açúcar, não vivenciou grandes transformações. Mesmo com iniciativas, como a criação Instituto de Cacau da Bahia (ICB), em 1933; o Instituto Baiano do Fumo, em 1935; e o Instituto de Economia e Finanças da Bahia (IEFB), em 1937 o estado não conseguiu desenvolvimento almejado. Isso vai suscitar o que alguns pesquisadores da época vão chamar da “questão baiana” ou “enigma baiano”, e vários estudos serão lançados para entender e implementar políticas de desenvolvimento para o estado. Contudo, a partir da década de 1950, surgem os resultados com a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico da Bahia (Condeb) e a Comissão de Planejamento Econômico da Bahia (CPE). (ORTEGA, CERQUEIRA, SILVA, s/d, p. 56 - 58).

A partir deste contexto o estado da Bahia com a ajuda do governo federal, vivenciará um período de desenvolvimento com implantação de indústrias importantes como implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA), polo petroquímico em Camaçari, abertura de importantes rodovias, dinamizado regiões isoladas do território baiano. “No pós-1964, e por toda a década de 1970, o planejamento baiano manteve-se condizente com os interesses do governo federal, em um modelo de desenvolvimento nacional fundamentado na intensificação da industrialização.” (ORTEGA; CERQUEIRA; SILVA, s/d, p.60,61). Este contexto no âmbito político já se vivenciava a ditadura militar no Brasil, caracterizada por um forte espírito desenvolvimentista, com integração do país por meio de abertura de rodovias.

Em Porto Seguro, para Romeu Fontana o progresso surge verdadeiramente com a abertura destas rodovias;

(...) o progresso realmente se iniciou no dia 14 de maio de 1945, quando chegou aqui a empresa Sila trazendo 300, homens para abrir a estrada que seria o entroncamento da BA 2 com a estrada estadual de Vitória, que hoje já é a BR 101. Esse entroncamento é hoje na cidade de Eunápolis, mas na época 64 Km, de Porto Seguro, pra lá que foi quando meu pai veio para construir essa estrada, então essa estrada, foi realmente o primeiro foco dos movimentos sabe. É econômico turístico, assim é porque depois gerou isso né, mas é isso sabe a primeira entrada e saída de porto seguro fora os portos porque na cidade de Porto tinham uns navios pequenos navios pequenos navios cabotagem aí nessa estrada que foi terminada em 47 com o dinheiro do governo federal. (FONTANA, *Entrevista*. 2020).

A estrada tirou a cidade do isolamento, pois o transporte utilizado era o marítimo, a rodovia proporcionou uma maior fluidez, constituindo um elo real com o restante do Estado.

Romeu Fontana (2020), importante protagonista na preservação da memória da cidade. Este memorialista com várias obras lançadas e publicadas sobre uma Porto Seguro do passado, evidenciando não só a história e memória da cidade, bem como um importante acervo iconográfico, com fotografias da antiga cidade. A família do Sr. Romeu Fontana faz parte da história oficial da cidade, pois foi o Fontana pai, que chegou a cidade ainda no final da década de 1940, para construir o cais da cidade, a partir daí fixou-se na cidade tornando-se cidadão influente e ilustre, proprietário de terras, dois bairros levam o nome da família o Fontana I e II. A contribuição do memorialista e escritor Romeu Fontana tanto de suas obras quanto de sua narrativa é importante para entender como a cidade de Porto Seguro se desenvolveu e urbanizou. A casa do Sr. Romeu Fontana ficava próxima a antiga Feirinha do Estádio.

O historiador Ronald Raminelli (1997), ao refletir sobre novas abordagens historiográficas sobre a história urbana destaca o papel dos transportes para novas dinâmicas do desenvolvimento urbano, assim: “o sistema de transportes promoveu uma verdadeira reviravolta. Os trens e os automóveis permitiram a circulação rápida entre o centro e a periferia, criando uma nova concepção de cidade e de espaço”. (RAMINELLI, 1997, p. 191). A dinâmica da cidade seria outra, possibilitando não só a ligação periferia e centro, mas sim a ligação com outras regiões, aumentando a capacidade de transformações urbanas. O caminho para a chegada em massa de turistas nas décadas que estavam por vir a cidade de Porto Seguro se abriram.

Com a conclusão da obra da rodovia, os mesmos trabalhadores realizaram a primeira etapa da construção do Cais da cidade que compreende a atual Praça do Relógio

até a região da atual Balsa. “Antes disso ninguém queria vir para Porto” como expressou o entrevistado e memorialista Romeu Fontana no ano de 2020:

(...) ninguém queria vir para Porto Seguro, para você vir para Porto Seguro as pessoas diziam aquela cidade ali onde judas perdeu as calças, perdeu as cuecas, perdeu a bota, ali onde “enterraram a cabeça de burun”, ali não dá nada ao contrário do que Caminha dizia “que plantando tudo dá”. Ali não dá nada. (entrevistado rir ao fundo) Porto Seguro para você ter uma ideia na minha juventude não estava, tava em poucos mapas do Brasil. Você passava de Belmonte para Caravelas, Porto Seguro praticamente não existia. (FONTANA, Entrevista, 2020).

A estrada cumpriu a importante tarefa de ser, não apenas, um vetor de desenvolvimento, bem como, diminuiu distancias, elevou a autoestima dos moradores e inseriu de uma vez por todas a cidade nos mapas da malha rodoviária do país. A estrada abriu o caminho para a chegada do desenvolvimento econômico, urbano e a legião de emigrantes nos anos futuros, oriundos da crise da vassoura de bruxa chegaram à cidade.

Esta conexão da cidade à rede de rodovia representa um marco importante para a cidade, contudo a dinâmica da mesma permanece o clima de vilarejo pequeno e pouco movimentado. Em relato, o memorialista Romeu Fontana (2020), sobre essa questão, revela que, a cidade permaneceu a mesma até a década de 1970, e a partir deste momento a mesma ganha o “esqueleto” que é hoje. Informou ainda que a cidade, na parte central existia apenas oito ruas.

(...) a primeira obra de desenvolvimento é um prédio escolar que hoje é o Colégio Municipal de Porto Seguro (...) as outras obras que vieram pra cá, todas elas foram trazidas por Antônio Carlos Magalhaes no início de 1971, a pedido de Antônio Osório (...) ... e daí veio o sistema de abastecimento de água que é de 1971, que era no rio da Vila que até hoje tem caixa d'água, lá em cima depois teve o sistema de energia que vinha de Eunápolis para Porto Seguro até depois vir a hidráulica de São Francisco mas tudo trazido por Antônio Carlos Magalhaes o Estádio municipal a reforma da Casa da Lenha que era o gabinete do prefeito ... o correio, a delegacia, o fórum isso na década de 70 ... aí Valdívio construí o colégio Anchieta perto da ladeira do aeroporto e um pedaço do cais e o que resta já estava ali desde a década de 1970, Valdívio foi prefeito de 83 a 89 e as outras obras vieram para os 500 anos do Brasil falando de obras públicas. (FONTANA, *Entrevista*, 2020).

Este breve levantamento feito pelo memorialista demonstra que a cidade ainda estava num processo de desenvolvimento lento com pouca atenção do Estado. Contudo, a partir da década de 1970, a cidade vivenciou um contexto de verdadeira transformação. “Tomado o Brasil como um todo – e num pequeno espaço de tempo pouco mais de três

décadas, entre os anos 1970 a 2000- Porto Seguro passa da pacata vida semicolonial à moderna sociedade industrial” (MARTINS, 2018, p. 264).

Em 1969, Porto Seguro ganha a primeira pavimentação, calçamento da rua com paralelepípedo:

Foi Manoel Carneiro o primeiro a colocar uma pedra de calçamento nas ruas da cidade, na praça da Bandeira, em 1969. No primeiro dia a rua ficou superlotada de gente para admirar aquele feito heroico e histórico, sem precedentes, aquele primeiro passo para o progresso e a modernidade da velha e enrugada senhora, que até então, patinava na lama e na areia, sem sair do lugar. (FONTANA, 2004, p. 11).

Para o memorialista, que atribui e reduz as mudanças a partir das ações de indivíduos, o prefeito Manoel Carneiro foi o mais importante da cidade, pois a partir dele Porto Seguro iniciaria uma nova fase de desenvolvimento e progresso. Chama a atenção na fala do autor a ideia de desenvolvimento e progresso – com simples calçamento como e a exaltação do fato como marco da modernização da cidade. Neste, pode-se perceber a ideia de desenvolvimento e progresso a partir de pavimentação e calçamento, deixando de lado outros aspectos como saúde ou educação importantes para aferir qualidade de vida da população, esta ideia de desenvolvimento é uma ideia presente e recorrente na mentalidade dos gestores locais.

O registro de um outro feito importante foi a criação da primeira secretaria de turismo em 1971, na segunda gestão do então prefeito Carlos Alberto Parracho. Em 22 de abril de 1973, foi inaugurada o asfalto da estrada, da BR 367, o aterramento de lagoas e criação do Estádio Municipal em 1975, porém, o perfil do público frequentador da cidade e o volume de visitantes continuavam o mesmo – veranistas de Minas Gerais, ricos fazendeiros do Salto da Divisa, e mochileiros perdidos. As mudanças começaram a acontecer no verão de 1978/79, quando de maneira inesperada a cidade foi “invadida” por turistas, surpreendendo a todos na cidade. Deste período em diante a cidade se estabelece e começa a se destaca como destino turístico para o Brasil. (FONTANA, 2004, p. 12).

A década de 1970, como destaca o memorialista Romeu Fontana e o pesquisador Roberto Martins (2018), foi bastante importante para o desenvolvimento da cidade com a execução de infraestruturas importantes como pavimentação de rodovias e calçamento na cidade. Contudo, do ponto de vista simbólico um importante ato foi realizado em meio a este contexto, - o resultado do processo N° 800-T-1968, no Livro de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) inscrito em 15 de julho de 1968,

que resultou no decreto nº 72.107 de 18 de abril 1973, assinado e promulgado pelo presidente da República, elevando o município de Porto Seguro a monumento nacional a ser protegido como patrimônio. Outro elemento a ser considerado no campo simbólico em meio a esse contexto mais uma vez são as datas – o período de início do processo junto ao IPHAN e promulgação, compreende o período em que se comemorou o quinto centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral, cujo nascimento data de 1467/68; 150 anos de independência do Brasil data de 1822; 80 anos da proclamação da República Federativa do Brasil realizado em 1889 e fundação da cidade de Porto Seguro em 1891. Seriam mera coincidência esse alinhamento de acontecimentos de ações e “bem feitorias” no município com as datas de fatos históricos acontecidos dezenas ou até centenas de anos antes?

Aqui mais uma vez evocamos o texto do professor Cancela (2020), para ilustrar como o regime de memória se impõe e visa estabelecer uma hegemonia política, econômica e cultural.

A intervenção estatal por meio da patrimonialização de Porto Seguro foi alicerçada num conjunto de concepções, representações e interpretações da história local e nacional que se alimentou de um regime de memória dominante no Brasil. Naquele contexto de um governo autoritário, nacionalista e conservador, tornava-se essencial reforçar imagens, narrativas e personagens que servissem de espelho para os interesses das elites dominantes. (CANCELA, 2020, p. 53).

Neste recorte pode ser percebido um processo de patrimonialização alinhado a aspectos nacionais e locais, que por sua vez atendem as aspirações políticas vigentes, neste contexto da década de 1970, a ditadura militar. O autor evidencia como atuação do regime militar se apropriou do regime de memória com intuito de dar manutenção a seus interesses. A ideia do professor Cancela se alinha com o pensamento do renomado historiador Jose Murilo de Carvalho quando o mesmo afirma que a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. (CARVALHO, 2005, p. 10). Neste caso a história e a memória do colonizador é conveniente e nutre o governo autoritário deste período ditatorial.

A relação datas comemorativas exaltando símbolos cívicos nacionais, fortalecem a ideia de mito fundador, corroborando na consolidação de uma história factual e do estado presente na cidade, onde se permite estabelecer um elo direto com o propulsor e principal sintetizador destas, Varnhagen.

O fortalecimento da história do mito de fundação serviu como plano de fundo e fomento para um processo de urbanização, resultando em reformas urbanas. Esta relação fica cada vez mais evidente complementando, o mundo simbólico ao material. Essa afinidade complementar pode ser melhor compreendida e exemplificada com maior intensidade e clareza, quando se evidencia a preparação da cidade para comemorar o quinto centenário do Brasil no ano de 2000. O período que antecedeu esta data a cidade vivenciou uma grande e intensa reforma urbana.

O fomento de uma economia voltada para o turismo como principal vetor econômico da cidade, trouxeram resultados expressivos e emblemáticos. Atraídos pela possibilidade de emprego e renda, os trabalhadores, desolados pela crise do cacau e a vassoura de bruxa, começaram a chegar à cidade. Assim, a primeira ocupação desordenada urbana aconteceria na região central, no que hoje conhecemos de bairros Manoel Carneiro, Pequi e Areão, esta ocupação foi regulamentada pela prefeitura. (FONTANA. 2004. p.13). Entretanto outros processos de ocupação desordenada surgiram a exemplo das favelas do “Rato” - localizada onde hoje é o mercado Municipal Pedro Abade, a favela da feirinha - localizada junto a Feira do Estádio e as palafitas na rua do mangue. A especulação imobiliária na cidade aumentou vertiginosamente encarecendo os aluguéis e a moradia, a degradação ambiental no desmatamento, ocupação desordenada e poluição dos espaços.

Analisando a construção dos territórios dos bairros Campinho e complexo do Baianão, Katia Martins (2019), revela como se deu parte deste processo:

Como exemplo de resistência e luta por um lugar de morada, moradores migrantes desterritorializados da Região Sul da Bahia, ao serem negados dos seus territórios devido à crise do cacau surgida em meados da década de 90, viram-se obrigados a ocuparem áreas de proteção ambiental no município de Porto Seguro, em busca de territórios abrigos. A título de exemplo deste processo, pode-se citar a construção de casas de palafitas em áreas de manguezal, localizadas nas proximidades do bairro Campinho e também a ocupação de lotes de terras em área de Mata Atlântica, no bairro Baianão. (MARTINS, 2019, p. 35).

Sem alternativa e sem políticas públicas de moradia os emigrantes ao chegarem em Porto Seguro, buscaram construir e ressignificar novos territórios, contudo, sem amparo do poder público restou apenas a precariedade das palafitas e das favelas.

Raminelli (1997), chama a atenção sobre o papel da industrialização e o desenvolvimento econômico como elemento motivador para o desencadeamento do

processo de urbanização. Contudo essa lógica nem sempre é comprovada. Na realidade atual a proliferação de espaços urbanos não é acompanhada pela industrialização em países em desenvolvimento, e complementa:

Geralmente, as cidades em rápida expansão localizam-se próximas a zonas rurais empobrecidas, sendo uma solução para a miséria vivida pela população. Em alguns casos, porém a concentração populacional viabilizou o desenvolvimento industrial devido a disponibilidade de mão-de-obra. (RAMINELLI, 1997, p. 189).

O raciocínio transcrito do autor se adequa a realidade da cidade de Porto Seguro, que se localizava próximo a cidades como Ilhéus, Itabuna, Camacan e Buerarema, onde a lavoura do cacau, principal fator econômico, estava em crise. Os desempregados, enxergaram a cidade como alternativa de trabalho e sobrevivência, servindo a cidade com a mão-de-obra necessária para sustentar o setor do turismo, e dar a dinâmica necessária ao desenvolvimento urbano. Entretanto, a indústria e desenvolvimento econômico presentes aqui não é o da indústria tradicional de produção de bens de consumo, mas sim a voltada para a diversão, para o lazer, o turismo.

Porto Seguro chega à década de 1990, com o turismo já estruturado, com um considerável número de leitos e uma boa estrutura para atender o turista. A cidade superou e atualizou em muitos aspectos a qualidade de receptividade ao turista, se antes não existia pousadas e hotéis suficientes, neste período a cidade já contava com uma expressiva quantidade de leitos hoteleiros, “em 1997 Porto Seguro disputava com Rio de Janeiro e outras capitais a primazia de ser o primeiro lugar de destino procurado pelo turismo interno e externo” (MARTINS, 201, p.344).

A cidade passara por um importante processo de reforma urbana com intuito de preparar a mesma para as comemorações do “Brasil 500 anos”. Esta preparação teve seu início em janeiro de 1994, com a assinatura de um decreto executivo de uma cooperação entre Brasil e Portugal. Porto Seguro inicia um forte processo de transformação nunca antes visto, com o objetivo de se estruturar para festa do descobrimento, sete anos antes. (*Jornal do Sol*, 01 a 15/04/2004 -nº4, p. 4).

Neste contexto é possível perceber um alinhamento das esferas nacional, estadual e municipal, no acúmulo de ideais e forças para realização deste evento. Coesos, no fortalecimento do culto ao mito do descobrimento fortalecendo a história e cultura do colonizador, com o intuito de promover no ano 2000, a cidade de “Porto Seguro como a Capital do turismo”. (*Jornal do Sol*, 14/10/1996).

O já organizado e consolidado setor do turismo através de seus representantes, e gestão pública pensará o modelo de desenvolvimento. Assim, a região central da cidade será completamente urbanizada, com rede de esgoto e calçamento. Uma série de equipamentos públicos como praças, hospital municipal, instituições estatais foram implantadas, melhoria do aeroporto internacional, e serviços públicos. Neste momento é importante salientar que os bairros do complexo do Baianão não vivenciaram a urbanização da cidade com esta mesma intensidade, região está onde se concentra até os dias atuais o maior contingente de moradores da cidade. (*Jornal do Sol*, 14/10/1996, p. 10 – ano IV – Edição especial). Assim, Porto Seguro se constitui com um modelo de cidade com urbanização corporativa – os investimentos econômicos são direcionados a cidade econômica enquanto a cidade social fica em segundo plano. (SANTOS, 1993, p. 95-96).

Desde a década de 1970, houve um crescimento no interesse do setor do turismo na direção municipal. Dos dez gestores/as do município compreendendo o período de 1970 a 2012, pelo menos três destes possuem ou possuíram vínculo direto com o setor empresarial do turismo: Joao Carlos Mattos de Paula (1992-1996), dono de Hotel e barraca de Praia; Gilberto Abade (2008-20012), dono de hotel, e Humberto Adolfo Gattes Nacif Fonseca Nascimento conhecido como “Beto Axé Moi” (20012 a 2020), na condição de vice-prefeito, antes disso foi vereador por um mandato, e é dono de uma das maiores barracas de praia da cidade. Essa capilarização empresarial na gestão pública municipal se estende a representação na câmara de vereadores e na indicação na direção da secretaria de turismo – uma das mais importantes no município. Dessa forma, é possível inferir que, este setor mantém assegurados, o controle dos recursos públicos e determina o modelo de desenvolvimento urbano de acordo seus interesses. Aqui evidencia-se um modelo patrimonialista ao qual a intelectual Lilian Schwarcz (2019), se referia.

A Porto Seguro de décadas anteriores vai sendo superada, deixada para traz, no que diz respeito ao melhor atendimento e ao setor do turismo. Referente a qualidade de vida para os moradores, há uma predominância das mazelas sociais, a “capital do descobrimento”, embora sendo uma cidade em expansão, ainda possuía sérios problemas característicos de “cidade grande” a exemplo de altos índices de violência, problemas com coleta de lixo, crianças em situação de rua dentre outras precariedades.

(...) a sub-habitação, a favela, o crescimento do consumo de drogas e da criminalidade, o agravamento de problemas urbanos comuns aos

grandes centros, como o abastecimento d'água e o saneamento, a precariedade do fornecimento de energia elétricos e muito mais; consumindo manguezais, florestas, nascentes de rios e riachos. (MARTINS, 2018, p. 347).

O rápido crescimento populacional acompanhado de ocupação desordenada da cidade com a criação de bairros periféricos e favelas resultou em graves problemas. A alienação da gestão pública voltada ao interesse do turismo centralizava a maior parte das atenções e políticas públicas nas regiões exploradas economicamente pelo turismo, outro elemento fruto dessa política foi a ausência de investimentos em outras alternativas econômicas que não estivessem ligadas a indústria do turismo.

Censos demográficos	População total	População urbana	População rural
Ano 1970	33,108	29.447	3.661
Ano 1980	46.304	40.562	5.742
Ano 1991	34.661	23.315	11.346
Ano 1996	64.957	52.241	12.716
Ano 2000	95.665	79.619	16.102
Ano 2007	114.459	98.459	16.108
Ano 2010	126.929	...	...

Tabela 01. Dados demográficos da cidade de Porto Seguro. Fonte: IBGE.

Desde a década de 1970, quando a cidade começa a se destacar com a atração de turistas, a cidade começa a incidir um grande crescimento populacional descontrolado. De 33,108 mil habitantes em 1970, com o desenvolvimento do turismo nas três décadas sucessiva, a cidade alcançou a marca de 95.665 mil habitantes, quase triplicando o número de pessoas com domicílio na cidade. Na planilha<sup>7</sup> observa-se uma predominância relevante da população urbana em função da população rural. Estes dados podem auxiliar no entendimento do porquê a cidade de Porto Seguro, cresceu desordenadamente e resultando em problemas sociais graves de grandes metrópoles.

Corroborando com o pensamento de Roberto Martins (2018), um colunista do *Jornal do Sol*, Euclides Sena, em vésperas das comemorações da festa de “500 anos de descobrimento” fez as seguintes ponderações:

---

<sup>7</sup> A variação decrescente expressa na planilha dos anos 1980 e 1990 se explica pelo acontecimento da criação de duas cidades: Eunápolis emancipada em 1988 e Itabela emancipada em 1989, estas cidades subtraíram parte do território e da população da cidade de Porto Seguro.

A caminho dos 500 anos, Porto Seguro dá ao país um péssimo exemplo. Se é verdade que o berço da nação reflete o caráter de seu povo, sua história, suas crenças, sua vocação, o lugar onde nasceu este país é sim, um exemplo a não ser seguido. Por que? Somos uma cidade pequena com problemas das cidades grandes. Alguém discorda? (SENA. *Jornal do Sol*, 09 a 23/05/1999, p. 06, nº145).

Ao refletir sobre as precariedades da cidade, o colunista ainda destaca dez pontos que evidencia os problemas de cidade grande a exemplo de segurança, transporte, educação, violência, menores abandonados, problemas na educação, infraestrutura dentre outros. O relato trazido pelo colunista ainda reforça a ideia de que o grosso dos recursos destinados a cidade não resolveu os problemas para o morador, mas sim tornar a cidade mais atrativa para o turismo, demonstra ainda que a população foi pouco contemplada com os benefícios oriundos da festa do descobrimento.

E mais uma vez a cidade vivencia uma importante reforma urbana a partir das comemorações e festejos que remetem aos símbolos nacionais, que reforçam os laços com a história colonial e portuguesa excluindo a maioria da população. (CANCELA, 2020, p. 56-57). Esse culto aos elementos simbólicos nacionais marginalizou ou sufocou outras referências simbólicas que representassem contradições a história hegemônica na cidade. O desenvolvimento urbano da cidade, caracteriza-se conservador e excludente, marginalizou as histórias e memórias dos indígenas e do povo negro, não só no campo simbólico, bem como físico, relegando os moradores às periferias e à palafitas com pouca ou nenhuma estrutura. O mito do descobrimento serviu como elemento motivador para o desenvolvimento e urbanização da cidade. E mais uma vez o desenvolvimento terá as festas do descobrimento, a celebração do nascimento da nação como principal motivador.

Porto Seguro chega ao século XXI, como afirmou o jornalista Edmar Morel (1939), seis décadas anteriormente, parecendo “uma boneca bem enfeitada”, as localidades que representam interesse comercial se encontravam urbanizadas e bem conservadas devido aos investimentos feitos para festa do “Brasil 500 anos”, e a preservação da ideia de mito fundador como proporrá Varnhagen. As comemorações subsequentes ao quinto centenário do “descobrimento” se esfriam e diminuem a opulência comemorativa.

### **1.3- Modernizar e Higienizar: Uma nova cultura, uma nova sociedade, uma nova feira.**

A modernidade pode ser considerada um dos marcos na história da humanidade, impactando profundamente as sociedades até os dias atuais. Conceitos, concepções,

formas de pensamentos e comportamentos surgiram a partir deste movimento. Dessa forma, é importante compreender como este movimento contribuiu e influenciou o contexto do recorte temporal desta pesquisa, a década de 2000.

A ideia de modernidade pode ser percebida de diferentes formas a partir da percepção das transformações vivenciadas na sociedade. A modernidade pode ser abrangida através de diversos ângulos, sob os aspectos sociais, culturais, econômicos e intelectuais. Ainda assim, mesmo com essa ampla variedade de expressão caracterizar a modernidade é algo complexo, diante da fragmentação e das constantes transformações ocorridas na sociedade. (HARVEY, 2008, p. 21).

Ao discutir sobre a caracterização da Europa moderna o historiador britânico Hugh R. Trevor-Roper, reflete sob a ideia de compreender a questão da modernidade sob o ângulo da continuidade e descontinuidades em diferentes áreas. Este autor entende a ideia de moderno como uma ideia de progresso. Compreende-se assim, a ideia de moderno como avanços na ciência, tecnologia, desenvolvimento humano e social. (TREVOR-ROPER, 1981, p. 13).

Para o professor Francisco José Calazans Falcon, ao propor uma introdução a história moderna, chama a atenção para a complexidade do tema, como esta não comporta esquemas ou datas limites. Afirma ainda que o “moderno contrapõe-se ao antigo”, tornando ainda mais difícil encontrar a “modernidade”. Esta, segundo o autor leva ao problema de identificar as rupturas e continuidades na sociedade. E afirma: “Só aos poucos, nas sociedades ocidentais, foi havendo uma tomada de consciência quanto a modernidade nascente, cujo seio já se vislumbra, indecisa, a teoria do progresso.” (FALCON, 1977, p.10-11).

Este autor afirma ainda que “o mundo moderno é o espaço-tempo em que se construiu uma nova visão de mundo nas sociedades ocidentais”. E complementa:

No mesmo sentido opera a ampliação do espaço físico, e o conhecimento do “exótico” que irão lançar as premissas de novos valores: civilização, humanidade, religião natural, progresso. É a mutação mental que se realiza ao longo de três séculos, do Renascimento à ilustração. (FALCON, 1977, p.10-11).

Neste processo de modernização as transformações das estruturas sociais, mentais e culturais do mundo ocidental estavam em pauta. Com a ampliação do espaço físico, as

grandes navegações com o descobrimento de novos continentes, novos povos e territórios, a consolidação a partir deste momento das ideias de civilização e progresso, desenvolvimento e modernização a partir de uma lógica eurocêntrica se estabeleceu.

A relação de modernidade e progresso está presente tanto nas discussões no texto de H. R. Trevor-Roper (1981), quanto as de Calazans Falcon (1977). Assim, a ideia de modernidade proposta por estes autores sugere esta como algo positivo, como a superação de um modelo de sociedade injusta, conservadora e obscura – idade média, por uma nova sociedade racional e humanista, a moderna.

Georges Balandier ao refletir sobre a “Antropologia crítica da modernidade” traz uma definição de modernidade e de modernização:

A modernidade seria, então, utilizada “para descrever as características comuns aos países que estão mais avançados em matéria de desenvolvimento tecnológico, político, econômico e social”, ao passo que se empregaria o termo modernização “para descrever os processos mediante os quais aquelas características foram adquiridas”. (BALANDIER, 1976, p. 244 - 245).

Balandier, confronta esse modelo de modernização, que concebe uma única forma de desenvolvimento e classifica as sociedades de maneira desigual ao propor a repetição de um único padrão universal de modernidade. Este, impõe uma hierarquia as outras sociedades e se coloca em um constate “modelo de vanguarda”. Contudo, a versão ocidental de modernidade e modernização apresentam deficiências – “são confusas e imprecisas, comportam implicações ideológicas, e incitam a postular um ‘estágio final’, configurado de modo exclusivo”. (BALANDIER, 1976, p. 245).

Dessa maneira, a partir das análises expostas até o momento em torno da modernidade, é possível o entendimento do progresso, do desenvolvimento e a modernização no Brasil seguidora de uma lógica pautada nos valores e representações políticas, sociais e culturais europeias. Esta reprodução social oriunda do processo de colonização portuguesa presente na história do Brasil contribuiu para um modelo de sociedade fortemente influenciada por este padrão de desenvolvimento, mesmo após o processo de emancipação da nação. Essa informação demonstra o quanto as ideias e construções propostas no século XIX foram eficazes e se reproduziram ao decorrer do tempo. Esta influência, estará presente ao longo do tempo na sociedade e na mentalidade dos futuros gestores estatais direcionando assim, o modelo de desenvolvimento urbano.

Ao discutir e entender sobre o modernismo David Harvey, evidencia a cidade como palco de grande expressão da modernidade. Nela estarão presentes elementos estéticos, artísticos, paisagísticos capaz de expressar estes elementos. Este autor, expõe ainda, a cidade como “o herói da modernidade”, e a experiência da urbanização um importante palco para expressões e dinâmicas culturais de diversos movimentos modernistas. (HARVEY, 2008, p. 34). Assim, através do entendimento das dinâmicas das cidades e da urbanização, é possível compreender como se expressa a modernidade.

O padrão de sociedade europeia a partir deste contexto, será seguido no território brasileiro, assim, cidades como Paris, Londres e, num segundo momento, cidades norte americanas como Nova York e Washington, dentre outras metrópoles, serão referenciais de cidade desenvolvida e moderna. Os conhecimentos científicos produzidos nas cidades destes países influenciarão a ciência, a forma de pensar e se relacionar. A França se apresentava como modelo de civilização, de progresso, arquitetônico, urbanístico e sobretudo na produção das ciências médicas e biológicas, cabendo aos intelectuais e cientistas brasileiros do final do século XIX, os seguirem apaixonadamente. (REIS, 1991. 248).

No Brasil, essa lógica de desenvolvimento se deu de forma impositiva e violenta, não respeitando as realidades locais fossem sociais, econômicas ou culturais, resultando em conflitos dos gestores estatais e parte da população pobre e negra. Estas afirmações são possíveis quando evidenciamos as reformas urbanas ocorridas na cidade de Salvador, resultando em revoltas diante da tentativa de imprimir mudanças nas práticas religiosas e ritualísticas do sepultamento (REIS, 1991, p. 248). Já os conflitos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro cujo principal expoente se revela com a derrubada do emblemático cortiço “Cabeça de Porco”, local onde residiam centenas de famílias. A expulsão dos moradores resultou na criação das primeiras favelas da cidade (CHALHOUB, 1996, p. 17). Essas reformas urbanas ocorreram na transição do Século XIX para o XX, evidenciando os efeitos de implantação de um modelo de urbanização impositivo, predatório e violento expresso em duas importantes cidades no país.

Um outro elemento importante a ser considerado neste contexto de transição e transformação presente no século XIX, e que desde então, estará presente de forma expressiva nas reformas urbanas no país é o caráter higienista das intervenções dos gestores estatais. Essa vertente se origina com o descobrimento e desenvolvimento da

“tese microbiana” que postulava que as doenças surgiam a partir do contágio de microrganismos patológicos, como apontou os estudos de Jhon Snow – considerado pai da epidemiologia moderna e posteriormente por outros cientistas europeus dentre eles, o mais famoso, Louis Pasteur. (REIS, 1991, p. 247).

Podem ser percebidos através de expressões sociais ainda do século XIX, por meio da Cemiterada, importante revolta ocorrida na cidade de Salvador no ano 1836. O poder público conduzido por uma filosofia médica, higienista e europeia, por implementação de leis, buscaram imprimir uma reforma urbana que retirou de dentro da igreja e da cidade a prática do enterro. O objetivo desta reforma buscou atender principalmente a saúde da população, estabelecendo uma nova lógica de separação entre vivos e os mortos, além de civilizar os costumes, atualizando assim a sociedade vigente. (REIS, 1991, p. 248).

Se queria ser civilizado, o Brasil deveria ser um país policiado, e higienizado. A lista de maus hábitos era grande e variada: a disposição de lixo nas vias públicas, a falta de escoamento das águas, o alinhamento desordenado das ruas, a arquitetura inadequada dos prédios, os hábitos alimentares extravagantes, a indisposição para exercícios físicos e para a higiene pessoal. Na verdade, os médicos propunham uma verdadeira revolução cultural. Para alcançá-la, preconizavam a reorganização e racionalização de algumas instituições básicas, como as prisões, hospitais, escolas e cemitérios, todas vistas como causadoras de doenças físicas e morais. O programa de domesticação do espírito é resumido no título de uma tese médica de 1939: *A medicina contribue para o melhoramento da moral e a manutenção dos bons costumes*.

A criação de um homem higiênico seria o objetivo de um trabalho pedagógico permanente. Para isso, os médicos se organizaram com eficiência surpreendente. (REIS, 1991, p. 249).

O autor, ao discutir sobre a morte, evidencia o entendimento de uma mentalidade eurocêntrica presente na Bahia do século XIX, que buscou por meio de políticas públicas civilizar, higienizar, não só numa perspectiva urbanística mas também os costumes, as relações, a cultura da população, esta tida como incivilizada, atrasada, nociva aos novos padrões sociais no limiar do século XX, a ser atingido por meio de leis coercitivas e um constante trabalho pedagógico.

Em outubro de 1828, foi promulgada a lei de estruturação dos municípios, deixando as questões relacionadas a assuntos de ordenamento, limpeza pública, fiscalização e regulamentação do cotidiano dos habitantes sob atribuição da gestão municipal. Dentre os espaços a ser fiscalizado e ordenado figurava os espaços das feiras

livres na Bahia (REIS, 1991, p. 276). Esta lei foi amplamente utilizada contra espaços de expressões e reprodução das classes sociais menos abastadas a exemplo da feira livre, importante meio de subsistência de homens e mulheres pobres e negros. Essa mentalidade higienista, civilizatória “moderna” esteve presente desde então nas políticas públicas dos municípios.

Tanto João José Reis (1991), quanto Sidney Chalhoub (1996), analisam um contexto de transição de sociedade. Esta nova sociedade seria calcada a partir de ideais civilizatórios, modernos e de superação de hábitos e costumes dos grupos sociais subalternos. Dessa forma, evidencia-se um método utilizado pelos grupos dominantes para erguer essa nova sociedade moderna e civilizada por meio da imposição, da exclusão e violências físicas e simbólica aos grupos sociais menos abastados. Reis discute as mudanças a partir da ideia de civilizar os costumes já Chalhoub analisa as ações do estado a partir de uma lógica de higienização dos costumes como controle social. Contudo o elemento que estes possuem em comum é a percepção da utilização do poder do estado em sua esfera municipal através das leis e políticas públicas como forma de modelar essa nova sociedade. Esse modelo de modernização e progresso, essas práticas e discursos do século XIX, podem ser percebidos nos discursos dos gestores municipais ainda no século XXI, a exemplo dos discursos encontrados nos jornais locais da cidade de Porto Seguro, que rotula a feira livre como local sujo, duvidoso, incivilizado e anti-higiênico.

A influência das ciências biológicas e medicalização neste período é tão expressiva que Chalhoub vai apontar para o surgimento no Brasil de uma “ideologia da higiene”. Esta, se sustentaria na oposição entre civilização e tempos coloniais somados ao entendimento de que os padrões de “grandeza e prosperidade dos países mais cultos seria a solução dos problemas de higiene pública”. E complementa:

O resultado dessas duas operações mentais e o processo de configuração dos pressupostos da Higiene como ideologia: ou seja, como um conjunto de princípios que, estando destinados a conduzir o país ao “verdadeiro”, a “civilização”, implicam a despolitização da realidade histórica, a legitimação apriorística das decisões quanto às políticas públicas a serem aplicadas no meio urbano. Esses princípios gerais se traduzem em técnicas específicas, e somente a submissão da política à técnica poderia colocar o Brasil no “caminho da civilização”. Em suma, tornava-se possível imaginar que haveria uma forma “científica” – isto é “neutra”, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral – de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes. (CHALHOUB, 1996, p.35).

Esse caráter ideológico, de se conceber as políticas públicas fundamentado unicamente em critérios científicos e técnicos é bastante forte e persiste até os dias atuais. Contudo, o autor desconstrói essa lógica e entende que as políticas públicas revelam valores, intenções e interesses econômicos de determinados grupos.

Dessa forma, é possível a afirmação que o modelo, o discurso e o método das ideias higienistas oriundos deste período influenciou as reformas urbanas ao longo do século XX. Esses discursos higienistas ganharam força e foram utilizados a favor de intervenções no espaço das feiras livres na Bahia e chegaram ao século XXI, sendo utilizados pelos gestores municipais e imprensa local para justificar intervenções e a extinção da Feirinha do Estádio.

Tal afirmação é possível quando evidenciamos ainda a utilização de discursos higienistas voltados a Feirinha do Estádio na cidade de Porto Seguro. Um jornal local, em matéria de título “O risco nosso de cada dia”, sugere a feira como local de risco a vida dos consumidores e dos moradores da cidade, narrando que as carnes comercializadas ali possuíam condições duvidosas, apresentando riscos de doenças e contaminação. Ainda nesta matéria o jornal evidencia a opinião do prefeito da época João Carlos Mattos de Paula, que definiu a feira “como uma vergonha para a cidade”. (*Jornal do Sol*, 06/11/1993, p. 4).

Este discurso higienista e depreciativo do espaço da feira do Estádio se apresenta em outros momentos através de matérias jornalísticas destacando-se. Em uma breve matéria do *Jornal do Sol* dia 20/02/1994, intitulada de “Feirinha vai mudar”, o então prefeito João Carlos declarou: “Vamos acabar com aquela pocilga no centro da cidade”. A violência da declaração do gestor público ao comparar o espaço da feira a um local onde vivem animais da lama demonstra na visão deste o quanto a feira era um local de atraso no centro da cidade.

Em outros momentos o *Jornal do Sol* trata a questão da venda de carne na feira a exemplo das matérias: “Carne clandestina traz sérios riscos à saúde” do dia 10/01/2002. Já nas matérias intituladas: “Proibida a venda de carne nas feiras livres”, de outubro de 2005, a questão da venda da carne na feira é abordada com maior intensidade, visando adequar o comércio deste produto a legislação sanitária de número 304/96, do Ministério da agricultura que versa sobre o abate, transporte, armazenamento e venda da carne.

As críticas às condições e a procedência do comércio da carne se estendia de forma generalizada para outros produtos comercializados na feira a ponto de questionar a própria existência da feira no centro da cidade. A responsabilidade das condições de higiene da feira repetidamente é atribuída aos feirantes, contudo, as matérias não se posicionaram, criticaram os gestores públicos sobre a falta de atenção aos feirantes e a este espaço. Ao analisar as matérias jornalísticas não se identificou questionamentos plausíveis ou reflexões sobre as motivações ou justificativas do espaço da feira sofrer, durante muito tempo, com o abandono dos gestores públicos, a ponto de chegar a condições deploráveis como demonstraram as matérias descritas no jornal.

Este discurso higienista estará presente na narrativa da imprensa ao longo da história das feiras livres na Bahia. Onde destaca-se a histórica feira de São Joaquim uma das maiores e mais antigas do estado, e como a Feira foi tratada pela imprensa e Gestão municipal de Salvador já na década de 1960. Pois, neste período, a feira se tornou um espaço de grandes questionamentos quanto ao tipo de comércio que ali existia, principalmente em relação à higiene. Estavam abertas as críticas sobre o mercado popular quanto ao condicionamento das mercadorias, a saúde da população devido à falta de “limpeza”, bem como a incapacidade dos feirantes de atenderem as necessidades de consumo da cidade.

Mesmo com os projetos da prefeitura de higienizar o local, as críticas continuavam, pois segundo o jornal *A tarde*, tais medidas foram insuficientes para adequar o espaço aos novos padrões de higiene. O clamor de setores empresariais por um mercado consumidor, haja vista que a feira se enquadrava num comércio tipicamente popular de preços baixos e muita oferta, constituindo-se enquanto concorrente das redes de supermercado que começavam se instalar na cidade. Neste sentido, o jornal *A Tarde* faz críticas duras a feira com a matéria intitulada: “Feiras livres permanentes sinais que Salvador esta involuindo”.

Não existe uma localidade no interior da Bahia onde haja feiras livres permanentes [...]. na capital, onde deveria ocorrer o mesmo, proliferam as feiras, variando suas dimensões, mas uniformes num ponto: permanecem, sujas com barracas que vedem frutas, carnes e outros alimentos [...]. O comércio varejista evoluiu, aparelhou-se para suprir as necessidades da população [...]. O que não evoluiu foi a maneira de encarar o problema, permitindo que uma tolerância ilimitada tornasse possível a existência e desenvolvimento de um comércio marginal, incapaz de responder às necessidades de consumo de uma cidade moderna [...]. Salvador então, não mais continuara na situação de uma

aldeia atrasada. Poderá, assim desfazer o contraste atual, em que figura, sob certos aspectos, em condições inferiores à pequenas cidades do interior da Bahia. (“Feiras livres permanentes sinal que Salvador esta involuindo”. (*A Tarde*, 01/07/1963, p. 2).

O jornal *A Tarde*, fez alusão ao comercio varejista, referindo-se ao aumento significativo de instalações de supermercados, açougues e frigoríficos. Neste sentido a reportagem provoca os leitores à reflexão, questionando a procedência e qualidade dos produtos da feira em especial as questões higiênicas. O Jornal evidencia um olhar de alguns grupos sobre as feiras livres como elemento de retrocesso à cidade.

Este mesmo jornal, em momentos diferentes compreende e rotula a feira como local de “lama”, “lixo” e “confusão”. Assim, chama a atenção a matéria publicada no dia 28 de março de 1968, com enunciado: “Lama, lixo e confusão já começaram a dominar feira de São Joaquim.” Já a notícia do dia 26 de junho deste mesmo ano concebeu a feira como “ameaça à saúde pública”, através da matéria: “Feira de São Joaquim está ameaçando a saúde do povo”.

Em momento diferente outro importante jornal da capital baiana, *Diário de Notícias* no dia 03 de março de 1979, expõe uma matéria jornalística concebendo a feira como local sujo e que afasta os consumidores, “Sujeira afasta consumidores de São Joaquim”.

Nota-se nas leituras destas diversas matérias jornalísticas contrarias a feira de São Joaquim, nos jornais *A Tarde e Diário de Notícias*, não há como não fazer uma relação da feira com o projeto urbanístico da cidade, este fundamentado por um discurso que defendia a modernidade, que era limpa, organizada e industrializada, de acordo com a proposta do PLANDEB<sup>8</sup>.

A campanha de marginalização da feira livre segue estampada em diversas reportagens, o *Diário de Notícias* do dia 23 de Julho de 1960, intitulada: “Clandestina toda a carne de Água de Meninos”, a matéria trata da falta de higiene nos matadouros e a clandestinidade dos mesmos, que essa era uma realidade das feiras livres de Salvador, contudo nesse período, a venda de carne de forma considerada “precarizada” era comum em diversos espaços da cidade, no entanto analisando os jornais supracitados os mesmos

---

<sup>8</sup> HENRRIQUE, Luís Dias Tavares. *História da Bahia*. 10ª edição. São Paulo: Unesp; Salvador - Ba: EDUFBA, 2001.

focalizam toda a sua crítica apenas as feiras livres, diante disso, como não problematizar tal discurso?

Em artigo intitulado “Feiras, Mercado e suas gentes. Caminhos da feira: Um olhar sobre os trabalhadores do mercado de carne da cidade de Castro Alves e a política sanitária (1996 – 2006)”, do historiador Jilmar de Jesus Gusmão (2013), buscou examinar o processo de modernização da pecuária baiana, manifestado através da política sanitária implantada na região de Castro Alves, vivenciada por comerciantes e trabalhadores do mercado de carnes da cidade. Como estes trabalhadores informais reagiram e lançaram mão de estratégias de sobrevivência e adequação ao código sanitário que regulava o abate, a comercialização e o trato com a carne.

Gusmão (2013), ao debater os efeitos de implementação de adequação a novas normas sanitárias na cidade de Castro Alves, revela como as práticas no manejo do gado a comercialização e a industrialização no campo se refletiram na comercialização da carne no destino final - no mercado de carne de Castro Alves. Este, percebeu a existência de uma modernização na pecuária e que os açougueiros precisavam se adequar a este novo contexto.

Uma outra pesquisadora que investe no estudo da relação higiene e feira livre foi a sanitarista Ana Cláudia Venegeroles de Sá Teles (2006). Em sua dissertação de mestrado com o título “Hábitos higiênicos: Uma etnografia da higiene na feira do Japão, Liberdade”, se propôs a adentrar no universo da feira livre do Japão localizada no bairro da Liberdade, um dos mais populosos da cidade de Salvador, para entender “os hábitos higiênicos relativos aos alimentos se conformam e como a relação entre os diferentes atores desta feira interfere no processo”. Em síntese ao final do estudo a autora chegou a seguintes conclusões:

Ao final do estudo percebi que sujo, limpo, e higiene são categorias construídas a partir de códigos compartilhados pelos distintos atores. A Feira do Japão caracteriza-se como um espaço fluido entre a casas e a rua. Ela não é aceita pelos fiscais municipais devidos sua informalidade. O conhecimento científico das normas higiênicas e a legislação sanitária não são compreendidas pelos feirantes, pois são estranhas ao seu sistema simbólico. As leis não são efetivas e não tem uma influência importante na construção das práticas higiênicas. Os feirantes e consumidores da feira sentem-se excluídos e marginalizados. (TELES, 2006, p. 8).

A partir das contribuições da autora percebemos uma contraposição de percepções. Se por um lado as normas são impostas pelos agentes de fiscalização, que visam intervir em um espaço caracterizado como fluido e informal. Por um outro os feirantes sentem-se violados, excluídos e marginalizados, assim os feirantes não aceitam as leis, dessa forma elas não se torna efetiva.

Sobre a higiene ao decorrer do tempo a autora ainda traz importante concepção, entendendo que:

O Conceito de higiene de cada época histórica pode ser relacionado com seu contexto cultural. Os hábitos higiênicos institucionalizam-se como regra. Eles formam-se lentamente no cotidiano dos indivíduos e vão moldando as formas de agir individuais e coletivas. (TELES, 2006, p. 8).

Como o passar do tempo padrões de exigências mudam e se atualizam, ocorrendo adequações da concepção de higiene e limpeza. Contudo, os argumentos e cobranças sobre o espaço da feira livre permanecem similares, pois os aspectos questionados não são apenas de saúde pública, mas sim estendidos aos comportamentos e hábitos cotidianos presentes nestes espaços que podem expressar aspectos sociais e culturais de momentos históricos anteriores e incompatíveis com as regras e hábitos vigentes.

A feira livre, assim como em outros espaços de reprodução social de grupos subalternos continua sendo indagada. Esses questionamentos, possuem enraizamento histórico ainda em ideais ideológicos higienistas do século XIX. Dessa forma, a contribuição mais importante a ser observada neste recorte extraído da pesquisa de Teles é o entendimento da existência de diferentes concepções de higienização a partir das transformações sociais e culturais presentes na sociedade ao longo do tempo. Complementa, evidenciando que a concepção de higiene e os hábitos estão ligadas na história ao fenômeno da urbanização e acumulação de riqueza. (TELES, 2006, p. 28).

Dessa forma entendemos que a ideia de modernização se desdobrara em diferentes aspectos sobre o mundo ocidental. Assim, a modernidade permitiu um leque, desenvolvendo ideias de civilização, modernização, progresso, higienização, desenvolvimento e industrialização. Esses elementos dialogam com a ideia de sociedade civilizada proposta por Varnhagen e serão critérios para construção de uma definição de ideia de superação na sociedade brasileira, que estão em constate transformação.

#### **1.4-Porto Seguro, Bahia, Brasil: terra do descobrimento, do esporte, do progresso e da desigualdade!**

A década de 2000, pode ser caracterizada como um período de estabilidade econômica e grande prosperidade. A imagem do Brasil neste período foi bastante positiva tanto internamente, com importantes políticas públicas sociais, mas também internacionalmente com a constituição de laços e acordos econômicos bilaterais. Embora tenha se iniciado com uma política monetária bastante austera com elevadas taxas de juros, metas de inflação muito baixas e grande proteção a moeda nacional, (PESSOTI & PESSOTI, 2010, p. 37), a década de 2000, pode ser caracterizada por ser um período de estabilidade econômica e importantes avanços sociais. (ROLNIK & KLINK, p. 89. 2011).

Ao analisar a década de 2000, estes intelectuais evidenciam importantes transformações em especial no modelo econômico que pautou a economia com forte expansão do consumo interno resultando na ampliação de um mercado consumidor.

Na Bahia inicia a década com grande euforia. A política de isenção e benefícios fiscais visando atrair investimentos econômicos surtiu efeito. Em 2002, foi lançado o Programa de Desenvolvimento Industrial e de Integração Econômica do Estado da Bahia (DESENVOLVE) que “considerava que as metas eram de longo prazo e visavam, em linhas gerais, a diversificação da matriz indústria no estado”. Além disso, visava uma descentralização dos investimentos preconizando áreas menos desenvolvidas do Estado. (PESSOTI & PESSOTI, 2010, p. 38-39).

Assim, a Bahia inicia logo nos primeiros anos da década, com um impulso desenvolvimentista expressivo. Outros setores serão beneficiados com recursos do DESENVOLVE, como indústria têxtil, madeireira, plástico dentre outros. Neste contexto o segmento da indústria do turismo também foi contemplado. Em janeiro do ano 2000, o governador Cesar Borges assinou projetos e anunciou mais de 130 milhões em investimentos para a Costa do Descobrimento. (*Jornal do Sol*, janeiro 2000, N° 151, p.22).

Este cenário positivo permitiu também o estabelecimento do estado como importante protagonista na promoção do esporte em contexto mundial. O país nesta década atraiu importantes eventos internacionais como os Jogos Pan-Americanos e o Para-Pan-Americano, realizados na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2007, e atraiu ainda a Copa do Mundo 2014 e a Olimpíada 2016. Estes eventos, apresentaram controvérsias como a implementação verticalizada sem o devido diálogo com a população

e a resistência da mesma chegando a incidir em descontentamento popular manifestado em inúmeros protestos nas ruas. Ainda assim, resultaram em importantes investimentos, possibilitando a estruturação e execução de reformas urbanas em diversas cidades pelo país, dentre elas Porto Seguro, um dos principais destinos turísticos nacional que não ficou de fora.

Ainda neste contexto da década de 2000, é importante evidenciar o uso do esporte como arrefecedor dos conflitos sociais e amenização da pobreza pelas Organizações das Nações Unidas (ONU).

É justamente neste contexto de medo e de reafirmação do discurso da tolerância, sob a égide da tentativa de recomposição do capital em crise, que podemos situar o novo papel atribuído para o esporte, qual seja, o de compor ideologicamente os discursos da tolerância e de alívio à pobreza. Como exemplo, apontamos os esforços internacionais, organizados pela Organização das Nações Unidas (ONU), no intuito de estabelecer consensos para o alívio da pobreza e promoção da assim chamada paz entre os povos. Desde setembro de 2000, reuniram-se em Nova York, líderes de 191 países, membros da ONU, na intenção de definir estratégias até 2015, denominadas Metas do Milênio, para garantir a qualidade de vida e a diminuição da pobreza em todo mundo. Como parte deste mesmo projeto, em 2002, o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, reuniu uma Força Tarefa com intuito de envolver o esporte no sistema das Nações Unidas. (NOZAKI & PENNA, 2007).

Esse tipo de iniciativa proposto pela ONU, se adequa ao perfil do Brasil, que possui como características marcantes a desigualdade social a pobreza e a concentração de renda, além das questões raciais oriundas do processo de escravização dos negros durante a história colonial e imperial e das formas de sua inclusão/exclusão durante o período pós abolição e ao longo toda a história republicana. Embora a escravidão tenha acabado há mais de 300 anos, é necessário apontar que a desigualdade não é fruto apenas a escravidão em si, mas também dos processos posteriores de negações de direitos, por parte do Estado e da sociedade a esta parcela da população, dentre eles o direito à cidadania. Assim, nada foi feito como reparação no pós-escravidão para mitigar as desigualdades ou incluir esta população que se tornou livre e pobre.

A estabilidade e a solidez econômica do Brasil deste contexto ajudaram o governo federal a conseguir superar seus concorrentes Argentina e Colômbia, atraindo para o país dois grandes eventos esportivos internacionais: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Estes eventos foram importantes para o país, pois geraram emprego

e renda com a construção e reformas de estádios, além de possibilitar reformas urbanas nas cidades sedes.

É sabido que as políticas de segurança pública implementadas recentemente em distintas comunidades de Salvador/BA fazem parte de projetos mais amplos de requalificação urbana das cidades, e que visavam, entre outras metas, melhor preparar as cidades para a realização de importantes eventos internacionais, como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. (HITA, 2017, p.198).

Como demonstra a professora Maria Gonsalves Hita em seu artigo “Comunidade Periférica da Cidade de Salvador: entre a requalificação urbana e a pacificação policial”, a realização destes eventos esportivos internacionais possibilitaram uma requalificação ampla das cidades, inclusive no setor de segurança pública com a implementação das Bases Comunitária de Segurança (BCS).

O governo federal optou por adotar um modelo descentralizado do evento, onde os jogos foram espalhados pelas cinco regiões do país. Essa opção fez com que os estados se inserissem numa acirrada competição para se estabelecer como qualificado e capaz de acolher jogos. Isso representa uma qualificação não apenas em bons estádios ou gramados, mas sim em outros aspectos como infraestrutura urbanística e hoteleira, pois os locais em que foram sediados os jogos tornara-se “vitrines” para o mundo, tendo em vista que, não só o cotidiano dos jogos, bem como os treinos, os turistas, estiveram sob a atenção das lentes da imprensa mundial.

Na Bahia, os jogos foram realizados na cidade de Salvador, no estádio da Fonte Nova, para isso este estádio foi demolido e reconstruído com intuito de corresponder aos padrões internacionais. O contexto estadual houve também uma movimentação por parte das cidades para atrair as equipes, e se constituir como Centro de Treinamento das Seleções (CTs). No estado foram feitas 14 inscrições dentre elas cidades como Mata de São Joao, Ilhéus, Salvador, Camaçari, Feira de Santana e Porto Seguro disputaram a preferência dos técnicos da FIFA e das comissões técnicas das seleções de futebol. Ao final foram escolhidas duas cidades: Salvador (Praia do Forte), e Porto Seguro (Praia do Múta, Hotel La Torre).

Assim, o mito de fundação proposto por Varnhagen, a cidade patrimônio símbolo da nação, ideias reproduzidas por décadas na cidade se somara a ideia de cidade do prazer, lazer, se aproximando do contexto do Brasil como terra do esporte, onde se desenvolveu

o futebol. Para isso, os gestores municipais inseriram a cidade num clima poliesportivo com ênfase no futebol. Dessa maneira, ocorreu uma movimentação no intuito de atrair eventos esportivos ora nacionais, ora investimentos locais com o patrocínio de equipes esportivas, a exemplo do incentivo a própria seleção de futebol municipal de Porto Seguro.

Estas afirmações são possíveis quando se observa recorrentes matérias expostas no *Jornal do Sol* neste período, expressando o fomento ao esporte por parte da gestão municipal. Através de investimentos e incentivo para realização de eventos esportivos como campeonato municipal, realização de campeonatos de natação, futebol de salão, Copa de surf, além de incentivar a participação da seleção de futebol local no campeonato intermunicipal daquele ano. (*Jornal do Sol*, 10/2003, nº 202, p. 08-09.). Além disso, percebemos a preocupação da gestão municipal aos esportes no município quando se observa que o estádio municipal foi totalmente reformado no ano de 2006. (*Jornal do Sol*, julho de 2006, nº 251, p. 11). Neste momento é importante notar que, a ideia de fomento ao esporte proposto pela ONU, é refletida na Costa do descobrimento.

A cidade de Porto Seguro após vivenciar um período áureo de grandes investimentos econômicos ao longo da década de 1990, com vultosos gastos com infraestrutura e a ornamentação de parte da cidade para comemorar o aniversário de 500 anos da nação, foram bastante expressivos. Contudo do ponto de vista social a maioria da população ainda sofre com problemas advindos a grande expansão demográfica como crises de abastecimento de água e energia elétrica, alta criminalidade, moradias precárias dentre outros. (MARTINS, 2018, p. 347).

Com belas riquezas naturais e dotadas das mais bem estruturadas barracas de praia e abundância de leitos ofertados aos turistas pela rede hoteleira evidencia uma face da cidade direcionada aos turistas do Brasil e ao mundo, bonita, bem ordenada, planejada e alegre, esta é a Porto Seguro apresentada aos turistas. Contrapondo a essa lógica, uma outra face antagônica, se revela violenta e com problemas estruturais como ressaltaram Martins, (2018, p. 347) e o morador Euclides Sena, ao relatarmos como se encontrava o cenário da cidade “berço do descobrimento” as vésperas de completar os 500 anos, (*Jornal do Sol* 23/05/1999, Nº 145, p. 06), uma cidade caótica seria a cidade vivenciada pela maioria dos moradores. A partir destas observações é possível perceber a existência

de uma cidade que em seu processo de desenvolvimento urbano excludente e contraditório resultou em uma cidade de duas faces, a do turista e a do morador.

A década de 2000, para o Brasil foi de grande relevância com importantes transformações nos aspectos políticos, sociais e econômicos. Esses crescimentos, impactaram os estados e municípios de formas diferentes. A cidade de Porto Seguro, como foi demonstrado, se beneficiou com a atração de investimentos sociais e econômicos na área do esporte e do turismo, esses recursos permitiram intervenções urbanas na cidade e interferência na região do estádio municipal e no território da Feirinha do Estádio, resultando em alterações irreparáveis aos moradores e feirantes deste local.



Na cabeceira esquerda do lado de fora do estádio está a atual praça da Bíblia, local onde se concentrava a maior parte dos imóveis e estabelecimentos comerciais que constituía a parte fixa da feira, em destaque na região central da praça, está em azul uma quadra poliesportiva, em seu entorno um conjunto de equipamentos de musculação.

O Estádio Municipal e a praça da Bíblia – local da antiga feirinha, hoje, está localizado no centro da cidade, entre a Rua Bernardo Spector indicada ao lado esquerdo no mapa 01 e a Rua João Higinio Figueiredo indicada na parte direita no mapa – antiga Rua da Vala, fazendo referência a um córrego que ali existia. No cruzamento destas duas ruas constituindo parte de uma forma triangular na cabeceira do lado esquerdo do estádio se localizava a feira. A sua frente, do outro lado da rua está o supermercado Rondelli, a sua esquerda a Unidade Básica de Saúde e Clube da amizade, ao fundo o Estádio esta circundado por casas da Rua Maria V. Ramos.

A parte fixa da feira se estendia aproximadamente a uma medida superior a nove mil metros quadrados, compreendendo o que seria hoje a atual Praça da Bíblia, local onde ficava a maioria das residências e comércios dos feirantes. Contudo, existiam moradias e estabelecimentos comerciais dos dois lados ao longo da Rua Bernardo Spector. Estes imóveis destinados a moradia e ao comércio estão representados abaixo na imagem 07, através de pequenos cubos retangulares e colorido com a cor lilás, podendo ser representados por três agrupamentos de imóveis; o primeiro e de maior volume seria os encostados ao longo do muro do estádio indo do estacionamento do estádio ao portão lateral do mesmo. Boa parte dos imóveis acompanharam a concavidade formada pelo muro do estádio – representado no mapa na cor verde, isso, com o intuito de aproveitar parte da parede do prédio público como estrutura de suas casas. Assim, uma grande quantidade das casas da feira estavam encrustadas na parte externa do estádio.

A frente, separado pela rua interna da feira mais dois blocos de imóveis e do outro lado da rua Bernardo Spector e frente do Atacado Rondelli um outro conjunto de estabelecimentos todos coloridos no mapa na cor lilás.



Imagem 07. Mapa representativo da extinta Feira do Estádio. Confeccionado por João Paulo (2021).

A imagem 07, a princípio foi confeccionado de forma artesanal pelo autor e posteriormente transformado em arte gráfica e representa a mesma região que o mapa 01, recortado do Google Maps da região do estádio e da antiga feira. Destacando a geografia interna da feira, e alguns estabelecimentos referenciais em seu entorno como o Posto de Saúde o Mercado Rondelli e o Clube da Amizade. Isso foi possível a partir das informações e indicações detalhadas do espaço por feirantes do atual mercado Municipal que viveram e comercializaram neste espaço já extinto e descreveram a geografia da feira.

Na imagem 07, a cor marrom é descrita como Rua Interna da Feira, está representado o traçado que deu forma a parte interna da feira. Estas, eram curtas e estreitas, segundo o feirante Niraldo Xavier (2020), as ruas não tinham nome, possuía uma largura que variavam entre um metro e meio a dois metros e meio. O traçado sinuoso e irregular fruto da ocupação e crescimento espontâneo indicam um contraste que quebra os padrões retangulares da cidade. Ainda compondo a parte interna da feira as ruas se conectavam com uma parte central que está na imagem XX, na cor marrom claro e descrita como área aberta. Esta localidade segundo relato do ex-feirante Wesley Ferreira, filho do feirante Niraldo Xavier, este era um local de uso comum onde os feirantes estendiam suas roupas em varal, guardava além de objetos, seus carrinhos de

comercializar produtos na feira e na Passarela do Álcool – local de grande circulação de turistas na cidade. O relato do Sr. Wesley trouxe ainda uma importante informação, a de que nesta região aberta em frente as residências eram praticada a limpeza e secagem de camarão bem como a venda, embora o local destinado para comercialização deste tipo de produto fosse a região da tarifa.

A simplicidade e humildade das construções denunciavam o abismo social que a cidade fabricada para o turista escondia. Assim, estes contrastes expressos no espaço da extinta feira revelavam contradições que não corroboravam com a cidade símbolo do glorioso mito do descobrimento da nação e dos negócios do turismo.

A parte móvel da feira, composta por feirantes de diferentes regiões da cidade que comercializavam uma variada gama de produtos acontecia aos finais de semana e se estendiam ao longo das ruas João Higinio cor laranja e na rua Bernardo Spector indicado no mapa na cor azul. O tamanho da feira ocorrida na rua era flutuante, poderia se expandir ou contrair a depender do dia do mês em que os clientes recebem os seus salários e vêm comprar na feira, ou períodos festivos quando a comercialização era maior.

## **2.2 Fotos e imagens de uma feira extinta: estabelecendo categorias.**

Diante da importância do uso das imagens como instrumento de análise e reconstituição de um lugar já extinto, indica-se a concepção exposta no texto “Fotografias: Usos sociais e historiográficos” produzido pelas autoras Solange Ferraz de Lima e Vania Carneiro de Carvalho (2011), que versa sobre a importância do uso das fotografias enquanto fontes históricas. Este, compreende a fotografia como difusor de imagens, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos retratos com apelos eróticos, paisagens urbanas das metrópoles, imagens chocantes de guerras e de conquistas científicas, constituindo-se em um importante gerador de informações. A fotografia democratiza a informação mudando a percepção do mundo ampliando a referência de populações que antes tinha suas vidas restritas ao trabalho e local de moradia. (CARVALHO, LIMA, 2011, p.30). Para ajudar a descrever aspectos sociais, culturais e econômicos de uma Porto Seguro de outrora, o uso de imagens como foi proposto pelas autoras está sendo utilizado nesta pesquisa.

Para o autor Paulo Knauss (2006), a imagem pode ser caracterizada como expressão da diversidade social e da pluralidade humana e complementa:

Assim como na ausência de depoimentos escritos, a expressão de camadas das classes trabalhadoras dos tempos atuais pode ser reconhecida por fotografias cotidianas, a vida das elites pode ganhar outros enfoques a partir de álbuns de fotos de família que podem ser contrastados com diários íntimos, por exemplo. (KNAUSS, 2006, p. 99).

As imagens fotográficas aqui são relevantes pois se tornaram importante aliado na reconstituição do espaço que em diálogo com outras fontes e informações podem melhor ilustrar e materializar o cotidiano e as condições de vida dos trabalhadores e moradores na extinta feira do Estádio que hoje não existe mais. Assim, como evidencia o Knauss (2006), as imagens quando foram fotografadas atendiam a um interesse e cumpriam uma função predeterminada dentre ela a lúdica ou afetiva, mas com o olhar atendo do pesquisador estas imagens podem evidenciar outros significados possibilitando outras leituras sobre esta fonte.

As contribuições das autoras CARVALHO, LIMA (2011), e do autor KNAUSS (2006) sobre o uso das imagens fotográficas como fonte são relevantes. Assim, as fotografias se alinham aos documentos escritos e depoimentos orais do período estudado para melhor ilustrar o espaço da feira. É o que se pretende fazer aqui com as imagens colhidas durante a pesquisa sobre a extinta feira do Estádio.

As imagens foram acessadas do arquivo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), no ano de 2020. A mesma encontra-se sob a posse do atual presidente da instituição, Niraldo Xavier, que gentilmente vem contribuindo para esta pesquisa. Após encontros e desencontros, foi numa quinta-feira – dia de menor movimento, na feira do atual Mercado Municipal, em frente ao box do mesmo, que comercializa café da manhã e lanches, em umas mesas e cadeiras de plástico que o Sr. Niraldo apresentou um conjunto de fotografias. Estas, estavam em uma pasta organizada na ordem numérica em conjunto a anotações e documentos referentes a extinta feira do Estádio. Assim, a breve análise e coleta das fontes foi feita através de um celular nas mesas plásticas em frente ao estabelecimento do Sr. Niraldo.

As fotografias demonstram terem sido tiradas de diferentes máquinas digitais em diferentes momentos, a autoria seria dos próprios integrantes da Associação. As imagens estão em papel timbrado, na parte superior esquerda aparecem os símbolos da Prefeitura Municipal de Porto Seguro e ao lado superior esquerdo a logomarca da Secretaria de Infra Estrutura e Serviços Públicos e logotipo da gestão do prefeito Abade do ano de 2009.

Continha como cabeçalho: “Relatório fotográfico dos imóveis da Feirinha, com seus proprietários e suas atividades”, ao lado a data de 22/06/2009. Na parte inferior da folha contém informações sobre a Secretaria de Infra Estrutura e Serviços Públicos, endereço, e número de Certidão de pessoa Jurídica da prefeitura. Esse conjunto de elementos que visaram identificar a página dando a mesma um caráter formal e oficial indica uma preocupação com a legalidade do processo. O Sr. Niraldo (2020), relatou que estas fotos foram entregues como forma de registrar a existência dos imóveis fazendo parte do processo de negociação com a gestão municipal.

Este relatório fotográfico, composto de um total de 31 páginas não numeradas timbradas, sendo que 28 continham 04 fotografias por página, 02 páginas contendo três fotografias em cada e 01 página contendo 01 fotografia, perfazendo um total de 119 fotografias. No rodapé de cada fotografia está escrito uma legenda com o nome do proprietário, atividade comercial, serviço exercido ou finalidade do imóvel. Cada fotografia possui um número indicando uma ordem crescente que se inicia com o número 01 e finaliza no número 119, indicando a quantidade final de estabelecimentos ali contabilizados.

De acordo com o relatório fotográfico a feirinha do Estádio antes de ser demolida e extinta possuía 119 imóveis, distribuindo-se da seguinte forma: 82 Residências, destas 18 realizavam algum tipo de atividade comercial em casa e 64 eram com finalidade exclusiva para moradia. 54 Espaços comerciais, destes apenas 36 destinavam-se estritamente o imóvel para fins comerciais. As atividades comerciais eram bastante diversas que variavam desde a venda de diferentes produtos ao oferecimento de vários serviços, evidenciando o quanto complexo e diversos era o espaço da feira do Estádio.

Além das residências, as diversas atividades comerciais presentes na feira do Estádio evidenciadas através do relatório fotográfico, pode-se estabelecer algumas categorias. Para melhor compreender a complexidade do espaço da feira é possível se estabelece algumas subdivisões organizativas distribuídas da seguinte forma: residências; comércio de frutas; bares e restaurantes; serviços prestados; comércio de carnes e frango; cereais e granulados; por fim, confecções e utensílios domésticos.

O comércio de frutas predominava em 14 estabelecimentos. O comércio de frutas e verduras frescas é bastante expressivo, um dos principais atrativos no comércio da feira

livre. Embora nas legendas das fotografias indicassem a venda de frutas, outros alimentos eram também ofertados por estas barracas.

No segmento bares e restaurantes totalizara-se 09 estabelecimentos, sendo 08 bares, e 01 restaurante. O comércio de bebidas alcoólicas sejam por bares, vendas ou botecos é muito comum em feiras livres estes espaços cumprem um importante função de ponto de encontro e interação. Ali eram comercializados o café da manhã com mingaus e bolos ou até mesmo feijoadas e pirões acompanhados de mocotó e vísceras animal – “mocófato, buchada, panelada” dentre outras variações, o almoço, petiscos e tira gostos. O que chama a atenção é o destaque para apenas um único restaurante, o que pode indicar uma exclusividade no comércio de refeições no local, contudo os bares e botecos atendiam também a função de comercializar comidas.

No quesito de serviços prestados foram identificados 09 estabelecimentos, sendo 02 salões de beleza, 01 borracharia, 01 atelier de pintura, 02 serralheria, 01 capotaria, 01 comércio de artesanato e 01 eletricitista. Estes serviços identificados, evidenciam e acentuam a diversidade e importância que era o espaço da feira não só no abastecimento da cidade com gêneros alimentícios, mas na oferta de serviços profissionalizados à comunidade.

No comércio de carne e frango foram identificados 06 estabelecimentos, sendo 05 açougues e 01 abatedouro de frango. Na legenda não indicavam quais tipos de carne eram comercializados, contudo é bastante comum se comercializar além da carne de boi, a venda da carne de pequenos animais como porcos, ovinos e caprinos, bem como suas vísceras. O que chama a atenção é a existência de apenas um abatedouro de frango, a existência de um único abatedouro pode não descartar a possibilidade da venda de frangos resfriados também nos açougues.

No comércio de cereais e granulados foram identificados 06 estabelecimentos, sendo 04 casas de cereais e 02 de temperos. Nestas casas de cereais indicava-se a comercialização de arroz feijão, milho, amendoim, sementes variadas, contudo essa não é uma regra bem definida, pois nestes locais eram comercializados outros tipos de produtos. As barracas de temperos apresentavam gêneros exclusivamente para a alimentação humana como corantes, cominho, alho, dentre outros condimentos.

Em confecções e utensílios foram identificados 06 estabelecimentos, sendo 04 vendedores de convecções e 02 de utensílios doméstico. As confecções indicavam a venda de roupas de diferentes gêneros além de calçados e adornos como bolsas e pochetes. Nos utensílios domésticos se vendia vasos e panelas de alumínio ou plásticas, equipamentos para o concerto e manutenção de fogões, indicando que além da venda desses artigos oferecia-se os serviços de manutenção para o fogão.

Foram encontrados ainda 04 estabelecimentos comerciais sem definição, sendo 02 tratados de forma genérica apenas definidos como comércio e 02 como depósitos.

O objetivo do Relatório Fotográfico no momento em que foi construído era registrar e comprovar a existência material dos imóveis e dos proprietários, isso, com intuito de se prover futuras indenizações. Definindo apenas três categorias específicas, a de finalidade residencial e a de finalidade comercial, e as que atendiam ambas as funções ao mesmo tempo, residência e comércio. Em momento algum no relatório foi contabilizada quantas pessoas eram residentes nos domicílios ou se mais de uma família ocupava a mesma residência, estas informações poderiam compor um retrato mais completo da extinta feira. A análise aqui proposta ampliou estas categorias para melhor entender o espaço da feira, contudo é importante relatar que os serviços prestados e gêneros oferecidos na feira pode ser muito maior do que os elencados nesta pesquisa.

### **2.3 Cenas da diversidade de uma feira esquecida.**

Para melhor ilustrar imagetivamente a extinta feira a seguir analisaremos algumas imagens da vida dos feirantes, de suas residências e estabelecimentos comerciais pertencentes aos mesmos que foram demolidos e extintos. Serão seguidas as categorias aqui constituídas e já definidas: residências; comércio de frutas; bares e restaurantes; serviços prestados; comércio de carnes e frango; cereais e granulados; por fim, confecções e utensílios domésticos.

Devido a vasta quantidade do arquivo iconográfico elencaremos apenas algumas fotos por categoria aqui anunciada que melhor ilustra a realidade da feirinha do Estádio. Em seguida faremos a leitura e análise das imagens expostas.

## Residências

Logo abaixo na imagem 08, demonstra um modelo padrão de papel timbrado com as identificações constadas na folha conforme já descrita, todas as folhas seguem o mesmo padrão de identificação nas impressões. Nesta, está descrita com legendas quatro residências sendo possível inferir que foram utilizadas exclusivamente como moradias.



Imagem 08. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Os imóveis representados na imagem 08, estão ordenados com as numerações 45, de propriedade de Valdir Ferreira Carvalho, 46 de propriedade de Juarez Santos Macedo, 47 Neusa Pereira Mota e 48 Maria Lucia dos Santos. Estas moradias de aparência bastante humilde, todas em telhados de amianto do tipo Eternit. Quanto a seu tamanho, de frente, a grosso modo, pode-se inferir que as casas possuem pouco mais de três metros de largura cada uma, quanto as laterais não temos como supor o tamanho, contudo a partir das fotografias é possível perceber que se trata de residências pequenas. As residências representadas na imagem 08, fotos de números 45 aparentemente construída com madeira reaproveitadas e com cobertura de Eternit. A residência representada na foto de número 47 também é em madeira e cobertura em Eternit, já as residências representadas nas fotos de números 46 e 48, aparentemente construídas em tijolos e cimento e em cobertura de Eternit.

De modo geral o que chama a atenção nestas quatro residências além do pequeno tamanho e precariedades nelas expostas, são os registros do cotidiano da comunidade com a existência do varal a frente das residências, um outro elemento a ser observado é a presença de pequenas “carroças” e caixas que indicam a prática de venda de algum tipo de produto, outro elemento observado que salta aos olhos é o fato que mesmo em meio as mazelas existe o cultivo de plantas perfazendo um pequeno jardim.

Na imagem 09, logo abaixo, está a residência representada a foto 67, de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Irani Ramos de Oliveira, uma residência bem estruturada em tijolos, a fachada rebocada sem pintar, possui um primeiro andar, com cobertura em telha Eternit. Portas e janelas em madeira sem pintar, à frente da residência uma pia e uma churrasqueira demonstrando que parte do cotidiano doméstico dos moradores se passava em meio à frente da casa.



Imagem 09. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

A seguir, uma outra imagem que pode refletir o cotidiano e caracterizar este espaço é a imagem 10, representada no relatório a foto de número 06, de propriedade da Sra. Hildete Santos de Azevedo. Esta, aparentemente indica que além de residência este imóvel cumpre alguma atividade comercial indefinida, visto que a frente consta um pequeno balcão e a presença de duas mulheres demonstrando algum tipo de atendimento, pois ambas estão sentadas uma em frente ao balcão e outra atrás dele, o que evidencia e fortalece o argumento da existência de uma maior diversidade de atividades comerciais ocorridas nos imóveis da extinta feira, logo este imóvel poderia ser classificado no relatório fotográfico como residência e moradia. Na parte superior a esquerda, na entrada do estabelecimento está fixado um pequeno cartaz possivelmente oferecendo algum produto ou serviço, no lado direito um relógio contador de energia elétrica.



Imagem 10. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Dentro desta categoria exclusiva de residências o relatório aponta 82 imóveis, sendo que pode se subdividida numa categoria residências e comércio, existem nesta condição um total de 18 imóveis fazendo referência aos imóveis que cumprem essas duas funções como é o caso ilustrado logo abaixo na imagem 11, foto de número 17, de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Elisabete Martins da Silva, caracterizada na legenda como Comércio de Bar e residência. A propriedade da Sr.<sup>a</sup> Elisabete possui parede frontal pintada de cor rosa e portões de madeira pintados na cor amarelo, telhados de Eternit. Na parte inferior esquerda achado um balde de lixo, nesta mesma localidade duas caixas, aparentemente contendo em seu interior relógios contadores de água, logo acima deste mesmo lado percebem-se dois contadores de energia, do lado oposto percebemos um terceiro contador de energia.

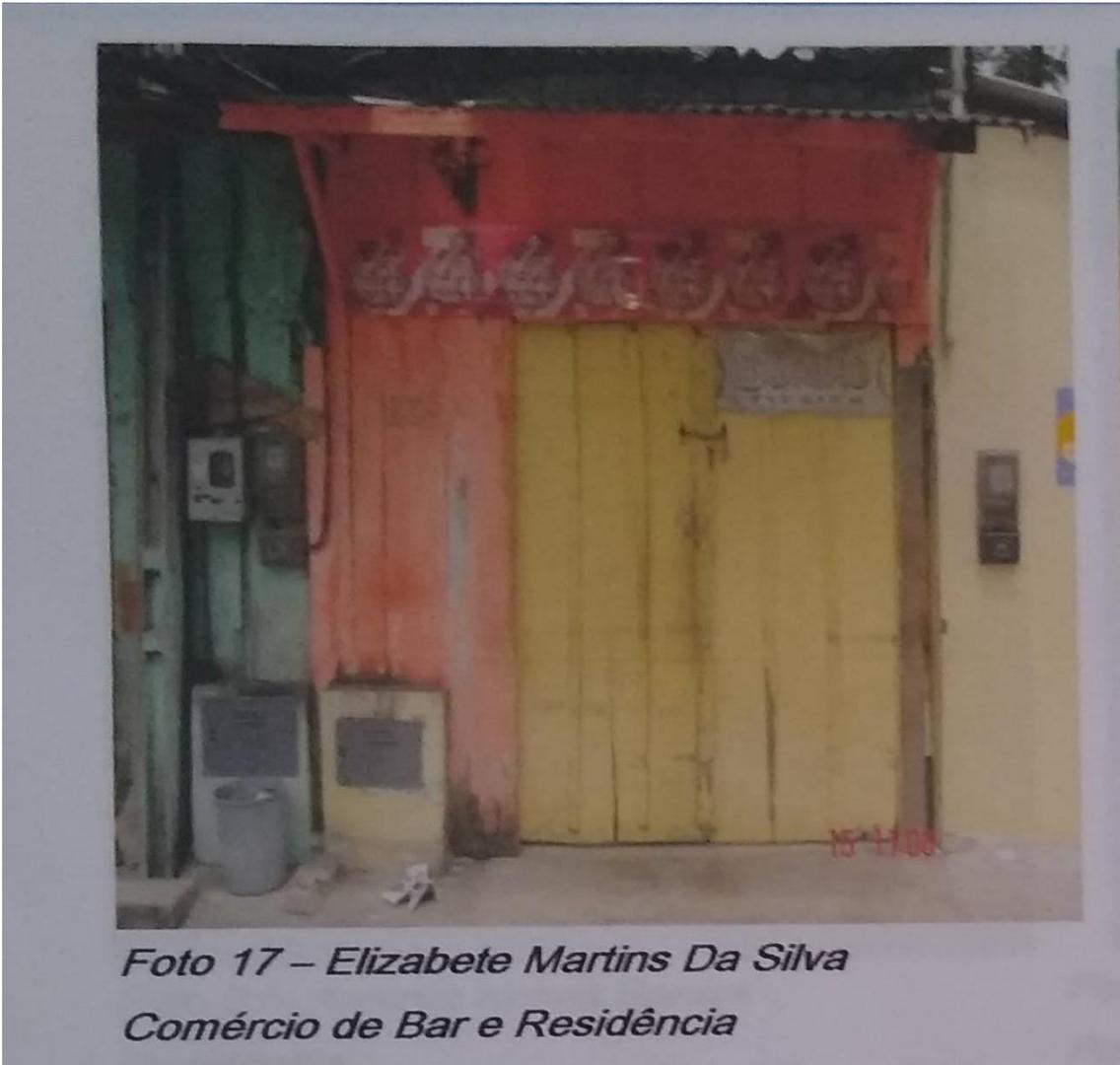


Imagem 11. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Na imagem 12, logo abaixo, representado no Relatório Fotográfico através da fotografia de número 20 de propriedade Lourival de Almeida Silva, caracterizada na legenda original como comércio de frutas e residência, pode ser observado um estabelecimento com uma melhor infraestrutura, aparentando se localizar na rua principal, uma construção em tijolo rebocado e pintada na cor laranja ao lado esquerdo o relógio contador de luz e ao lado direito da residência está alocado o estabelecimento comercial, deste mesmo lado uma árvore de médio porte a baixa iluminação não permite visualizar o interior do estabelecimento, logo na entrada conta com uma cobertura e a cima desta uma placa ornamentada com o letreiro grande escrito “Doces frutas” e logo abaixo “atacado e varejo”, esta última informação demonstra o potencial de distribuição de frutas para a cidade ao anunciar a venda em atacado.



Imagem 12. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

As análises do *Relatório fotográfico dos imóveis da feirinha, com seus proprietários e suas atividades*, evidenciaram que a maior categoria é a de residências, seguida de residências somadas a algum tipo de comércio. A segunda condição residência e comércio possui um potencial maior ao indicado no referido relatório, podendo ultrapassar 18 imóveis com essa condição. Assim, as próximas categorias constituídas de: comércio de frutas; bares e restaurantes; serviços prestados; comércio de carnes e frango; cereais e granulados; por fim, confecções e utensílios domésticos, podem se relacionar com a condição já analisada neste item.

### **Comércio de frutas;**

A predominância da venda de frutas na feira do Estádio foi bastante expressiva, contabilizado um total de 14 imóveis que realizava este tipo de comércio, assim, no *Relatório* indicavam que os imóveis representados nas fotografias de números 10, 11, 13, 20 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 39 e 43, possuíam essa nomenclatura na legenda. Devido à grande quantidade de imagens expressa nas categorias seguintes a partir deste momento serão analisadas no máximo quatro imagens por categoria.

Abaixo a imagem 13, e no *Relatório* de número 10, de propriedade de Sandra de Araújo, caracterizada como comércio de frutas, de fato não deixa dúvidas dos artigos encontrados no interior do estabelecimento, frutas.



Imagem 13. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

O comércio, bem organizado, “mercadoria arrumada”, parecia ter sido preparado para a referida foto, esta chama a atenção pois demonstra ter sido fotografada no ano de 2005, conforme mostra a marca d’água de cor vermelha na região do pneu frontal da moto que se encontra estacionada a frente do estabelecimento.



Imagem 14. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Acima a imagem 14, da fotografia de número 11, de propriedade de Josildo Francisco Veloso, comercializava frutas em seu interior, as vistosas melancias se destacavam sobre um *pallet* de madeira, ao fundo uma grande quantidade de uma fruta que aparenta ser laranja, uma grade vermelha protege a mercadoria, ao lado direito do estabelecimento consta um contador de energia elétrica. A frete calçada e coberta com telhado em Eternit e na parte superior deste uma placa cortada pela fotografia anunciando o nome do estabelecimento. O que chama a atenção foi a numeração destacada no centro superior da imagem, número 15, isso indica que existia uma ordenação ou ao menos uma tentativa de organização do espaço da feira.



*Foto 29- Edvaldo Piloto Santos  
Com de Frutas/Cereais e Residência*



*Foto - 30 –Marinalva Barbosa De Jesus  
Com de Frutas/Cereais e Residência  
(Mãe de Edvaldo Foto 32)*



*Foto 31- Luzia Santos Marques  
Com de Frutas/Cereais e Residência*



*Foto 32 – Cosmira Pereira Dos Santos  
Com de Frutas, secos e molhados*

Imagem 15. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Nesta imagem 15, indicada acima, concentra os comércios representados nas fotografias 29 de Edvaldo Piloto Santos, 30 de Marinalva Barbosa de Jesus, 31 Luiza Santos Marques e 32 Cosmira Pereira dos Santos, esta a mãe de Edvaldo Piloto. O que chama a atenção nestas imagens compostas por quatro estabelecimentos comerciais não é apenas a beleza das frutas e verduras ou o colorido das mercadorias, mas sim o fato da relação de parentesco entre os proprietários, conforme evidencia as fotografias. Em

conversa com o Sr. Niraldo, presidente da Associação, o mesmo revelou que existiam muitos feirantes que eram parente e muitas vezes trabalhavam com o mesmo tipo de mercadoria, o que pode ser evidenciado através da família do Sra. Cosmira. Assim o ofício de feirante passa de mãe para filho e se dissemina entre os consanguíneos.

### **Bares e restaurantes;**

Esta categoria é a mais comum e popular presente nas feiras livres. No relatório fotográfico esta categoria está expressa pelas imagens de numeração 01, 07, 12,14, 16, 17, 23, 26, 91 contudo, as imagens descritas e analisadas serão as fotografias de número 01 de propriedade de Edson de Souza Silva, a de número 23 de Lindalci Pereira de Araújo, a de número 26 de Jair Ferreira dos Santos, e a de número 91 de Niraldo Xavier dos Santos.



**Foto 01 – Comércio Bar – Edson DE Souza Silva**

Imagem 16. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

O comercio do Sr. Edson de Souza Silva, ilustrada acima na imagem 16, e no *Relatório* como fotografia de número 01, representa uma construção de tijolo, rebocado e pintado de cor verde, possui portões de ferro do tipo grades, a esquerda a extensão da

rua calçada em paralelepípedo e ao fundo uma paisagem arborizada, ao lado direito no imóvel um relógio contador de energia, a frente do estabelecimento chama a atenção uma caixa de isopor grande sobre outras três caixas de cerveja, uma mesa de madeira e um banco plástico, a cobertura do comercio feita de telha Eternit, na parte interna ainda que escura e pouco iluminada é possível identificar algumas mesas e cadeiras em madeira. Na frente do imóvel transita uma menina de forma descontraída e tranquila, trajando blusa vermelha e calça preta, pés aparentemente descalços, os registros deste relatório fotográfico indicam ainda o cotidiano pacato e tranquilo desta localidade durante a semana. O Sr. Edson foi um dos entrevistados nesta pesquisa, em relato orgulhosamente informou que construiu este imóvel com as próprias mãos pois é pedreiro profissional, construindo primeiro o vão e depois um pequeno banheiro ao fundo. Revelou ainda que este bar funcionava todos os dias do mês e aos finais de semana quando acontecia a feira com maior intensidade chegava a vender até vinte engradados de cervejas, indicando o quanto a feira era movimentada além de revelar o potencial econômico e o quanto popular era o seu estabelecimento. Em seu bar também vendia tira-gostos como peixe frito, passarinha frita acompanhado de farofa. Após a demolição da feirinha Sr. Edson (2020), informou que tentou reabrir seu bar, mas disse que “não era a mesma coisa”, comparando ao antigo estabelecimento na extinta feirinha. Atualmente o Sr. Edson continua na feira, trabalha no Mercado Municipal concertando e vendendo ventiladores usados.



Imagem 17. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Na imagem 17, logo acima representado na fotografia de número 23 de propriedade da Sr. Lindalci Pereira de Araujo, de construção em tijolo, rebocado, pintada na cor verde, cobertura em telhas Eternit, a numeração 3 escrita na parede indica um ordenamento do local, a frente do comércio conta com ornamentação de propaganda de uma marca de cerveja e cadeiras plásticas indicando a venda de bebidas alcoólicas. Contudo, um elemento a ser destacado é a classificação presente no relatório fotográfico indicando a atividade comercial como restaurante. Esta classificação torna este o único restaurante presente na feira, o que pode ser uma inverdade, pois aqui já foi discutido, evidenciado e constatado a normalidade da venda de comida por outros estabelecimentos desta mesma categoria. Esta ênfase atribuída provavelmente pode indicar que a principal atividade comercial era a venda de comidas constituindo-se assim como referência.

Em entrevista o feirante P.E. (2020), relatou que existiam restaurantes na feirinha e em seu entorno. “(...) passava muito turista... como mesmo, desses restaurantes que eu citei, tinha estrangeiros que vinha almoçar dentro da feirinha e na rua de contorno em

frente a feirinha, vinha almoçar”. Assim, é evidenciado que existia mais de um restaurante não só na feira como também em seu entorno.

Quando perguntado sobre o que se vendia neste restaurante o Sr. P.E. respondeu da seguinte forma: “Vendia alimentação como qualquer restaurante da Passarela do álcool, como qualquer restaurante hoje que existe na cabana de praia, comida mesmo é... de primeira linha... naquele lugar tinha toda uma organização se tratando do restaurante”. (P.E, 2020). Aqui o entrevistado exalta os restaurantes da feirinha comparando-os aos restaurantes das barracas de praia da cidade e da Passarela do álcool importantes locais turísticos da cidade.



Imagem 18. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

No estabelecimento representado acima na imagem 18, e no relatório a foto de número 26 de propriedade do Sr. Jair Ferreira dos Santos, o estabelecimento cumpria dupla função, comércio e moradia. Uma construção de tijolo, rebocado e pintado na cor verde, cobertura em Eternit, a frente ornamentada com propaganda de uma marca de cerveja, na esquerda meio que escondido um relógio contador de energia, a direita um

orelhão telefônico, neste mesmo local duas pessoas indicando ser fregueses, a frente do estabelecimento cadeiras plásticas e pessoas conversando indicando um pacato cotidiano. Mais uma vez o que chama a atenção é a indicação de data do ano de 2006, indicando que as imagens foram colhidas em datas diferentes.

Por terem sido fotografadas em datas diferentes é importante perceber que a fachada ou até mesmo a estrutura do imóvel poderia sofrer alterações, ou até mesmo o tipo de atividade econômica acontecida no interior do imóvel poderia ser diferente do momento do registro.



Imagem 19. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

No imóvel representado acima na imagem 19 e no *Relatório* como foto 91 de propriedade do Sr. Niraldo Xavier do Nascimento, uma construção simples e humilde, construída em madeira com cobertura de telhado em Eternit, bem pintado, não possui calçamento no entorno. Neste vendia-se pinga dos mais variados tipos, além de cerveja.

O Sr Niraldo Xavier, 60 anos de idade, relatou que chegou a Porto Seguro em 1992, e antes disso trabalhou desde criança na feira, relatou ainda que foi um dos fundadores da tradicional feira do São Caetano na cidade de Itabuna, sempre ligado a Associação dos feirantes compõe a diretoria da mesma desde o ano 2000. Foi uma das lideranças que compôs a direção da Associação dos feirantes e participou das negociações no contexto da demolição e extinção da feira no ano de 2009. Atualmente é presidente da Associação dos feirantes e ainda atua na feira do Mercado Municipal vendendo café, bolo, mingau e lanches dos mais variados tipos.

### **Serviços prestados;**

A categoria de serviços prestados é composta por 09 estabelecimentos e compõem uma gama de serviços oferecidos dos mais variados e compreende os imóveis representados nas fotos 22, Salão de beleza /arte e pinturas, 39 salão de beleza e casa de frutas, 44 Borracharia, 61 Capotaria 64 Artesanato, 65 Atelier de pintura, 66 Serralheria, 93 Eletricista, 118 Serralheria e 119 Associação dos feirantes.

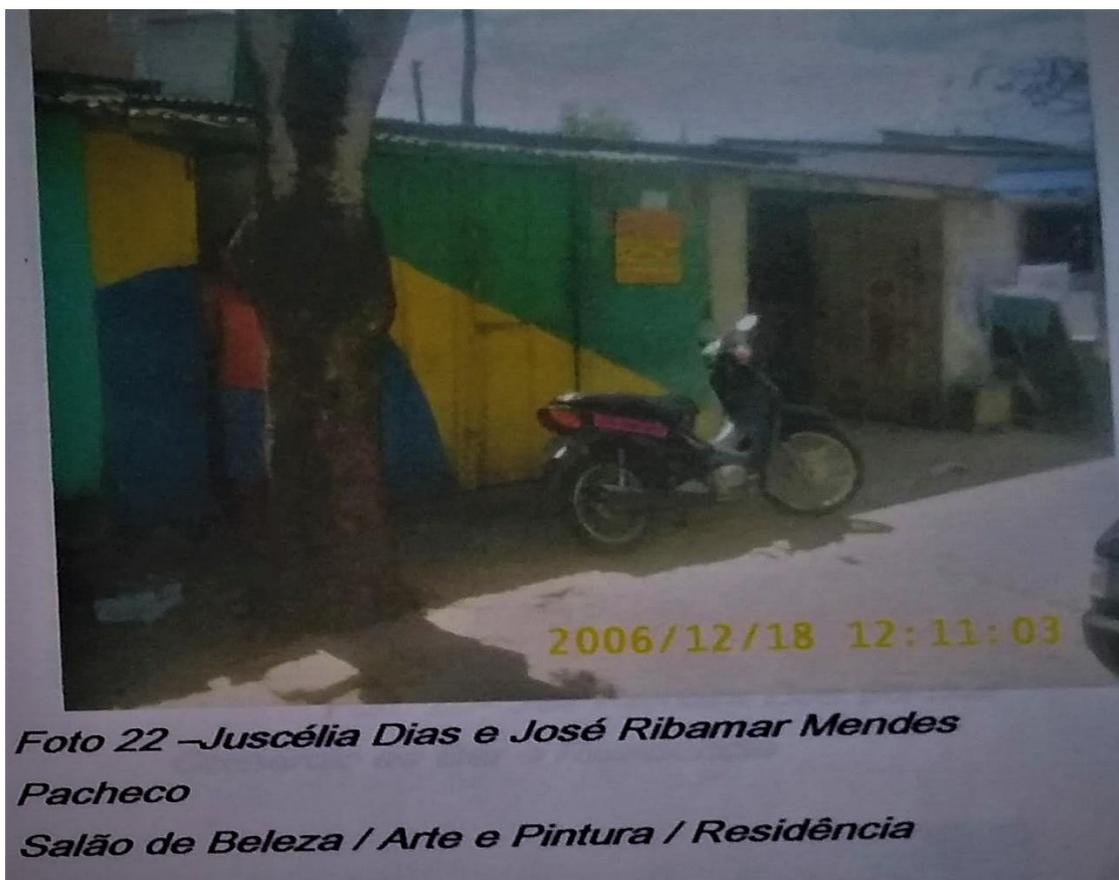
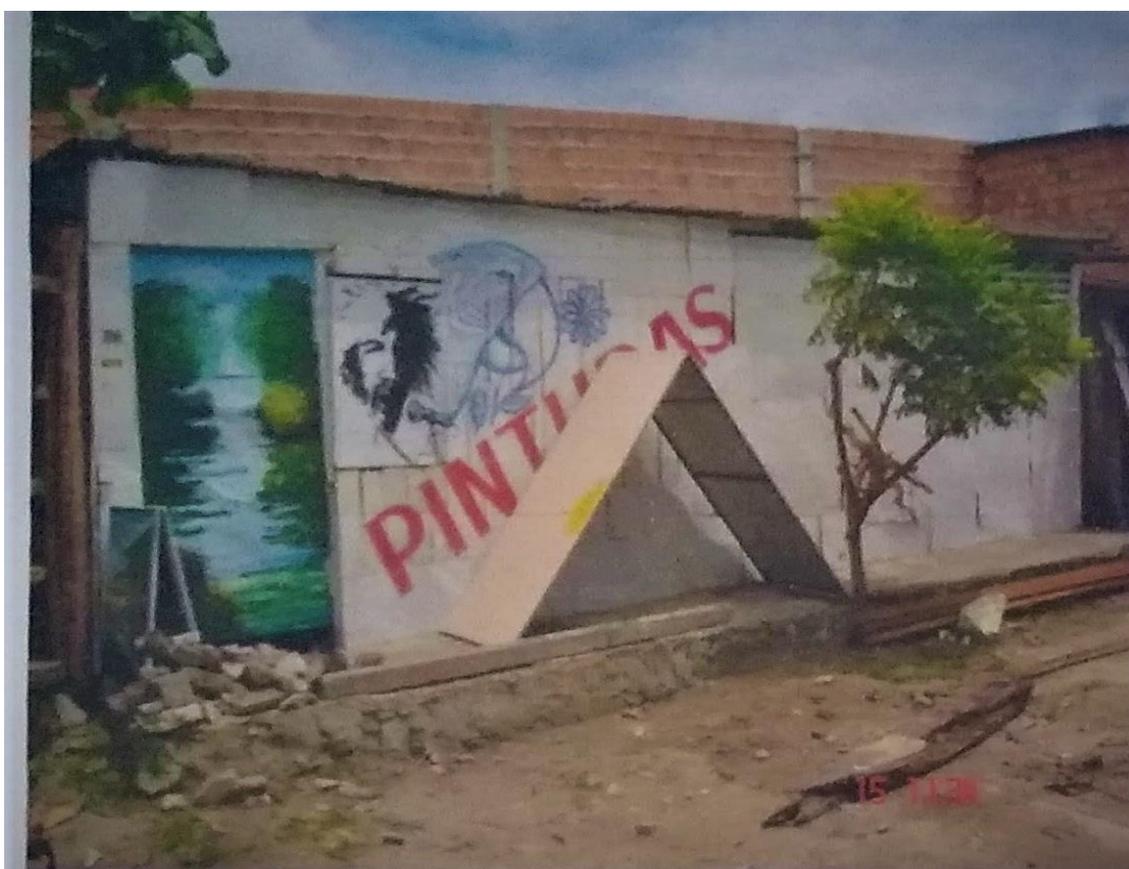


Imagem 20. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Logo acima no estabelecimento representado na imagem 20, e no *Relatório* na fotografia de número 22 de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Jucélia Dias e do Sr. José Ribamar Mendes Pacheco possui múltiplas funções, salão de beleza, arte e pintura e residência. Aparenta se tratar de um casal que disponibiliza suas habilidades profissionais como forma de subsistência. O estabelecimento possui paredes de tijolo e cimento, cobertura em telha Eternit, paredes externas pintadas com as cores do Brasil já anunciando os serviços de pintura. O que chama a atenção nesta imagem é uma árvore de espécie não identificada que pelo diâmetro do tronco aparenta ser antiga, uma das características da cidade de Porto Seguro era a arborização ao longo das ruas na região da antiga feirinha antes de ser demolida, as árvores podem ser percebidas em muitas das fotos deste *Relatório fotográfico*.



**Foto 65 – Antonio Leão Da Silva**  
**Atelier de Pinturas**

Imagem 21. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

O estabelecimento acima representado na imagem 21, no Relatório consta como foto de número 65, de propriedade do Sr. Antônio Leão da Silva cuja legenda indica

atelier de pintura pode ser representada como sendo de madeira e cobertura em telha de Eternit, as madeiras que revestem a casa estão bem escondidas devido a boa pintura de cor branca com pinturas ornamentais indicando ali o serviço prestado, a frente sem calçamento, a apresentação do verde neste ambiente mais uma vez se expressa por meio de uma pequena árvore a frente da residência e folhas na lateral superior esquerda da foto indicando a existência de uma outra árvore de maior porte. Ao fundo da imagem nota-se o muro do Estádio do Município, os tijolos a mostra, indica um alongamento do muro e ao mesmo tempo a falta de preocupação em não rebocar a parte externa do muro do estádio demonstrando um descaso com os moradores da feirinha como se estivesse “virando as costas” para a mesma. Um outro elemento percebido é que esta residência está situada numa rua interna a feirinha, encostada no muro do estádio, as ruas internas da feira eram em chão batido sem calçamento como demonstra a imagem, diferente das ruas frontais pavimentadas com paralelepípedo.



Imagem 22. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Já o imóvel representado acima na imagem 22, no *Relatório*, foto de número 44, de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Clara Carvalho de Souza de nome JL borracharia, apresenta os

serviços de borracharia, alinhamento e balanceamento. A construção de tijolo rebocado e pintada cobertura de Eternit, a frente calçada, a esquerda uma rampa para acesso dos clientes ao estabelecimento. Este empreendimento mostra um tipo de investimento elevado pois, para oferecer os seus serviços exige a necessidade de aquisição de equipamentos caros e sofisticados.

O empreendimento descrito a seguir, imagem 23, representado na foto 118 de propriedade do Sr. Jose Muniz de Oliveira, contrasta com o imóvel anterior da borracharia. Neste, uma serralheria humilde, em um imóvel aparentemente feito de madeira coberto por telhas Eternit, a frente um homem aparentemente orgulhoso exibindo seu trabalho, uma esquadilha de ferro. Mais uma vez destaca-se a presença de árvores a frente e ao fundo da imagem



Imagem 23. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Essa categoria de serviços é muito diversa e revela o potencial da feira em oferecer diferentes serviços, que pode ser muito maior que as indicadas no *Relatório Fotográfico*.

## **Comércio de carnes e frango;**

Esta categoria é composta pelos estabelecimentos representados nas fotos de número 02, 04, 37, 40, 41 e 43, contudo os estabelecimentos a serem analisados são os representados nas fotografias de número 04 Gilberto Morais Ferreira, 40 de Aldo Gonsalves Pereira e 41 de Gidalva Moraes.

O imóvel representado a seguir na imagem 24, e foto de número 04, no *Relatório Fotográfico* é de propriedade do Sr. Gilberto Morais Ferreira.



Imagem 24. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Este se apresenta como espaço amplo, construção de tijolo, rebocado, pintado com tinta de cor laranja, cobertura em telha Eternit a cima bem ampla está uma placa descrevendo a atividade realizada no comercio “Abatedouro Dourado” fazendo alusão a um abatedouro de frango. A frente na parte central do estabelecimento está um forno para assar frangos, a rua calçada em paralelepípedo. Este, segundo o relatório fotográfico é o único abatedouro de frango da feira.

No estabelecimento da imagem 25, logo abaixo, representado no *Relatório* através do número 40 de propriedade do Sr. Aldo Gonçalves Pereira, demonstra um imóvel de tijolo, rebocado e pintado na cor amarela, cobertura em telha Eternit, rua calçada em paralelepípedo. Na parte superior da parede em letras garrafais na cor branca está escrito o nome do estabelecimento “Açougue Schinão”, fazendo referência a localização do açougue que esta alocada em uma esquina, o exato ponto de encontro das ruas Bernardo Spector e a rua Higínio. Em seu interior um freezer tipo mostruário das carnes encostado no freezer possivelmente um cliente e na rua transita uma mulher com uma sacola na mão.



Imagem 25. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Já o comércio abaixo na imagem 26, representado no *Relatório Fotográfico* na fotografia de número 41 de propriedade da Sra. Gidalva de Moraes, de construção em tijolo, rebocado, cobertura em telha Eternit, gradeada, a frente uma mesa rustica sobre o passeio do estabelecimento, podemos supor que possivelmente esta mesa sirva como balcão para cortar as carnes em dia de feira. No interior de forma organizada estão algumas mesas e cadeiras plásticas.



Imagem 26. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Este tipo de estabelecimento devido aos resíduos orgânicos produzidos no trato das mercadorias se decompõem facilmente e como resultado disso exalar forte odor, geralmente chamam a atenção dos que ali transitam e com facilidade, chamam a atenção dos setores sanitários responsáveis pela higiene e saúde. Dessa forma, os açougues e abatedouros são pautados nos jornais locais exaltando sobre os riscos ao trato inadequado destes produtos. Como mostra a reportagem do *jornal do sol* de número 177, do dia 10 de janeiro de 2002, com o título “Carne clandestina traz sérios riscos à saúde”, a matéria alerta sobre os riscos que envolvem o trato inadequado da carne e denuncia as feiras do centro localizadas no bairro Campinho e a Feira do estádio como local de venda de carnes bovinas e suínas expondo-as ao sol, a poeira e as moscas. A reportagem questiona também as origens e o transporte das carnes vendidas. As críticas expostas na matéria sabrecam com maior peso aos feirantes que trabalham na feira aos finais de semana pois possuem barracas móveis e não têm infraestrutura adequada para venda da carne. Os feirantes que possuem estabelecimentos fixos, a exemplo dos representados no relatório fotográfico detêm, ainda que mínima, uma infraestrutura para comercializar seus produtos.

## **Cereais e granulados;**

Esta categoria compreende os imóveis representados através das fotos de números 09, 15, 33, 35, 36 e 90, sendo que os aqui analisados serão as fotos representadas através dos números 15 de propriedade de Gilvan Francisco dos Santos e Alberto Ferreira dos Santos, de número 35 de propriedade de Carmelita Viana Soares, número 36 de propriedade de Edson Antônio Aragão e a de número 90, de Joao de Castro do Carmo.

Na imagem 27, e expresso no *Relatório Fotográfico* através número 15, de propriedade do Sr. Gilvan Francisco dos Santos e do Sr. Alberto Ferreira dos Santos possivelmente irmãos devido a semelhança dos sobrenomes.



**Foto 15 – Gilvan Francisco Dos Santos e Alberto Ferreira dos Santos – 2 Barracas Comércio de Cereais e Residência**

Imagem 27. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Uma construção em tijolo, rebocada, pintada na cor verde não sendo possível identificar o tipo de telhado devido a placa de identificação do comércio definido como “Empório do Porto”, bem estruturado este comércio demonstra possivelmente além da venda de queijos e frios comercializar vinhos e outras bebidas, demonstrando uma certa sofisticação.

Abaixo imagem 28, representadas através das numerações das fotos 35 de propriedade da Sra. Carmelita Viana Soares e a de número 36 de Edson Antônio Aragão são vizinhas.



Imagem 28. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Os estabelecimentos analisados aparentam terem sido construídos com tijolo, rebocados com coberturas em Eternit, a frente apresenta calçamento. O que se destaca nestes estabelecimentos são as diversidades de produtos ofertados que diverge da estabelecida pelo relatório fotográfico. O imóvel da foto 35 da Sr.<sup>a</sup> Carmelita, embora indique comércio de cereais, podemos supor que presentes nos baldes plásticos abaixo na parte esquerda, no interior do comércio, na parte direita, observamos que são oferecidos bananas e folhas de hortaliças. Assim neste estabelecimento são comercializados outros produtos além de cereais. No comércio de número 36 do Sr. Edson cuja legenda do relatório indica a venda de tempero, são oferecidos além de alho e cebola expostos em um balcão a esquerda do estabelecimento, DVDs, presentes na prateleira da direita. Os comércios representados nas fotos 35 e 36, reforçam a ideia que não existe uma exclusividade na venda dos produtos anunciados pela legenda do *Relatório fotográfico*.

No estabelecimento a seguir, ilustrado na imagem 29, no *Relatório Fotográfico* representado na foto de número 90, está o comércio do Sr. João de Castro do Carmo.



Imagem 29. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAP), 2020.

A construção simples, apenas uma cobertura e em telha em Eternit sustentadas com pilares em madeira, um balcão de madeira ao cento serve como local para a exposição dos produtos ofertados, que a legenda destaca como “ secos e molhados” fazendo alusão a diferentes produtos que podem variar de farinhas, beijus, e outros granulados a temperos secos como corante cominho, folha de louro dentre outros a temperos pastosos especiais como pasta de alhos, temperos prontos com receitas especiais, muito comum a feira livre. Estes temperos especiais podem conter receitas secretas de família fazendo com que fregueses fiquem fiéis e voltem outras vezes a consumir o produto oferecido pela barraca. Encostado ao balcão e as mercadorias um homem jovem sem camisa trajando uma bermuda marrom e chinelos, faz questão de aparecer na foto demarcando ali a sua existência.

### **Confecções e utensílios domésticos;**

A categoria de confecções e utensílios domésticos compreende os imóveis representados nas imagens de números 05, 03, 08, 18,25 e 34, sendo que as fotos aqui selecionadas para análise são as de numeração 03 de propriedade do Sr. Cassiano Ferreira Neto a de número 05 de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina dos Santos Bahia, número 08 de propriedade do Sr. Paulo Sergio dos Santos Bahia, e a de número 34 de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Edinalva Pereira dos Santos.

A imagem 30, representada no Relatório Fotográfico através da foto 03 de propriedade do Sr. Cassiano Ferreira Neto.



Imagem 30. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

O imóvel com paredes laterais em tijolo, a fachada construída em madeira cobertura em telhas Eternit, na coluna ao centro do imóvel encontra-se um relógio medidor de energia a direita no estabelecimento um freezer e a frente deste um homem de camisa branca e detalhes em azul, calça preta e chinelos, a esquerda escorado ao pilar central do estabelecimento trajando short preto, camiseta amarela e boné amarelo, sandálias está o Sr. Cassiano, que, semelhante ao homem ao lado parecia posar para a foto. O Sr. Cassiano foi uma das lideranças fundadoras da Associação dos feirantes. Em entrevista relatou que construiu este estabelecimento com muito custo, e residiu neste local desde quando chegou em Porto Seguro na década de 1980, até a demolição e

extinção da feira no ano de 2009. A perda da residência e local de sustento deste feirante foi muito dolorosa, a ponto de comprometer a saúde do mesmo, pois no dia da demolição passou mal e teve que ser socorrido ao hospital. Em entrevista o Sr. Cassiano (2020), informou que no ano da demolição comercializava utensílios domésticos como painéis e tachos de alumínio.

Na imagem 31, representado no *Relatório fotográfico* através da foto 05 de propriedade da Sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina dos Santos Bahia.



Imagem 31. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Um comércio de roupas bastante sortido com roupas coloridas ao centro o marido da Sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina, o Sr. Holeo dos Santos Bahia, como se estivesse pousando para foto.

Já abaixo na imagem 32, está o imóvel representado na foto de número 08, de propriedade de Paulo Sergio Bahia.



Imagem 32. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Este também comercializa confecções conforme mostra a imagem com um estabelecimento construído em tijolos sem reboco, telhados em Eternit, ao fundo no lado direito parte do estacionamento do supermercado Rondelli. O Sr. Paulo Bahia (2020), concedeu entrevista para esta pesquisa e nesta relatou que sua barraca ficava a frente em uma das entradas do já citado supermercado, relatou ainda que sua família trabalhava com confecções em outras feiras mesmo antes de chegar a Porto Seguro no final da década de 1980. Descreveu ainda que dormia li mesmo, após o dia inteiro de comercialização fechava o estabelecimento e dormia atrás do balcão. O Sr. Paulo Bahia como está destacado no rodapé da imagem é filho da Sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina e do Sr Holeo, que comercializavam também confecções na feira, evidenciando mais uma vez o quanto era comum a presença de famílias trabalhando na feira atuando no mesmo ramo de produtos.

No comércio representado abaixo na imagem 33, e no *Relatório fotográfico* foto 34, de propriedade de Edinalva Pereira dos Santos.



Imagem 33. Foto de estabelecimentos existentes na feirinha. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Classificado como utensílios domésticos, uma construção simples, cobertura de Eternit, bastante sortido com utensílios de cozinha como panelas, registro de fogões, fogões além do fornecimento da mão-de-obra técnica para o conserto de fogões.

#### **2.4 A feira na rua.**

Este tópico não contém imagens do *Relatório fotográfico*. Representa a Rua Bernardo Spector, local onde acontecia a feira móvel aos finais de semana, nela podemos identificar alguns estabelecimentos que fazem parte do *Relatório Fotográfico* a exemplo do comércio dos irmãos Gilvan Francisco dos Santos e Alberto Ferreira dos Santos de numeração 15, localizado a direita da imagem com a placa na cor azul e o nome do estabelecimento “Empório do Porto”, mais abaixo é possível identificar também o estabelecimento da Sr.<sup>a</sup>. Elisabete Martins da Silva de numeração 17, está na cor rosa em seu telhado uma antena parabólica, a esquerda se destaca uma placa indicando “Restaurante da Linda” de propriedade da Sr. Lindalci Pereira de Araujo, representada no relatório fotografico através do número 23.

A seguir a imagem 34, mostra uma rua ampla e profunda com a presença de pedestres indica ser movimentada mesmo não sendo dia de feira.



Imagem 34. Foto da Rua Bernardo Spector, autoria desconhecida.

A rua é bloqueada por caminhão que aparenta transportar uma estrutura de um palco que já apresenta parte de uma armação no meio da rua. A instalação neste local indica a sua importância como polo aglutinador de pessoas e mais uma vez evidencia a relevância deste espaço na vida da cidade como espaço de sociabilidade e acontecimentos importantes. Não se sabe o que motivou a instalação deste palco especificamente, contudo, o Sr. Niraldo informou que este espaço era utilizado de diferentes maneiras, era onde aconteciam comícios políticos e bingos organizados pela Associação dos feirantes, portanto espaço de festa e interação social.

Já abaixo está a imagem 35, recortada de uma matéria do *Jornal do Sol* do dia 10/04/1998, mostra ainda a rua de frente a extinta feira, Bernardo Spector. Uma rua larga e espaçosa sem calçamento ou infra-estrutura, mais uma vez o fluxo de pessoas transitando na rua mostra um cotidiano agitado na rua da Feira. A ausência de fotos e imagens indicando a realização da feira na rua aos finais de semana pode indicar uma menor preocupação por parte dos meios de comunicação no período sobre esta parte da feira que era eventualmente aos sábados.



Imagem 35. Rua Bernardo Spector *Jornal do Sol*, 10/04/1998, nº115, p. 8.

Abaixo a imagem 36, recortada de uma reportagem do *Jornal do Sol* do ano de 1993, mostra as barracas na feirinha comercializando carne fresca, um dos produtos mais questionados no comércio de rua. Em nota de rodapé da imagem o jornal questiona sobre a procedência das carnes expostas na feira livre.



Imagem 36. Barracas de carne na feira. *Jornal do Sol*, 06/11/1993, nº 32, p 04.

A partir do cruzamento das fontes e dados além das imagens expostas e analisadas do *Relatório Fotográfico*, é possível deduzir que o espaço da feira livre possuía uma

organização pautada numa dinâmica própria. Onde se pode estabelecer duas divisões geográficas da feira. Na região frontal estavam instalados a maioria dos estabelecimentos comerciais e de serviços ofertados neste espaço, estas em sua maioria eram melhores estruturados possuindo placas e fachadas com divulgação dos produtos comercializados. Já na região ao fundo nas ruas internas eram mais direcionadas a moradia, a maioria delas simples e humildes. Contudo em ambas as regiões existiam estabelecimentos que atendiam uma dupla função, moradia e comércio.

As regiões da frente da feira que compreende parte das ruas João Higinio e Bernardo Spector foram com o tempo atendidas com algum tipo de infraestrutura com calçamento ou com paralelepípedo, contudo as ruas internas eram desprovidas de qualquer saneamento básico ou atenção da prefeitura. Wesley de Souza Ferreira (2021), filho do feirante Niraldo, viveu sua infância na feira do Estádio e lembrou que na parte interna a feira era bastante úmida e em alguns pontos possuía lama, devido à falta de saneamento. Para mitigar a situação Wesley relatou que era frequente a abertura de pequenas valetas para a passagem do esgoto que se acumulava no meio das moradias.

A presença de relógios de medição de energia elétrica e medidores de água estava presente em muitos imóveis como percebe-se nas imagens, isso indica uma cidadania por parte dos feirantes e organização com a regularização do abastecimento de água e luz. Um outro elemento importante percebido nas imagens que indicam organização da feira é a numeração presente nas casas e imóveis, além das placas comerciais presente neste espaço.

## **2.5 Dinâmicas demográficas da feira**

Ao pesquisar a feira livre na cidade de Porto Seguro nota-se a não existência de dados que tratem pontualmente o número de famílias e comércios na feira. Contudo, a partir do cruzamento de dados encontrados em jornais locais e arquivo da Associação dos feirantes é possível chegar a algumas proposições. Assim, a partir de dados do IBGE, recortes de jornais e fontes coletadas durante a pesquisa é possível analisar e refletir sobre a realidade da composição demográfica da extinta feira do Estádio.

Segundo uma pesquisa solicitada pela Secretaria de Agricultura e Pesca da gestão do prefeito Ubaldinio Junior - PSB, (1996-2000), no ano de 1998, cujo objetivo era realocar a feira neste período como demonstrou o *Jornal do Sol* ao publicar os dados do levantamento feito pela prefeitura e expresso no recorte de jornal a seguir:



Imagem 37. Recorte de matéria do *Jornal do Sol*, 10/04/1998, nº115, p. 8.

A reportagem de título: “67 Famílias moravam na feirinha”, descreve, no subtítulo, que os feirantes concordam e sair do local, mas demonstra preocupação com destino dos moradores. No corpo da matéria inicia informado que os dados da pesquisa se tratava de preparar o terreno para a possibilidade de remoção da feira do local, o que não ocorreu. Em seguida traz os dados da pesquisa que, segundo o jornal, foi constatado que na feira moravam 67 famílias, destas 09 seriam nativas da cidade. Apenas 14 famílias não teriam comércio no local. Contudo, 54 pessoas exerceriam atividade comercial e não residiriam no local. Existiam 107 estabelecimentos comerciais e um total de 121 imóveis no espaço da feira. A matéria ainda aponta que havia um consenso entre os feirantes para sair do local, mas a preocupação era o futuro destas famílias que ali moravam. A feira não saiu do local. Evidencia ainda que uma das intenções da prefeitura era identificar quem eram os atravessadores e produtores e revelam informações importantes sobre o espaço da feira: “dos 225, feirantes cadastrados entre comerciantes fixos e aqueles que trabalham apenas na feira livre aos sábados, comprovou-se que 125 são produtores, ou seja 55% do total de comerciantes”, revela a importância da feira para a economia local e para outras regiões da cidade ao indicar que a maioria dos produtores são de Pindorama, Vale Verde, Ibiruçu e Vera Cruz – zona rural da cidade. A matéria do jornal não explica a metodologia aplicada na realização da pesquisa que resultou nos dados obtidos e divulgados pelo jornal. (*Jornal do Sol*. Abril, 1998, nº 115, p. 08).

A pesquisa exposta no jornal revela também a dimensão da “feira livre” ocorrida aos sábados quando são armadas as barracas no meio da rua. Indicando uma massa de trabalhadores perfazendo um total de 118 pessoas. Esta informação é importante, pois ajuda a dimensionar o tamanho e volume da feira aos sábados, visto que até o momento esta pesquisa encontrou poucas imagens que mostre a dinâmica de parte da feira que acontecia na rua.

Esta mesma matéria também revela, uma forma de organização dos feirantes por meio de um grupo gestor da feira, composto por uma administradora de nome Vanda Souza, um representante de proprietário de restaurante, um representante dos açougueiros, um representante dos moradores, evidenciando a diversidade de representações presente neste espaço. O grupo tinha a finalidade de organizar a feirinha e realizava pequenos reparos no espaço da feira.

Este contexto do final da década de 1990, com a preparação da cidade para sediar a festa do “descobrimento do Brasil”, a cidade passou por uma importante reforma urbana com a pavimentação de ruas no centro da cidade, dentre elas as ruas que passavam pela feira. Nesta conjuntura, a feira passou por intervenções estéticas, e parte do comércio ao ar livre que acontecia no meio da rua aos sábados foi realocada para um terreno no bairro do Campinho, na antiga garagem da empresa de ônibus São Geraldo, onde hoje é o atual Mercado Municipal Pedro Abade. Portanto, houve a tentativa de realocar a feira, porém, não foi efetivado, a Feira do Estádio voltou a se completar, a funcionar aos sábados no meio da rua como era antes. O estudo realizado neste período pela prefeitura evidenciou uma inédita preocupação com o espaço da feira, e foi importante pois evidenciou pela primeira vez dados e possibilitou dimensionar o tamanho e a importância da feira livre do Estádio.

Essa movimentação é importante, pois representa pela primeira vez a tentativa real por parte dos gestores municipais de resolver a questão da feira livre no centro da cidade. De forma adequada, com levantamento social, pensando no destino dos feirantes. E, com a aquisição do terreno pela prefeitura destinado a sediar a feira livre em um local devidamente apropriado. Tanto é, que no ano de 2011, dez anos após a aquisição do terreno, foi construído o mercado municipal da cidade neste mesmo terreno.

Um outro momento importante que resultou em produção de dados sobre a feira foi no ano de 2006, durante a gestão do prefeito Jânio Natal (2004 – 2008), quando foi

realizada um novo levantamento com intuito de mais uma vez, remover a feira. Este, constatou que existiam 79 residências e 50 imóveis comerciais. Estes dados com a relação de imóveis da feira foram fornecidos, para esta pesquisa, pelo atual presidente da Associação, Sr. Niraldo Xavier (2020).

**Relação de Nomes dos Proprietários de Residências**

1. Adriana Silva de Jesus <sup>15</sup>	47. Josafá Pereira de Souza
2. Aldetania do Amparo Andrade <sup>988390720</sup>	48. José Muniz Ramos
3. Ana Cláudia dos Santos Pereira	49. Kelmene da Cruz de Souza <sup>98837-8629</sup>
4. Ana Paula Andrade Santos	50. Maria Cristina R. dos Santos
5. André Silva dos Santos <sup>ADENICE - 16</sup>	51. Maria de Brotas Souza <sup>-32884444</sup>
6. Andréia Cardoso dos Santos	52. Maria de Lourdes P. dos Santos
7. Antonio de Souza Barbosa	53. Maria do Carmo Silva
8. Aparecida Muniz Ramos <sup>11-981368990</sup>	54. Maria José Araújo <sup>54</sup>
9. Bráulina Souza Santos	55. Maricélia Silva Araújo <sup>9856208</sup>
10. Carlos Magno de Oliveira	56. Neusa Pereira Mota
11. Crispim Celestino Barros	57. Rogério Oliveira da Silva <sup>981724850</sup>
12. Dejanira Maria de Jesus <sup>12</sup>	58. Rosicléia Ferreirada Silva <sup>19-(73)92326-7784</sup>
13. Deusdete Andrade de Oliveira	59. Rosimeire Ferreira da Silva <sup>24-3673-5090</sup>
14. Domingos Alves dos Santos	60. Sérgio Silva Araújo
15. Edilson Silva de Araujo	61. Tereza Alves dos Santos
16. Edinalva Francisca dos Santos	62. Wellington Figueiredo Brandão
17. Edine Pereira de Almeida	63. Marisa Aparecida Lopes de Amorim
18. Edivan Moraes da Silva <sup>25988515653</sup>	64. Hildebrando Souza Santos
19. Edvaldo Sabino dos Santos	65. Lindiomar de Jesus Claudino <sup>-18</sup>
20. Eliana Oliveira Silva	66. Edson Antonio Aragão <sup>09</sup>
21. Eliana Pereira de Souza	67. Elzalina Pereira dos Santos
22. Elza Maria dos Santos	68. Edson Baptista Ramos <sup>-99917211</sup>
23. Francisca Maria de Jesus	69. Argeu de Jesus Santos
24. Gilton Pereira dos Santos	70. Edinalva Pereira dos Santos
25. Grassiele de Souza Brito	71. Carmelita Viana Soares
26. Irani Ramos Oliveira	72. Raimunda Silva Santos
27. Israel Santos Marques	73. Paulo Sérgio dos Santos Bahia
28. Ivanildes de Jesus Freitas	
29. Joelma Dias de Jesus	<sup>74. Weimar A - 8</sup>
30. Jolison de Jesus Nascimento	<sup>75. Dionea</sup>
31. Josafá Ferreira da Silva	<sup>Adenice F. de Jesus 16</sup>
32. Josenilton Oliveira Silva	<sup>Admagila silva de souza - 20 (73) 92390</sup>
33. José Muniz de Oliveira	<sup>miralva 991135990</sup>
34. José Nilson Rodrigues Chaves	<sup>5423</sup>
35. José Rodrigues dos Santos	<sup>Roseneide Sales Barbosa</sup>
36. Juscélia Dias	<sup>982112425</sup>
37. Laurentina da Silva	
38. Lindinalva Lima de Souza	
39. Luciane Brito da Silva	
40. Lucineide Almeida Soares	
41. Maria da Pena Alves Martins	
42. Maria Eunice F. de Oliveira	
43. Maria Lucia dos Santos	
44. Marta Margarida O. da S. Reis	
45. Nascimento de Jesus Santos	
46. Olimpio dos Santos Bezerra	

Imagem 38. Lista com a relação de nomes dos proprietários de residências. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Na imagem 39, logo abaixo, esta descrita a relação de comerciantes, com o título: “Relação de nomes de proprietários de imóveis comerciais”.

Relação de Nomes dos Proprietários de Imóveis Comerciais

1.	Adilson Sésar da Silva f-25 U.Domest.	
2.	Alberto Ferreira dos Santos f-15 Cereais	NÃO
3.	Aldo Gonçalves Figueiredo f-40 Açougue	
4.	Antonia Nunes Santos f-21 Verduras	NÃO
5.	Antonio de Jesus Conceição f-38 Frutas	J4
6.	Antonio José Brasil das Neves f-43 Frutas	
7.	Antonio Leão da Silva f-65 Bar	
8.	Carlito Ribeiro da Silva f-24 Frutas	NÃO - 99962 6130
9.	Cassiano Ferreira Neto f-03 Confeccões	9985 5559
10.	Clara Carvalho de Souza f-44 Açougue	
11.	Cosmira Pereira dos Santos f-32 Cereais	
12.	Edelcio Ferreira da Silva f-16 Lanchonete	
13.	Edivaldo Piloto Santos f-29 Cereais/Verduras	
14.	Edson de Souza Silva f-01 Bar	
15.	Eliezer Lopes de Amorim f-27 Frutas	J3
16.	Elizabete Martins da Silva f-17 Lanchonete	✓
17.	Eraldo Cardoso Silva f-42 Açougue	
18.	Gerson Moreira da Conceição f-100 Lanchonete	J2
19.	Gervasio da Cruz de Souza f-53 Frutas	5
20.	Gidaíva Morães f-41 Açougue	
21.	Gilberto Morães Ferreira f-04 Açougue	
22.	Gildasio de Oliveira Santos f-02 Restaurante	7
23.	Glinete Morães Ferreira f-37 Açougue	
24.	Gilvan Francisco dos Santos f-15 Merceria	
25.	Gilvane Couto Bispo f-07 Lanchonete	
26.	Hildete Santos de Azevedo f-06 Bazar/Artesanato	NÃO
27.	Jair Ferreira dos Santos f-26 Bar	NÃO
28.	Jandira Pereira dos Santos f-58 Confeccões	
29.	João de Castro do Carmo f-90 Cereais	NÃO
30.	José Amaral f-61 Cereais	
31.	José Ribamar M. Pacheco f-22 Lanchonete	NÃO
32.	Joseli Lopes de Amorim f-27 Frutas	NÃO
33.	Josildo Francisco Veloso f-11 Frutas	NÃO
34.	Lindaici Pereira de Araujo f-23 Restaurante	NÃO
35.	Lindomar de Jesus Claudino f-18 Bar	
36.	Louivaldo Almeida da Silva f-20 Frutas	
37.	Lucilene Almeida da Silva f-12 Frutas	
38.	Luiz Augusto Guimarães f-39 Frutas	
39.	Lúzia Santos Marques f-31 Hortaliças/Cereais	
40.	Maria Joaquina dos Santos Bahia f-05 Confeccões	2
41.	Marinalva Barbosa de Jesus f-30 Cereais/Verduras	
42.	Mirian da Silva Brasil f-14 Lanchonete	NÃO
43.	Neuzita F. dos Santos Almeida f-09 Frutas	10
44.	Nivaldo Xavier do Nascimento f-91 Cereais	1
45.	Raimundo Carlos Souza f-19 Cereais	
46.	Sandra de Araujo f-10 Frutas	
47.	Sandra Dias Costa f-33 Verduras/Cereais	NÃO
48.	Silenildo Gomes Alves f-28 Frutas	
49.	Vaidir Ferreira de Carvalho f Açougue -45	
50.	Wesley Souza f-66 Frutas	

Imagem 39. Relação de nomes dos proprietários de imóveis comerciais. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Nesta relação contém apenas informações dos feirantes que possuíam imóveis no espaço da feira, portanto não tem informações dos feirantes que faziam a feira aos sábados.

Ao analisar essa lista contendo os nomes dos/as feirantes foi possível observar que dos 79 nomes relativos as residências, 48 eram mulheres e 31 eram homens. E os proprietários de imóveis comerciais dos 50 proprietários/as, 20 eram mulheres e 30 eram homens. Assim, podemos inferir que a população que morava ou trabalhava na feira em sua totalidade era 129 pessoas. Havia uma predominância das mulheres, havia predominância também nos números de mulheres responsáveis pelas residências, podendo ser interpretadas como chefes de família com 48 mulheres. Embora a presença das mulheres no espaço da feira seja superior a dos homens, na direção da associação

sempre prevaleceu a presença masculina. Essa maioria das mulheres não se reflete nos espaços de representatividade, quando observa-se ausência da participação destas na direção na Associação. Na liderança da associação as mulheres não apareceram, ou aparecem de forma reduzida como evidencia a formação da primeira diretoria da Associação, composta plenamente por onze homens.

Se compararmos as duas pesquisas a realizada no ano de 1998 e a realizada em 2006, pode-se constatar que houve um aumento no número de 12 famílias, a feira cresceu. Em contraposição, exercendo alguma atividade comercial houve uma retração brusca de 57 comércios, este dado da parte comercial da feira pode apresentar alterações, pois como foi confirmado anteriormente as informações disponíveis do ano de 2006, aparentemente ainda estavam em fase de organização. Com isso, a soma dos números gerais da feira que envolvem moradores e comerciantes apresentou o crescimento de 08 imóveis, visto que, em 1998 tinham um total de moradores e comerciantes de 121 imóveis, e em 2006, nove anos após, esta soma apresentou um total de 129 imóveis.

Já nas informações presente no relatório fotográfico produzido no contexto da demolição da feira no ano de 2009, já na gestão de Gilberto Abade (2008-2012), é possível fazer um levantamento dos dados utilizados neste para se constituir uma demografia da feira do Estádio. A partir da leitura e análise dos dados contidos neste relatório foi possível constatar que a feira pouco antes de ser extinguida apresentava a seguinte realidade: 64 fotos de imóveis que a legenda indicava ser residências; 36 fotos de imóveis indicando a atividade exclusiva comercial; 19 fotos de imóveis indicavam que tinham dupla função residência e comércio ao mesmo tempo, perfazendo um total de 119 fotos de imóveis. Assim é possível estabelecer a seguinte tabela:

Período Gestão	Só residência	Só comércio	Residência e comércio	Total de imóveis
Ubalduino Jr.: 1996-2000 (PSB)	14	54	53	121
Jânio Natal: 2004-2008 (PL)	79	50	-----	129
Gilberto Abade: 2008-2012 (PSB)	64	36	19	119

Tabela 02. Relação de imóveis da feira.

Ao organizar os dados através da tabela 02, nota-se que o número de imóveis não indica grandes alterações, apresentando variação de apenas duas unidades de 121 imóveis em 1998, para 119 imóveis em 2009. Já o número de imóveis totais utilizados como residência registrou significativas mudanças saltando de 67 famílias em 1998, para 83 famílias em 2009. Assim, em 10 anos houve um aumento de 16 imóveis que passaram a ser utilizados como residência no espaço da feira. Neste ponto não se pretende explicar os motivos desta variação no número de imóveis ou famílias, mas sim estabelecer um quantitativo de pessoas que viviam ou subsistiam da feira e foram impactadas com a demolição da feira.

As informações contidas nesta tabela, podem ser relacionadas com as informações do texto de José Eustáquio Diniz Alves (2004), cujo objetivo do autor foi analisar o cenário de mudança dos domicílios brasileiros entre os anos 1960 e 2000. Analisa a composição familiar pautado nas pesquisas do IBGE, deste período. Neste estudo o autor traz uma informação importante sobre os números equivalentes a quantidade de membros das famílias brasileira ao longo de cinco décadas até chegar os anos 2000. O mesmo informou que em 1960 existiam, em média, 5,18 pessoas para cada arranjo familiar e percebeu um decréscimo contínuo ao longo deste período até chegar a 3,52 pessoas por família no ano 2000. (ALVES 2004, p. 11).

Uma outra informação importante trabalhada por Alves (2004), foi a questão da composição familiar e expõe:

O IBGE define família como sendo: “a) o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica que morem no mesmo domicílio; b) pessoa que more sozinha num domicílio particular; c) conjunto de, no máximo, cinco pessoas que morem num domicílio particular, embora não estejam ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica” (IBGE, 1970). Este tipo de definição difere das abordagens sociológicas que não limitam a família aos moradores de um domicílio (Bruschini, 1989). Contudo, esta definição adotada pelo IBGE não impede a compreensão das mudanças ocorridas nos arranjos familiares domiciliares nas últimas décadas. A análise das alterações ocorridas no âmbito das famílias é importante para a compreensão das características dos domicílios, particularmente, para a densidade domiciliar. (ALVES, 2004, p. 10)

A partir de definições oriundas do IBGE, e analisadas pelo autor ao sintetizar a definição de família e estabelecer um dado sobre a realidade da família no Brasil, entende-se que é possível se apropriar dos dados trazidos pelo autor como referência para entender a demografia da feira do Estádio. Assim, levando em consideração o conceito de

composição familiar exposto pelo autor e as informações de que nos anos 2000, em média existiam 3,52 pessoas por domicílio no Brasil, pode-se chegar a um quantitativo do contingente demográfico da feira.

Dessa forma a partir dos dados produzidos na feira cruzados com as informações trazidas por Alves (2004), é possível se chegar na seguinte planilha:

Período Gestão	Só residência	Residência e comercio	Total de imóveis	Nº de Domicilio/residência X 3,52 media IBGE
Ubalduino Jr. :1996-2000 (PSB)	14	53	67	236 pessoas
Jânio Natal: 2004-2008 (PL)	79	-----	79	278 pessoas
Gilberto Abade: 2008-2012 (PSB)	64	19	83	292 pessoas

Tabela 03. Densidade demográfica da feira.

Ao calcular as residências existentes na extinta feira do Estádio com a média estabelecida pelo IBGE de 3,52 foi possível estabelecer um número aproximado de pessoas que residiam na feira no momento da demolição. Dessa forma a demolição da feira deixou desabrigada um total aproximado de 292 pessoas, evidenciando o quanto foi danoso e impactante a expulsão dessas pessoas de suas residências.

Se for levado em consideração os números totais de estabelecimentos residências e estabelecimentos comerciais os números de pessoas atingidas são bem maiores, a exemplo dos números do contexto da demolição de 119 imóveis total. Multiplicando o número de 119, pessoas que moravam ou trabalham neste espaço multiplicado por média familiar de 3,52, obtém-se o resulta de 419, pessoas impactadas diretamente com a extinção da feira seja perdendo os seus postos de trabalho ou perdendo suas moradias.

O intenso fluxo de pessoas transitando nas ruas da feira de forma calma e descontraída revelam o cotidiano do morador, de uma Porto Seguro calma e pacata. Expõe fragmentos da cidade capazes de evidenciar parte da realidade vivida pela população que não está retratada na cidade voltada para os turistas. As imagens aqui analisadas são

capazes de remeter a história e a memória, ao modo de viver de parte da população portosegurense, de um espaço e tempo que não existem mais.

## CAPITULO III

### **Feirinha do Estádio e a História da feira livre em Porto Seguro**

Neste capítulo pretendemos constituir a trajetória das feiras antecessoras da Feirinha do Estádio entendendo-as como espaços diferentes bem como sua importância como centro comercial importante para a economia local e o abastecimento da cidade. Através disso entender os aspectos políticos, sociais, culturais e simbólicos que constituíam o espaço da feira, as violências sofridas pelos feirantes em meio a este contexto. Neste momento pretende-se recorrer e valorizar as narrativas e formas de resistências e memória dos agentes envolvidos formulando uma reconstituição da história da feira livre e da extinta feirinha, que se localizava junto ao Estádio Municipal e atual praça da Bíblia, no centro da cidade, posterior a isso, explicitar como se deu a extinção da Feira e apontar os elementos motivadores para tal fim.

#### **3.1 - Porto Seguro: caminhos e trajetórias da feira livre**

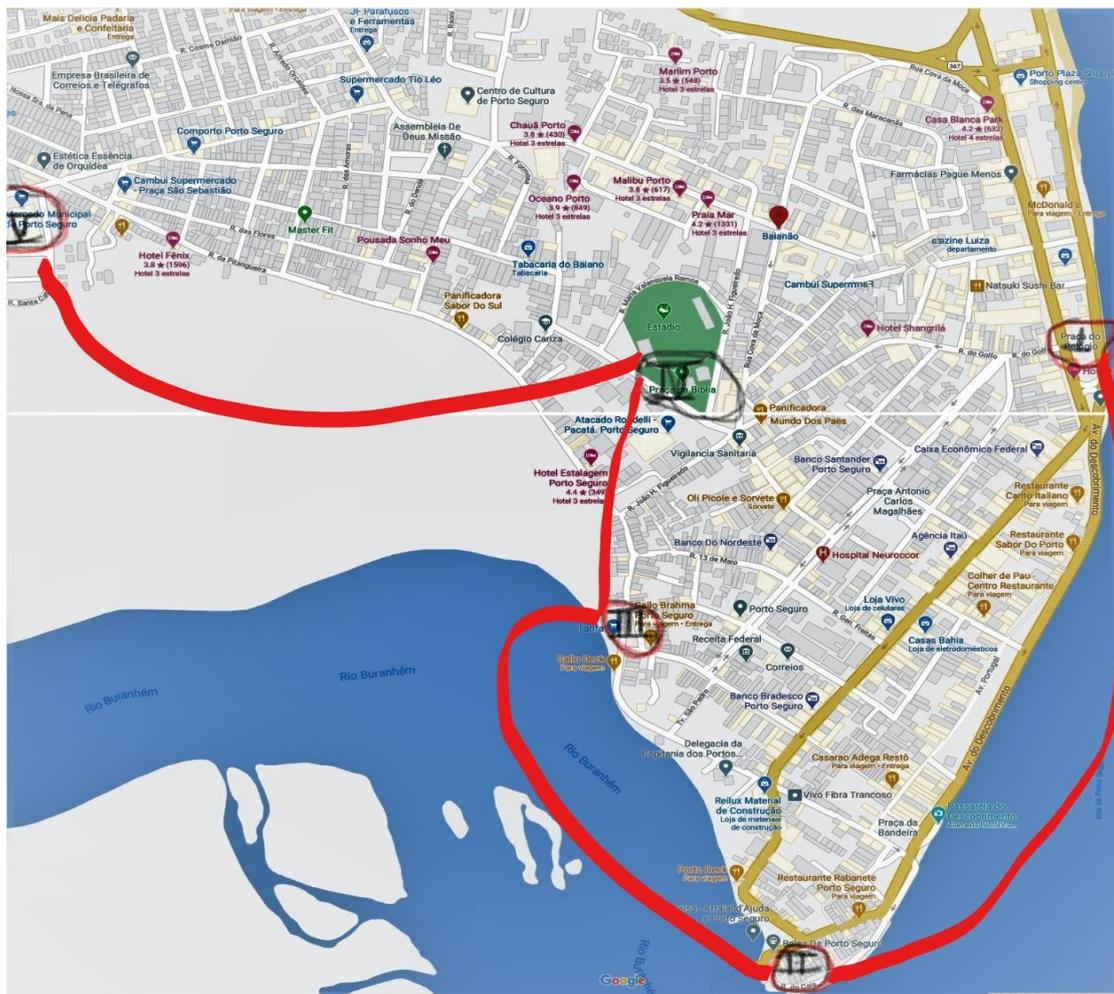
Remontar as origens da feira livre na cidade de Porto Seguro é uma tarefa árdua e complexa, por ser um campo bastante rico e vasto, exige do pesquisador um trabalho meticuloso, pois este é um estudo ainda não realizado nesta cidade. Portanto, faz-se necessário estabelecer alguns parâmetros e entendimentos para reconstituir a trajetória da feira livre no território da cidade de Porto Seguro.

Um primeiro elemento a ser considerado é o fato da prática do comércio ao ar livre no território de Porto Seguro remonta a própria história da colonização. Esta forma de comercializar certamente aconteceu em diferentes espaços ao longo do tempo, e reconstituir esta trajetória seria uma tarefa impossível de ser realizada.

Neste sentido, compreende-se como ponto de partida para a reconstituição da trajetória da feira livre no município, o período da década de 1960 e 1970 com a construção do Cais e urbanização desta região da cidade. Sendo possível perceber alguma movimentação da feira livre no centro da cidade, fruto da intervenção do poder público.

A narrativa desta trajetória foi constituída a partir dos relatos dos feirantes em cruzamento com as informações do memorialista Romeu Fontana (2019), na obra “Porto Seguro: Memória Photographica” (2004), composta por fotografias e descrição de localidades da antiga cidade de Porto Seguro. Os entrevistados não informaram o

momento temporal exato das movimentações destas feiras. Logo, o acontecimento de uma feira não anula a existência da outra, ou seja é possível que mais de uma das feiras listadas aqui tenham existido concomitantemente. Um outro elemento, é a precisão dos locais em que a feira se instalou. A cidade neste período passou por bruscas intervenções com a construção do Cais com grandes áreas aterradas, como demonstrou as fotografias na obra do memorialista Romeu Fontana (2004).



Mapa 02. Região central da cidade. Google Maps, com intervenção do autor.

No mapa 02, consta boa parte da região central da cidade de Porto Seguro, ao lado direito está situado o oceano Atlântico, na parte Sul o estuário do rio Buranhem, e região de mangue, ao norte a parte continental. Nas localizações encontra-se circulada e com a numeração sequenciada, I, II, III, IV e V, ilustrando cada ponto por onde a feira livre se alojou em algum momento neste período.

Na localização de marcação de número I, sinaliza o ponto de partida, mostrando a primeira movimentação da feira livre no centro da cidade. Quando a feira acontecia na região do Cais, próximo a antiga tarifa de pescadores, que na atualidade seria a “Praça do relógio”, foi retirada, transferida para a região que compreendia as imediações da antiga rodoviária, antiga passagem da balsa, o que hoje seria a atual região praça Pataxó e da balsa que liga o centro da cidade ao distrito do Arraial d’Ajuda, esta referida na localização de número II, posteriormente a número III, localizando a região da Tarifa<sup>9</sup>, a localização de número IV, representando a região da antiga Feira do Estádio e a região de número V, marcando a localização do atual Mercado municipal Pedro Abade. Neste estudo percebeu-se que é muito comum a feira livre receber o nome da localidade em que a mesma se instala a exemplo do atual mercado municipal batizado com o nome Pedro Abade, pai do então prefeito Gilberto Abade, contudo este é amplamente conhecido como feirinha do Campinho, concebida assim por estar no bairro do Campinho.

Nos depoimentos, os feirantes tiveram dificuldade em lembrar marcos cronológicos que apontassem, início, término ou os momentos de realocação das feiras, inclusive o início da própria feira do Estádio. Contudo, foram taxativos quanto a indicação de uma ordem existencial destas. Indicando os locais: Praça do relógio, Passagem da Balsa, atual Tarifa, como locais onde aconteceram a feira.

Um elemento importante a ser considerado neste estudo é o entendimento das feiras como espaços distintos. Portanto é importante o entendimento da feira livre como singular levando em consideração o local e o público que a frequentavam como elementos a serem observados para se identificar estas singularidades. Dessa forma, não existem duas feiras iguais. (SATO, 2012).

Somados aos elementos trazidos pela autora, acrescenta-se um outro fator, o recorte temporal, singularizando ainda mais as feiras livres abordadas neste estudo. Assim, entende-se que cada feira elencada: Feira da antiga Tarifa/Cais onde hoje está a

---

<sup>9</sup> A palavra tem origem árabe e, inicialmente, significava a declaração ou definição de preço no comércio marítimo. No *Vocabulário português, e latino, áulico, anatomico, architectonico, bellico, botânico*, de Rafael Bluteau, de 1728, tarifa é sinônimo de catalogar gêneros que têm entrada na alfândega. Certamente, (des)comprometidos com a etimologia do termo, os porto-segurenses chamaram de tarifa o lugar onde os pescadores lançavam os preços sobre os frutos de sua atividade marítima. Na tarifa de Porto Seguro, ontem e hoje, os pescadores se acostumaram a cantar a tabela do comércio do pescado que alimenta os moradores e garante o sustento de suas famílias. E, assim, como se quisessem demarcar seu protagonismo na nomeação do lugar, passaram a chamá-lo de Tarifa dos Pescadores. (CANCELA, Francisco. **Tarifa dos pescadores: patrimônio da cidade**. Acessado em: <https://dibahia.com.br/2021/04/30/tarifa-dos-pescadores-patrimonio-da-cidade/>. Disponível em: 03/06/2021.

Praça do Relógio; Feira na passagem da Balsa; Feira na Tarifa, até se chegar a Feirinha do Estádio e no Mercado Municipal são feiras diferentes e singulares. Pois, aconteceram em locais diferentes embora exista uma forte ligação entre estas.

Com intuito de reconstruir a trajetória da feira livre na cidade de Porto Seguro buscando indicar as origens e chegada a Feira do Estádio, toma-se como ponto de partida a antiga Tarifa na região do Cais (localização I). Esta, situava-se próximo a um atracadouro de madeira na boca da barra do Rio Buranhém, onde as embarcações desembarcavam mercadorias para a cidade. O professor Cancela (2021), no artigo, “Tarifa dos pescadores: patrimônio da cidade” traz uma minuciosa descrição deste local:

Tarifa dos Pescadores ficava na entrada da cidade. Ela se assentava num ponto mais próximo da conexão entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Era mais ou menos onde hoje existe o Pôr Municipal, atual ponto de saída das escunas que levam os turistas para os passeios ao Recife de Fora e Coroa Alta. Ali o cais era mais recuado. Sem precisão de rua larga, sobrava espaço para o mar e para a Ponta de Areia que avançava sobre ele na vazante. Neste sítio, entre a pequena restinga da praia e as frondosas amendoeiras, se erguia o barracão, com pequena alvenaria capaz de sustentar o telhado, mas sem paredes para garantir a exposição de todo o pescado. (CANCELA, Disponível em: <https://dibahia.com.br/2021/04/30/tarifa-dos-pescadores-patrimonio-da-cidade/>. Acessado em: 03/06/2021).

Na cidade de Porto Seguro a tarifa e a feira livre, durante muito tempo acontecia na mesma localidade. A venda de pescados e frutos do mar na feira era bastante comum portanto esta localização I, além de ser chamada de feira do Cais era também chamada de feira da Tarifa.

Esta informação evidencia e marca a importância das águas do mar e do rio Buranhém para o município neste momento. Para evitar a erosão das águas, o cais foi construído, iniciado na Ponta de Areia (região da cidade que hoje compreende das proximidades do banco do Brasil a Praça do Relógio) em 1947, e indo até a passagem da balsa no ano de 1955, somente concluído no ano de 1970, nos governos municipais dos prefeitos Manoel Ribeiro Carneiro (Arena), de 1968 a 1970/ 1972 a 1976 e Carlos Alberto Parracho (Arena), entre 1970 e 1972/ 1976 a 1982. (FONTANA 2004, p. 08). Era através das águas que chegavam parte do abastecimento da cidade, como pescados e frutos do mar, bem como a conexão com as comunidades ribeirinhas do rio Buranhém.

Neste contexto as principais vias e logradouros se conectavam com o rio Buranhém. A feira, portanto, se localizava na principal avenida da cidade a 22 de abril,

que se inicia na entrada da cidade, trevo do Cabral e finaliza na atual praça Inaiá. Local privilegiado de grande circulação de pessoas e mercadorias a feira funcionava de forma simples e precária, no final de semana com poucas barracas e feirantes, a maior movimentação comercial se dava por meio da atividade pesqueira. O feirante P.E. (2020), em entrevista, relata que a feira era bastante precária neste momento, as mercadorias eram expostas no chão de areia e terra, quando chovia as mercadorias se misturavam com a areia e a lama, as carnes eram expostas em balcões de madeira. Além dos pescados e das águas do rio e mar, o abastecimento da cidade advinha de regiões da cidade como Vera Cruz, Pindorama, Vila Verde, Ibiruçu, com o fornecimento de frutas, verduras, hortaliças e pequenos animais, Vale Verde com o fornecimento de tapiocas, farinha, cachaça dentre outros gêneros, e da região da atual cidade de Eunápolis. (FONTANA, entrevista, 2020).

Para o memorialista Romeu Fontana (2020) a feira livre neste momento tinha pouca importância no abastecimento da cidade, pois a maioria dos moradores cultivavam seus alimentos por meio de hortas e criação de pequenos animais nos quintais de suas casas, além do comércio de porta em porta realizado por moradores locais. É importante evidenciar a pouca urbanização e baixa densidade demográfica neste período em que a feira acontecia nesta localidade. Segundo o IBGE nas décadas de 1970 e 1980 a cidade possuía respectivamente 33,108 e 46,308, mil habitantes espalhados pelo seu vasto território.

A feira da antiga Tarifa que por muito tempo funcionara na região do Cais, próxima ao velho píer na região da atual Praça do Relógio. O feirante P.E (2020), informou que com a urbanização e valorização desta região a feira foi deslocada para a região próxima à antiga rodoviária, adjunta a passagem da balsa, ali a feira foi denominada como Feira da Passagem (Localização II). Esta, foi alojada próxima a uma rua chamada na época de “Rua da Bosta”, segundo Romeu Fontana (2020), em entrevista, essa localidade recebeu esse nome devido a construção do cais:

(...) que hoje é a avenida Raimundo Costa que você gosta disso né, cidadão gosta, era a antiga Rua da Bosta mas, ali rapaz na minha época de menino aquela areia era alva, alva mesmo de papel branco, e fininha. Onde as pessoas, as senhoras daqui iam panhar aquela areia pra lavar, para ariar as panelas. Pra você ver a transformação depois que o cais entrou ali essa areia desapareceu e ficou um lameiro porque o cais sabe! Contornou ali, fez uma possa de água e as águas do mangue e daí, Rua da Bosta. Porque ai uma porcaria (...). (FONTANA, entrevista 2020).

Os impactos negativos com a construção do cais tiveram como uma das consequências o acúmulo de matéria orgânica que se decompunha naquela região, tornando um local desagradável a ponto de ser denominada popularmente como “Rua da Bosta”. Sendo este a segunda localização da feira livre na cidade, especificamente ao final da Avenida 22 de abril. Atualmente a localização desta feira seria hoje nas imediações do restaurante Portinha, próximo ao acesso do terminal da balsa, nessas imediações ficava também a antiga rodoviária da cidade e Praça Pataxó.

Além das precariedades da região em que a feira na passagem fora alocada, a pesquisa não indicou maiores dados sobre este local ou do cotidiano da feira neste momento. Mas, ainda assim, é possível inferir que as características estruturais da feira continuavam semelhantes à da antiga feira da Tarifa. Em depoimento o feirante Edson de Souza Silva (2020), “lembra que a feira era miudinha com barracas de madeira e lonas de plástico, que ao final do dia era desarmada e funcionava junto a Tarifa”.

Neste período anterior a feira do Estádio, de transformações urbanas a feira livre mais uma vez é realocada, neste momento, segundo relatos dos moradores e feirantes Edson de Souza Silva (2020) e Cassiano Ferreira Neto (2020), a feira teria sido transferida para a Praça Visconde de Porto Seguro, a atual Praça da Tarifa (localização III), onde hoje é a atual região da Tarifa dos pescadores, próxima ao histórico prédio da Casa da Lenha, ficando neste local por algum tempo.

Ao estudar as realocações da feira livre na cidade, é importante expor algumas observações. A primeira seria a permanência de uma lógica estabelecida pela gestão pública pautada no distanciamento da feira livre do centro - a feira foi afastada das regiões mais centrais e valorizadas da cidade, conforme a urbanização foi acontecendo. Como percebeu o feirante P.E. (2020)<sup>10</sup>, o mesmo relatou que conforme as áreas foram enobrecendo a feira foi sendo afastada: “em caráter principal era tirar a feira livre do meio da cidade, até pelos seus dejetos né”, assim inferimos que os odores e resíduos produzidos pela feira eram desagradáveis.

A segunda observação, seria a relação da feira livre com as águas do rio e do mar, até este momento a feira se localiza ao longo do cais as beiras do estuário do rio Buranhém. O relevo em que a região central da cidade se desenvolveu foi sobre uma

---

<sup>10</sup> O feirante P. E., concedeu entrevista para esta pesquisa, em janeiro de 2020, contudo solicitou anonimato com receio de represálias, assim este entrevistado foi resguardado o anonimato através da sigla P.E.

pequena península baixa e plana, na lateral Sul é banhada pelo rio Buranhém e a nordeste banhada pelas águas do mar, esse relevo fez com que literalmente a feira estivesse sempre as margens do rio, conforme mostra o mapa 3. Essa observação poderia a princípio até parecer poética e romântica. Mas não é. A partir do modelo de cidade patrimonialista – cujo os interesses privados vigoram na gestão pública, e a utilização dos espaços públicos como instrumento de preservação da memória dos vencedores e do mito de fundação a feira livre foi obrigada a acompanhar as margens do rio, pois não tinha para onde ser mais distanciada e excluída, a não ser rio acima. Aqui, pode ser observada e entendida como a construção da história e da memória do colonizador sob a cidade de Porto Seguro foi perversa com seus moradores, pois a história da cidade e do descobrimento se entrelaça com o mar, local da chegada dos portugueses, e, essa história não comporta a população da cidade em suas formas de vivencia, existência, suas relações sociais e culturais expressas com bastante intensidade através do comércio de rua, ao ar livre.

Com a ampliação do Cais e o aterramento desta região que margeia o rio Buranhém, ocorreram também a ampliação dos espaços e o número de ícones que remetem ao mito do descobrimentos e memória dos vencedores. Praça da Bandeira, Praça Manoel Ribeiro Coelho, ampliação da Av. Portugal e Passarela do Descobrimento.

Uma outra observação, é constituída pelo comércio de peixes e frutos do mar na feira. Essa prática acontecia na feira com bastante intensidade, até porque ela dialogava com a Tarifa, tinham forte relação durante décadas. A Tarifa acompanhou a feira até onde hoje é a atual Tarifa – local onde predominantemente se comercializa peixe e frutos do mar. Com a movimentação da feira para a região do estádio (localização IV), o comércio de peixe diminui, tanto é que nas dezenas de estabelecimentos representados no Relatório Fotográfico da feira do Estádio antes de ser demolida não foi possível identificar se quer uma peixaria. Contudo, é importante notar que a relação da feira com a água ainda permaneceu, desta vez por meio de um canal sofrendo influência da maré, pois quando enchia alcançava a Feirinha do Estádio, a chamada “Rua da Vala” – que foi transformado em duto do sistema de tratamento de esgoto, no fim dos anos 1990, atualmente coberta por placas de concreto é conhecida como Rua João H. Figueiredo.

Uma terceira análise a ser observada nesta movimentação da antiga Tarifa, no Cais para a feira na Passagem da Balsa e posteriormente Feira da Tarifa, quando se leva em consideração as transformações urbanas vividas na cidade, conforme já destacados pelo memorialista Romeu Fontana (2004) e o pesquisador Martins (2018), nas décadas de

1960/70. Podendo ser a pressão proporcionada pela construção do cais e do processo de urbanização vivenciada na cidade. Visto que, à medida que a construção do cais e as pavimentações avançavam a feira era empurrada para as margens do Buranhém, pontos extremos do centro da cidade daquele período. Estas transformações foram bastante importantes com execução de infraestruturas, pavimentação de rodovias e calçamento na cidade. Neste momento é importante explicitar que a cidade se desenvolveu a partir de um centro reduzido com poucos bairros como afirma o relato do memorialista Romeu Fontana (2004), ao descrever a porto Seguro da década de 1950:

Só existia nessa época a Av. Portugal, Av. 22 de Abril, (que ainda não tinha esse nome); rua Assis Chateaubriand, Pedro Alvares Cabral, Ruy Barbosa, 15 de Novembro, 7 de setembro, Marechal Deodoro, Saldanha Marinho, Quinto Bocaiuva, 2 de Julho; 4 ou 5 casas na rua da Vala e o mesmo tanto na rua da Palha (hoje Luís Viana Filho), na São Pedro e na 13 de Maio; e nenhuma mais. Tudo isso com três praças principais: a da Bandeira, das Amendoeiras e a da Visconde de Porto Seguro. Dividida nos bairros, todos próximos um do outro e ligados: Ponta de Areia, Pontinha, Marcos, Paquetá e Passagem. Fora a cidade Alta. (FONTANA, 2004, p. 8-9).

Essa informação é importante para se perceber a importância da feira livre na cidade, pois a mesma se localizava na principal via da cidade a Av. 22 de abril, no cais, atual Praça do Relógio, e com o tempo foi sendo conduzida para outros locais as margens deste centro reduzido da cidade. Dessa forma, conforme a urbanização acontecia com pavimentação e enobrecimento destes locais a feira foi sendo sempre conduzida a periferia da parte central da cidade, a locais com pouca ou nenhuma infraestrutura.

Em entrevista, ao ser indagado sobre os motivos que fizeram a feira sair do lugar da região do Cais e da antiga Tarifa, o feirante P.E. (2020), com bastante lucidez responde;

Eu era pequeno, eu mais minha mãe e mais duas ou três mulheres na época, eu era criança, era jovem, bem juvenzinho de 12 anos, a motivação que foram feitos pelo poder público. Se falava, o que era pra ser feito era melhorias né foi umas melhorias que não aconteceu de forma que teria que acontecer, tiraram do lugar e até mesmo com mais benefícios para tirar a feira do centro da cidade, dali do clube 22 de abril, que e uma área nobre e tinha também a antiga tarifa de peixe que era ali do lado, eu lembro da tarifa, tenho fotos da época, tenho foto da época e foi tirando para lá, mas o intuito era afastar a feira livre com argumento de... e é melhorar a feira. Mas, em caráter principal era tirar a feira livre do meio da cidade, até pelos seus dejetos né, foi para lá, saiu da 22 de abril, foi lá para a antiga passagem na balsa na rua onde é hoje o porto do Paradise, das embarcações e depois lá, já não tava bom também era uma área nobre, a balsa e o arraial do outro lado (...) (P.E., entrevista, 2020).

No depoimento o feirante P.E., (2020), informa que a feira ficava no meio da cidade, área central e valorizada para a época. Neste sentido, o entendimento do feirante, era que a feira foi retirada do centro da cidade por causa do enobrecimento da região. Para este feirante o enobrecimento seria a valorização a partir da referência das construções e atividades que aconteciam no entorno da feira, como exemplo o mesmo fez alusão ao luxuoso hotel Paradise e do Arraial d’Ajuda, locais frequentados por turistas na cidade, além de citar o antigo Clube 22 de abril, corroborando com esse entendimento, pois era um clube fechado a associados.

O mesmo ressalta ainda o motivo do deslocamento da feira em dois momentos; primeiro do cais para a região da passagem, da balsa e em seguida a saída da Passagem para a Praça da Tarifa. Nestes dois momentos indica a causa do deslocamento como sendo o enobrecimento do local, revelando assim, uma incompatibilidade da feira livre com a nova Porto Seguro que se anunciava já no contexto da década de final da década de 1960 e início de 1970.

Ao observar os locais nos quais a feira existiu é possível entender estes processos de deslocamentos forçados da feira livre na cidade. Com a utilização do discurso de melhorias na estrutura da feira indicam que a motivação velada seria não o bem-estar da feira e dos feirantes, mas sim a valorização dos ambientes urbanos. Cujas principais motivações seriam melhorar estes espaços para exploração comercial com abertura de pousadas bares e restaurantes; exploração imobiliária com o aumento dos aluguéis e valorização dos imóveis e formatar a cidade para receber os turistas.

Este relato do feirante P. E. (2020), permite visualizar um modelo privatista presente na gestão do município de forma recorrente, que abre espaço para a venda simbólica e também concreta da cidade e dos espaços públicos excluindo os moradores as suas formas de sobrevivência, existência e de determinados grupos sociais, neste caso, os feirantes. Consistiu em planejar e estabelecer o espaço público de modo que comporte uma narrativa e um marketing, contribuindo na promoção da cidade enquanto objeto de consumo e geradora de lucros.

A pesquisadora Aline Bispo (2020), em artigo, reflete sobre os impactos do turismo nos espaços urbanos na cidade de Porto Seguro. Problematiza a forma como a atividade do turismo impacta os espaços urbanos, transformando-os para melhor atender a economia da indústria do turismo e como tais ações interferiu no cotidiano dos

moradores da cidade. Para autora, esta ação resultou em uma marginalização espacial dos moradores, provocada pela produção da cidade voltada para o turismo. (BISPO, 2020, p. 41-44).

O discurso estatal que envolve palavras como revitalizar, ordenar, requalificar, urbanizar ou até mesmo pequenas intervenções nos espaços públicos podem conter interesses escusos. Estes, podem ser utilizados como argumentos para promoção da expulsão de moradores tradicionais e de baixa renda de suas casas, que se localizam em regiões da cidade que com o tempo se tornam enobrecidas e supervalorizadas, esta ação pode ser definida como gentrificação<sup>11</sup>. Este fenômeno ocorre em diferentes cidades, independentemente de seu estágio de urbanização e assombra a população menos abastadas que tem o custo de vida elevado e a presença do constante assédio de setores econômicos vigentes.

Até este momento da pesquisa não foi possível apontar a definição de uma data para designar a origem da Feirinha do Estádio ou definir as primeiras barracas ou feirantes, assim como as outras feiras antecessoras a ela. Contudo, é possível estabelecer algumas afirmações pautadas na memória e oralidade dos feirantes e nas interpretações de contexto vivido pela cidade. Dessa forma, pode-se afirmar que a Feira do Estádio surge após a criação do Estádio que leva o nome do então governador do estado da época, Antônio Carlos Magalhaes (ACM), inaugurado no ano de 1975.

A região do estádio era constituída por uma paisagem natural composta por lagoa, pastagem, sítio, um terreno com bastante areia. Este local era utilizado para o lazer com a realização de jogo de futebol dos moradores. A referida região, assim como boa parte da região central, sofria grande influência das águas resultando em lagos e terrenos alagadiços, além de sofrerem com a ação da maré. Assim, esta localidade foi aterrada para dar lugar ao estádio ACM.

---

<sup>11</sup> A expressão inglesa *gentrification*, sem tradução nos dicionários de português, tem sido interpretada como “enobrecimento urbano”. Trata-se de um processo de requalificação de áreas degradadas nos centros das cidades, que vem sendo analisado por sociólogos ingleses e americanos como estratégia do mercado imobiliário, em geral apoiado pelo poder público, que tende a excluir de tais áreas revalorizadas a população original, criando atrativos para investidores e moradores de alta renda e recuperando ou substituindo as atividades econômicas locais. Arantes (2002) destaca o caráter de classe indicado na expressão inglesa *gentry* (pequena nobreza) e desenvolve uma crítica segundo a qual os processos de gentrificação ocultariam por trás de eufemismos como “revitalização, reabilitação, revalorização, reciclagem, requalificação...o sentido original de reconquista, inerente ao retorno das camadas afluentes ao coração das cidades. (NOGUEIRA, 2012).

A área de terraplanagem não tardou a ser aproveitada, passando a sediar a mais nova feira livre da cidade. O feirante P.E. (2020), em entrevista relatou que a feira foi realocada para a região do estádio, pois a mesma cresceu e o espaço da tarifa não comportava mais os feirantes. Portanto, a Feira do Estádio iniciou verdadeiramente como espaço comercial, contudo com o tempo os feirantes foram se fixando construindo pequenos estabelecimentos com madeira, tijolos e telhados. Diferente das feiras antecessoras, a Feira do Estádio, se tornou um espaço complexo e grandioso extrapolando para além de espaço comercial e subsistência, com as construções das moradias populares. Assim, além da nomenclatura de Feirinha do Estádio, recebeu o nome de “Favelinha da Feirinha”.

O feirante Sr. Cassiano Ferreira Neto (2020), afirmou que a feira funcionava 24 horas, a qualquer hora tinha barraca aberta, contudo nos dias de sexta, sábado e no domingo até o meio dia, a feira funcionava com maior intensidade avançando para o meio da rua acolhendo feirantes de outras localidades da cidade. Estas informações trazidas pelo feirante mostram o quanto a feira era um local cheio de vida de relações sociais e culturais com bastante efervescência na cidade.

Nesta análise da trajetória da feira livre na cidade não foi possível estabelecer datas específicas sobre estas transições ou tempo de permanência em cada localidade. Isso porque, esta narrativa está calcada na história e na memória dos moradores e feirantes da cidade, os quais não souberam estabelecer definição.

Contudo, pode-se inferir a partir do contexto de grandes transformações, reformas urbana e início do processo de turistificação pautadas na história e memória do colonizador que a cidade começava a vivenciar, resultou no deslocamento forçado da feira livre e dos feirantes evidenciando aqui as possíveis motivações e justificativas para seu deslocamento. Com, a consolidação das vias de acesso à cidade, BR 367, a finalização do cais, e o primeiro calçamento da cidade este último nos anos de 1960, feito pelo prefeito Manoel Carneiro Ribeiro (Arena, 1968 – 1970/ 1972 – 1976), a criação da primeira Secretaria de turismo em 1971, o reconhecimento da cidade enquanto patrimônio em 1973, a construção do Estádio Municipal em meados de 1975, indicam os motivos os quais podemos inferir que o êxodo da feira livre da praça do Cais até a Feirinha do Estádio compôs uma temporada que compreende entre a década de 1960 e a segunda metade da década de 1970, abrangeu um período pouco mais de quinze anos. Neste período, a feira

aos olhos dos gestores foi vista como incompatível com a nova Porto Seguro constituída para o turista que estreava.

### **3.2 Memórias e representações**

Estudar o processo de urbanização da cidade de Porto Seguro a partir da história da feira do Estádio, se faz necessário perpassar pelas análises das relações sociais e de poder que estão presentes historicamente no espaço da feira. Portanto, identificar os atores sociais bem como os discursos que articulam essas relações presentes neste ambiente, são elementos importantes para a análise e entendimento do objeto de estudo.

Os discursos e representações sobre a feira compreendem também os discursos oficiais; estes presentes e extraídos na mídia local seja impressa ou digital, atas da câmara de vereadores onde por meio de declarações públicas e entrevistas os gestores emitem seus projetos e opiniões sobre a cidade e a feira. O perfil, declarações a forma como constroem e abordam as matérias e conteúdos no jornal deixa brechas para se analisar a própria posição editorial da mídia sobre a feira e a política local. A visão, por parte dos feirantes e dos moradores, pode ser analisada a partir das entrevistas realizadas para esta pesquisa, ou até mesmo através de declarações aos jornais locais. Dessa forma, serão destacadas algumas matérias jornalísticas dentre várias outras para analisar estas representações.

Para entender a fala da mídia bem como o processo de construção de uma rotulação negativa sobre a feira e os feirantes, é necessário entender o papel do discurso e sua função na sociedade

Dessa forma, entendemos que a mídia cumpre um papel importante no processo de homogeneização e formulação de uma visão de mundo hegemônica, legitimando e justificando modelos preestabelecidos e padrões de práticas sociais, os quais, a feira livre na visão destes articuladores de discursos, está em contramão. O pesquisador colombiano Edgar Orlando Arroyave Álvarez (2017, p. 69), reflete que na eliminação de alteridades é necessário um conjunto de ações de grupos e instituições com o fim de construir um ambiente de impunidade, sinaliza ainda, que a mídia está entre estes.

Neste debate é ainda valioso ressaltar as contribuições da obra “A ordem do discurso” de Michel Foucault (1970, p. 9), onde analisa a importância que o discurso possui e como o mesmo se capilariza na sociedade com intuito de assegurar poderes já estabelecidos, atravessando ideias, conhecimentos e corpos.

Um conjunto de matérias jornalísticas, algumas dela já explicitadas nesta dissertação, tratou o espaço da feira e os feirantes de forma depreciativa constituído assim o que seriam “alteridades negativas”. Apropriando-se da concepção de Orlando (2017, p. 69), sobre alteridades, entende-se que são construídas e manifestadas pela imprensa local, uma narrativa depreciativa com intuito de deslegitimar o espaço da feira, dessa forma, essa articulação permite desconstruir o modo de existir do outro, para daí, justificar a sua extinção.

As análises das matérias dos jornais locais indicam a existência de um discurso hegemônico higienista em prol da “limpeza” presente na cidade. Neste, pode se perceber os posicionamentos na mídia por parte de alguns gestores local descrevendo a Feira do Estádio como lugar sujo e indesejado, cuja solução apontada seria a transferência para outro local.

No contexto da década de 1990, a feira foi abordada pela imprensa local a partir das seguintes reportagens: “O risco nosso de cada dia”, do *Jornal do Sol* de 23/10 a 06/11/1993, discutiu sobre os riscos do consumo da carne comercializada na feira.



Imagem 40. Recorte de matéria do *Jornal do Sol*, 06/11/1993. n. 32, p. 4.

A matéria exposta na imagem 40, de forma comedida expõe as preocupações com a procedência e manipulação da carne expostas em barracas ao ar livre, fala sobre os riscos de contaminação por agentes externos devido a exposição ao tempo e ao vento. Nesta, mais uma vez a opinião do gestor João Carlos Matos de Paula (1992 – 1996), tem a feira como uma “vergonha” para a cidade.

Na matéria, é possível analisar ainda algumas percepções sobre a feira. As condições em que se encontrava, “toda cortada de esgotos a céu aberto e com suas barracas improvisadas, apinhadas de famílias”, indicando falta de estrutura e a existência de barracas que também eram utilizadas como moradias com numerosas famílias. Expressa a ideia de localização da feira no centro da cidade, já no início da década de 1990, aqui percebe-se uma ampliação do centro da cidade. Essa informação é importante pois retrata uma compreensão da gestão – a ideia de que a feira já não cabe neste lugar de privilégio, no centro da cidade. Coloca ainda a feira como obstáculo às pretensões da cidade a se tornar polo turístico. Na parte final da matéria expõem denúncias feitas a uma rádio local da prática de abate de porcos na feira durante a madrugada. Estes elementos evidenciados na reportagem, sugere a necessidade de intervenção através da mudança de local, transferência da feira, o que já era de intenção do prefeito do período, contudo não foi efetivada.

No ano seguinte neste mesmo jornal, mais uma vez o prefeito demonstra o destrato e desprezo por parte da gestão pela feira livre do Estádio. Desta vez, através de uma breve declaração, “Vamos acabar com aquela pocilga no Centro da cidade”, em uma matéria que tratava sobre uma possível intervenção na feira: (*Jornal do Sol*, 20/02/1994, n. 32, p. 4).

Ainda no ano de 1994, uma outra matéria deste mesmo jornal traz a indignação de uma feirante e revela como o desprezo pela feira se manifesta. Uma feirante de nome D. Vanda revela como a feira e os feirantes são concebidos: “(...) somos apedrejados, chamados de porcos flagelados pelas pessoas que passam ali e pelos fiscais” (*jornal do Sol*, 25/05/1994, n. 44, p. 3). A feirante demonstra se sentir julgada e condenada aparentemente dialogando com as reportagens anteriores as quais o prefeito define a feira como pocilga, contudo evidencia-se na fala da mesma que há uma discriminação não só pela gestão pública com o destrato do prefeito e dos fiscais da prefeitura, mas também pelas pessoas que passam pelas ruas da feira.

As ruas da feira João Higinio e Bernardo Sector foram pavimentadas a partir do ano de 1998, como mostrou um cronograma de pavimentação de 46 ruas na cidade divulgada no *jornal do Sol* do dia 28/07/1998. A década de 1990 a cidade vivenciou uma reforma urbana importante. Contudo, embora pequena, a cidade possuía problemas relevantes de grandes centros. Como meninos de rua, falta de segurança, transportes

públicos adequados e grande desemprego como já evidenciado através da reportagem. (*Jornal do Sol* 23/05/199, n. 145, p. 6).

Algumas declarações em diferentes momentos do contexto dos anos 2000, ilustram bem como a gestão municipal apresentava a feira livre de forma preconceituosa, como local sujo e impróprio. A exemplo das matérias do jornalista Geraldino Alves, já citado, em outro momento neste trabalho.

No contexto do início da década de 2000, no pós-comemoração dos “500 anos de descobrimento do Brasil”, o *Jornal do Sol* (25 de janeiro de 2001, p. 2, nº168), exhibe uma matéria com o título “Como você vê a situação das feiras em Porto Seguro?”, mais uma vez debate a situação da feira na cidade. De forma plural, traz a opinião de oito diferentes sujeitos, sendo: três moradores, três feirantes, um comerciante e a visão de um secretário da gestão municipal.

Na visão do feirante de nome Adilson Magalhaes, da cidade de Teixeira de Freitas, além de reclamar da baixa nas vendas, reclama da falta de organização da feira e da falta de padronização com barracas, faz comparação da cidade de Porto Seguro com cidades como Itabuna e Teixeira de Freitas que já possuem um Mercado Municipal. Já o feirante Manoel dos Santos, também reclama da falta de organização da feira: “não tem lata para jogar o lixo, limpeza aqui não tem. Tem coisa que precisa aqui e eles não fazem, coisas que não precisam e eles fazem.”. Assim, o feirante expõe a falta de alinhamento das necessidades dos feirantes e a atenção dada pela gestão municipal. Este reclama ainda da falta de policiamento no local. A opinião do feirante Vanivalter de Carvalho, é bastante reveladora:

A feiras aqui eu acho muito boa, só precisa de mais limpeza e mais empenho dos órgãos públicos para melhorar a situação. Mas a feira aqui está ótima, porque não tinha feira e hoje esse terreno aqui pertence a prefeitura, que nós conseguimos através da associação dos feirantes, que a prefeitura comprasse na gestão passada. Então já é um grande caminho. O que o feirante quer não é que faça uma obra faraônica, e nem um mercado maravilhoso. Basta uma cobertura, porque a própria cultura do povo da Bahia gosta mesmo é de uma coisa simples. Eles não gosta daquela coisa sofisticada como fizeram no Arraial d’Ajuda, que parece um Shopping center e ninguém entra. É só organizar e fazer uma coisa simples, com saneamento básico, que é o que precisa. (*Jornal do Sol*, 25/05/2001, nº168, p. 2).

No relato dos feirantes existe um consenso sobre a falta de organização, limpeza e higiene nas feiras. Contudo, no relato do feirante Vanivalter, é possível identificar

alguns aspectos importantes, como a “falta de empenho dos órgãos públicos”, a aquisição de um terreno fruto da luta dos feirantes e com atuação da Associação dos feirantes. O Sr. Vanivalter diz o que o feirante quer. E, sugere ainda, que a feira não precisa de muito para acontecer, pois faz parte da cultura do baiano coisas simples. Quando se busca sofisticar demais a feira perde o atrativo, expondo como exemplo a intervenção que a feira do Arraial sofreu, perdendo suas características e resultando na perda de clientes.

Na opinião dos comerciantes Claudio Nunes, a feira é meio bagunçada e falta um espaço organizado, um galpão onde as coisas possam ser separadas. Na opinião da feirante Délia Gazinelli, “a feira já foi melhor” e deveria ser também mais organizada e higienizada.

Na opinião do freguês Hélio Leal, advogado, traz um valor importante presente na feira livre:

Deveria ser num local mais apropriado, com mais limpeza, porque do jeito que esta é uma feira muito suja e isso não é bom para a população de Porto Seguro. Os preços são bons, tem uma gama muito grande de produtos e uma coisa boa que a gente vê é que tem muita gente que produz seu próprio produto e vem vender aqui. Isso é muito bom, porque evita a figura do atravessador. Aqui é mais barato que nos sacolões. O grande problema é principalmente de limpeza, porque está muito sujo. (*Jornal do Sol*, 25/05/2001, nº168, p. 2).

Neste relato o consumidor além de evidenciar a questão da limpeza, expõe uma das motivações para que a feira seja atrativa, como a variedade e qualidade dos produtos, bem como as origens destes, que segundo o entrevistado ganhava valor pois toda a cadeia produtiva até o consumidor final, ficava a cargo do próprio feirante. Este fator positivo pode ser melhor exemplificado quando evidenciado na feira a existência de produtores de farinha e beiju dentre outros produtos oriundos da agricultura familiar vindos da zona rural da cidade. Assim a feira se estabelece como propagador de renda para famílias de baixa renda e qualidade de vida com a comercialização de produtos naturais sem agrotóxico para seus consumidores.

A dona de casa Marizelia Costa, dona de casa, também reclama da falta de organização: “O pessoal chega, coloca as coisas todas no chão e a gente não pode nem como andar na feira”, contudo, tece elogios, dizendo que a feira aqui é muito boa. “É central.” Fazendo alusão a boa localização e variedade de produtos que encontra. (*Jornal do Sol*, 25/05/2001, nº 168, p. 2).

Ainda nesta matéria o Secretário de Meio Ambiente, Pesca e Agricultura, Euclides Sena foi entrevistado:

Caótica, tanto para quem vende como para quem compra. Eu tenho consciência disso e já sinalizei para a gente urgentemente reformular nossas feiras, reformulando inclusive o conceito de feira. Já que vamos fazer com tanto atraso, que façamos uma coisa moderna, que agrade ao turista e ao morador, ao comprador e ao vendedor. O município de Porto Seguro é muito extenso e nós temos nove feiras nos povoados e na sede. (...) Estamos tentando, o mais rápido possível, ir até o Governo do Estado visibilizar condições para que possamos fazer uma feira moderna, bem iluminada. Bem arejada, com acesso para chegada e saída de caminhões, implantar uma feira para os próximos 30 anos, não uma feira para quebrar o galho(...). (*Jornal do Sol*, 25/05/2001, nº168, p. 2).

A gestão municipal tem consciência dos problemas em que se encontra a feira livre na cidade e a descreve como caótica. Neste breve recorte extraído da fala do secretário é importante para se perceber alguns aspectos como: o abandono em que se encontra naquele momento as feiras livres, ao admitir uma ação sobre estas já com “tanto atraso”; o reconhecimento da existência de outras nove feiras, evidenciando a prática do comércio de rua na cidade bem comum e a importância da feira como importante na economia da população; uma ideia de feira moderna como, bem iluminada, bem arejada e com acesso de caminhões, e por fim merece destaque observar a ideia de um conceito exaltado pelo gestor, este deve agradar primeiramente ao turista em seguida viria o morador, os consumidores e por último o vendedor - os feirantes. Assim, é possível inferir um pensamento hierárquico sobre o espaço da feira e uma formulação de um projeto monocrático sobre a mesma. Esta representação do secretário, vai em oposição a ideia de feira já exposta pelo feirante Vanivalter de Carvalho nesta mesma matéria como uma feira simples que respeite a cultura popular.

A fala do feirante ainda revela uma sabedoria popular impressionante, quanto aos elementos encontrados, mais rico e valioso, que singulariza e torna a feira um grande atrativo de pessoas sejam moradores, consumidores ou turista - a originalidade, a simplicidade, a cultura do povo da Bahia! Portanto o “conceito” de feira pensado pelo gestor Euclides Sena, pode provocar a perda de importantes características inerentes a feira e transformá-la em um ambiente simulado, semelhante a “um Shopping center e ninguém entra”

Um outro jornal que revela representações importantes sobre a feira livre na cidade foi o jornal “*Topa Tudo*”, expresso a seguir na imagem de número 40. De

propriedade do empresário e jornalista Olmiro Pautz, conhecido como “Miro do Topa Tudo”, fez uma cobertura mais ampla, atribuindo a primeira página do jornal do dia 30 de agosto de 2009, sete dias após a demolição da feirinha com o título: “População aprova retirada da Feirinha”. Nesta matéria traz consigo alguns elementos importantes, como a opinião de moradores da cidade através de enquete feita pelo blog do jornal na época, o posicionamento do feirante através do posicionamento do representante da Associação dos feirantes Sr. Niraldo Xavier, do prefeito e do próprio jornalista.



Imagem 41. Imagem da primeira página do Jornal local *Topa Tudo*, agosto 2009. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

A matéria além do destaque da primeira página, ocupou toda a página 03 deste mesmo jornal. O título da reportagem indica um posicionamento favorável a demolição da feira, esse fator é justificado em vários momentos no decorrer do texto da matéria

Em uma rápida e inesperada articulação envolvendo a prefeitura, o poder Judiciário e Polícia Militar, a antiga feirinha localizada no centro de Porto Seguro foi retirada no dia 23/08. A ação teve início no amanhecer e se prolongou por quase todo o dia, dando fim a uma novela que vinha se arrastando há quase 25 anos e que foi adiada sistematicamente por todos os prefeitos que comandaram a cidade neste período (*Topa Tudo*, 30 de Agosto 2009).

A ação foi rápida e inesperada como a matéria divulgou, isso indica que as negociações estavam acontecendo e tinham feirantes que ainda não foram convencidos a desocuparem suas casas. A ação foi lenta e fatídica pois choveu, e durou o dia inteiro.

Este trecho da matéria evidencia informações importantes quando informa que a remoção da Feirinha era “uma novela que se arrastou por quase 25 anos e que foi adiada sistematicamente por todos os prefeitos que comandaram a cidade desse período”. Uma primeira questão a ser observada: A feira teve seu fim adiado por quase 25 anos, isso pode indicar que a tentativa de remoção da feira remonta um período de final da década de 1980, anterior a gestão do ex-prefeito João Mattos de Paula (1992-1994), portanto evidencia-se a partir da interpretação dessa informação que a transferência da feira de local foi pautada pelos gestores municipais desde finais de 1980 ao ano de 2009, quando a feira foi demolida, compreendendo quase 25 anos; uma outra questão a ser observada na matéria é o indicativo do momento em que a feira do Estádio aparece como um incômodo para os gestores, mostrando que essa insatisfação é de longa data; ainda incutida na matéria, está a importância política da feira ao revelar que a finalização da feira foi “adiada sistematicamente por todos os prefeitos”, aqui pode ser entendido que o adiamento foi proposital, já evidenciando assim, a existência de um jogo político neste local, entre os gestores e os feirantes; e por fim, indica que a feira já se encontrava consolidada na região do Estádio há mais de 25 anos.

Ainda sobre a idade da feira neste local, o relato dos feirantes corrobora com um período mais antigo. O ex-feirante Sr. Cassiano Ferreira Neto de 65 anos, oriundo da cidade de Camacan, Bahia, iniciou sua história com a feira no final da década de 1980, lembrou que quando chegou a cidade a feira já estava instalada.

Antes de chegar a feira, Sr. Cassiano, já havia passado pelo estado do Pará e Goiás, trabalhou no Sindicato Patronal e no Fórum da cidade de Camacan. Após o falecimento de sua mãe, foi convidado por um amigo a conhecer a cidade de Porto Seguro, chegando a esta no final de ano de 1988, início da gestão do então prefeito José Ubaldino Alves Pinto, conhecido como Baiano. Sua relação com o ofício da feira, vem desde os 09 ou 12

anos de idade, quando ainda na cidade natal ajudava ao pai, que era açougueiro, a vender carne de porco na feira. Sua experiência de vida e em espaços de atuação política como o sindicato e fórum, além do incentivo do prefeito Baiano, fez com que o Sr. Cassiano fosse o sócio fundador da Associação dos feirantes da feirinha. Na antiga Feirinha do Estádio vendia sandálias, sua residência e local de subsistência eram próximos ao supermercado Rondelli, e ali permaneceu até a extinção da feira no final da década de 2000, dos mais de trinta anos como morador da cidade, vinte e dois foram na feira e no mesmo local. O Sr. Cassiano, foi um dos moradores surpreendidos de madrugada tendo sua moradia derrubada, contudo não testemunhou o fato, pois com o susto de ver sua casa ao solo de forma violenta, passou mal e desmaiou, retomando a consciência ao final do dia no Hospital Luís Eduardo Magalhães.

Este afirmou que a existência da feirinha neste local era bem anterior. Como outros relatos este também aponta que a feira teria surgido no final da década de 1970, após a construção do estádio ACM. Embora as pessoas entrevistadas não tenham, na memória, um ano exato sobre a origem da feira neste local, a partir das informações prestadas pelos feirantes podemos afirmar que a feira possuía mais que 25 anos instalada próxima ao estádio.

A matéria fala ainda rapidamente que a derrubada da feira causou “protesto e indignação a muitos dos moradores” mas teve a aprovação da maioria da comunidade portossegurense. Mais um indício da diminuição do impacto da ação da prefeitura sobre a feira por parte da matéria do jornal. Além de colocar a feira como antagonista a “comunidade de Porto Seguro”.

A reportagem, informa ainda que este foi o assunto da semana na cidade e realizou uma pesquisa sobre a retirada da feira, exibindo detalhadamente o resultado de uma enquete feita no site do jornal:

Só para se ter uma ideia, na enquete realizada no site da Rede Topa Tudo, cerca de 80% dos que responderam à pergunta ‘O que você achou da retirada e da demolição da feirinha’ são favoráveis à ação. 128 pessoas (48,1) disseram que foi uma excelente decisão e 73 entrevistados (27,4) acharam que foi a melhor coisa que o prefeito Abade fez nos seus oito meses de governo.

Apenas 28 pessoas (10,5%) consideraram que foi uma péssima decisão e 37 internautas (13,9%) ponderaram que deveria ter sido realizada de outra forma mais lenta. (*Topa Tudo*, 30 de Agosto 2009, grifo nosso).

O posicionamento do jornal destaca o número de pessoas que seriam favoráveis a demolição. Quando observamos a soma de 48,1% somado a 27,4%, resultaria em 75,5%, observa-se que o jornal arredonda para “cerca de 80%”, subindo o quantitativo de pessoas em 5%, favoráveis a demolição da feira.

Um outro indicio de parcialidade do jornal é o espaço reservado na matéria aos argumentos do prefeito e dos que são favoráveis a demolição:

Mas, infelizmente, havia entre eles uma grande articulação política tentando inviabilizar o acordo que já havia sido feito e até avalizado pela câmara. Inclusive, nós depositamos o dinheiro do aluguel de vários feirantes, mas, mesmo assim, eles receberam instruções e incentivos para que ficassem com o dinheiro e não cumprisse o acordo de retirada. Chegaram ao ponto de até ameaçar de morte o secretário Sandy Esmero. A verdade é que se caíssemos na armadilha deles de continuar alongando ainda mais as negociações, eles jamais sairiam do local, pois existia uma politicagem contra mim e a prefeitura’, enfatiza o prefeito. (Gilberto Abade, *Topa Tudo*, 30 de Agosto 2009).

O recorte com a fala do prefeito Abade evidencia também uma determinação, seu interesse em retirar os feirantes do Estádio, além de atacar os feirantes: criminalizando-os como “caloteiros e assassinos”. Na parte final de sua fala, o prefeito vê o ato de prolongar a negociação, uma das principais atribuições inerentes a política como armadilha. A interpretação da fala do prefeito Abade nesta matéria indica como o mesmo concebia o espaço da feira e dos feirantes e como sua gestão exercia de forma arbitrária o poder da gestão municipal sobre os feirantes.

É importante pontuar neste momento, que o referido prefeito antes de ser eleito fez campanha na feira pedindo voto, e prometeu aos feirantes que se eleito não iria retirar a feira daquele local. Em seu discurso, segundo o feirante Paulo Bahia (2020), ele não mexeria na feira pois, teria vindo de origem humilde e já trabalhou na juventude como feirante. Mais uma vez percebe-se uma intensa astúcia por parte do político com os feirantes.

O feirante, Paulo Sérgio dos Santos Bahia (2020), é conhecido atualmente como “Paulinho Rasta ou Paulo Bahia”, por causa do cabelo trançado. Paulo Bahia, chegou a cidade de Porto Seguro no início da década de 1990, ainda jovem, para ajudar os pais a ganhar a vida como feirante, o mesmo relatou que o ofício de feirante já estava presente em sua família na cidade de origem, Camacan – BA.

O movimento que Paulo Bahia e seus pais realizaram se assemelham a mesma movimentação de milhares de pessoas que assolados pela crise da cacauicultura sul baiana, duramente atingida pela doença vasoura de bruxa, migraram para outras cidades em busca de melhores condições de vida e encontraram na Feirinha do Estádio refúgio e forma de sobreviver. O mesmo feirante testemunhou ainda que morava na própria barraca. “Na verdade, eu trabalhava e morava ... Montava a barraca de dia, a noite cercava e dormia embaixo da barraca... forrava com papelão com plástico também e dormia ali mesmo”. (BAHIA, 2020).

Na atitude e nas falas do gestor municipal nota-se ainda a existência de um jogo político envolvendo o contexto das negociações de transferência da feira, porém não indica quem são os atores, apenas canaliza a responsabilidade aos feirantes.

A fala do então prefeito Abade, traz uma informação importante sobre a participação dos vereadores durante o processo, indicando que o mesmo foi avalizado pela câmara de vereadores. Neste momento recorreremos as atas da câmara para analisar os resumos transcritos das atas das sessões ordinárias e extraordinárias da cidade no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2012, período da gestão do ex-prefeito Gilberto Abade. A partir das análises destes documentos, foram constatadas que as questões relacionadas a feira livre foram poucas debatidas nesta esfera. Contudo, na ata do dia 01 de abril do ano de 2008, demonstra uma breve fala do presidente da Câmara Hélio Carlos Oliveira de Paula defendendo a não retirada de uma ocupação num bairro de nome Nova Aliança e da feirinha do Estádio. “Já moram aqui há vários anos; estas pessoas que estão querendo tirar o pessoal do bairro Nova Aliança e o pessoal da Feirinha, chegaram agora – quatro anos atrás! Agora todo mundo tem conversa bonita!”. Esse discurso foi realizado em ano eleitoral e o vereador chama a atenção sobre o jogo político local ao destacar “Agora todo mundo tem conversa bonita!”.

No dia 02 de Junho do ano de 2008 o vereador Gilvan Santos Florêncio (PT) fez uma fala demonstrando preocupação com a construção dos novos boxes da feirinha.

Senhor Presidente, eu gostaria de agradecer os moradores e trabalhadores da feirinha, pela receptividade que fizeram pra mim, quando participei de uma reunião com eles. Senhor Presidente, uma das coisas que venho debatendo nesta Casa, é a respeito das construções, que o Executivo vem fazendo! Não apresenta para a sociedade um projeto de forma concreta! Apresentaram o projeto de construção dos boxes da feirinha, mas não informaram o tamanho da construção de cada boxes! Se aquela construção, for para atender os comerciantes e

moradores dali, não podem tomar como prática o tamanho de um boxe que existe dentro de uma CEASA ou Mercado Municipal. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 03/06/2008).

O referido vereador demonstrava preocupação com a falta de um projeto definido que alojasse os feirantes de forma adequada, o mesmo demonstra diálogo com os feirantes ao informar que teve reunião com os mesmos.

No dia 27 de março de 2009 o Vereador Gilvan Santos Florêncio volta a fazer fala na câmara de vereadores demonstrando preocupação com os moradores da feirinha.

No dia 02 do mês de junho, de 2009, já na gestão do Prefeito Abade, a Ata da Sessão Ordinária da Câmara de forma bem resumida informa:

Depois de várias discussões por parte dos Vereadores foi aprovado pela unanimidade da Casa. Nº 143/09 da autoria do Vereador Aliomar Bittencourt Nascimento – “Término com urgência da construção dos boxes da feira do centro da Cidade, na Rua da Vala”. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 02/06/2009).

Essa votação indica a existência de discussões na câmara de vereadores e os mesmos estavam a par das questões referentes a retirada da Feira do Estádio, contudo como foi mencionado antes não identificamos estes debates nas atas do ano de 2008. Esse trecho retirado da Ata indica que pouco mais de três meses antes da demolição da feira, a ideia original era alojar os feirantes próximo ao estádio em um conjunto de boxes construídos e não finalizados pela gestão anterior do ex-prefeito Jânio Natal. Em três meses houve uma alteração no destino dos feirantes, pois os mesmos nunca ocuparam estes boxes. Hoje esta construção sedia a atual Secretaria de Saúde do Município.

No dia 18 de agosto de 2009, mês da demolição da feira houve nesta sessão algumas falas de vereadores discutindo sobre a remoção da feira.

O vereador Aliomar Bittencourt Nascimento (PMDB), realiza uma fala colocando em dúvida a credibilidade do executivo:

Senhor Presidente, eu gostaria de ler um comunicado dos moradores da feirinha. Eu quero dizer para os moradores da feirinha, que me convidaram para participar da reunião com vocês! Não fui porque os “box” de vocês ainda não foram entregues. Sei que foi aprovado o aluguel de suas casas; mas, também elas não estão prontas! Se vocês ainda não receberam o box! Vai receber o aluguel quando, ou quem sabe vocês não vão receber nada! Nem casa, nem box! da feirinha, nem nada! Eu acho que o Prefeito tem que resolver este problema para depois ter uma decisão com vocês. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 18/08/2009).

Este vereador após pedir licença ao presidente da câmara demonstra ter lido um comunicado feito pelos feirantes, o qual não consta em ata, em seguida falou: “Se vocês ainda não receberam o box! Vai receber o aluguel quando, ou quem sabe vocês não vão receber nada! Nem casa, nem box! Não houve entrega dos box, porque haveria entrega de casa”. Para este, o prefeito deveria resolver primeiro a questão dos feirantes antes de remove-los. A fala do vereador demonstra desalinhamento com o executivo e o uso da feira e dos feirantes no jogo político local.

O vereador Marcos Antônio Rodrigues dos Santos (PSB), aparentemente alinhado ao prefeito Abade, responde ao vereador Aliomar Bittencourt Nascimento:

(...) eu gostaria de fazer uma defesa ao nosso Prefeito Gilberto Pereira Abade. Quero dizer para os moradores da feirinha, da presença dos Vereadores – Marcos Antônio Rodrigues dos Santos, Evaí Fonseca Brito, Gilvan Santos Florêncio e Enildo Rodrigues da Gama, que vocês nos convidaram para participar de uma reunião; nós fomos bem recebidos por vocês. Nós não somos contra vocês, e não estamos aqui para abandoná-los. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 18/08/2009).

A fala do vereador busca tranquilizar os feirantes que se fazem presente no plenário da câmara, cita nominalmente os parlamentares que participaram das negociações junto ao prefeito e os feirantes sendo eles Marcos Antônio Rodrigues dos Santos (PSB), Evaí Fonseca Brito (PRP), Gilvan Santos Florêncio (PT) e Enildo Rodrigues da Gama (PCdoB), e complementa:

Eu creio que Porto Seguro não merece mais esta situação calamitosa que vocês estão vivendo no centro da cidade! Nesta reunião foi feito um acordo com o Prefeito representante do pessoal da feirinha! E nós na qualidade de Vereador estamos dando o nosso aval! Algumas pessoas que vão ser retiradas agora vão receber o aluguel das casas conforme combinado com seus representantes; As casas vão ser construídas, já vi o projeto – por sinal muito bonito, nós marcamos hoje para irmos ao local onde vão ser construídas as casas – Parque Ecológico; neste bairro vai ser construído o SESC, uma Escola, Creche, Posto de Saúde, então vai ser um bairro de progresso. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 18/08/2009).

O parlamentar Marcos Antônio, descreveu a situação de vivência dos feirantes como calamitosa e destaca o acordo feito na reunião entre os representantes dos feirantes e o prefeito e endossa o acordo com o aval dos vereadores. Chama a atenção a ideia de progresso na fala do vereador como um lugar onde vai ser construído estruturas públicas como clube, Escola, Creche e Posto de Saúde.

Outro vereador que se pronuncia é o Sr. Dilmo Batista Santiago (PTC):

Senhor Presidente, a respeito de uma pergunta que está na carda dos feirantes da feirinha: Se você estivesse no nosso lugar, o que vocês fariam? Quero deixar bem claro. Se eu estivesse morando naquele lugar, é obvio que eu não queria sair de lá! É obvio que ali é perto de tudo. Agora, eu quero me colocar no lugar do Prefeito que foi eleito não só com os votos dos feirantes! E sim com cento e quarenta mil habitantes de Porto Seguro. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro. 18/08/2009).

Este vereador se apropria da escrita de um cartaz dos feirantes que está no auditório para iniciar a sua fala, revelando uma presença organizada dos feirantes na defesa do direito deles. O vereador justifica a ação do prefeito ao retirar a feira do local como sendo a vontade da maioria da população. Este é a favor da remoção dos feirantes do local e defende o pleito dos feirantes quanto a garantia das moradias.

O vereador Enildo Rodrigues da Gama (PCdoB), conhecido como “Rôlo” ao assumir o parlatório fala para os feirantes:

Senhor Presidente, gostaria de falar para o pessoal da feirinha, que nós temos muita preocupação com vocês! Ninguém aqui quer deixar vocês desamparados! A lei aprovada nesta Casa que dar segurança do aluguel de vocês por cinco meses, se não tiver tempo, nós podemos prorrogar por mais cinco meses, ou até o dia que vocês possam receber suas casas. Isto foi um acordo feito na reunião com representante de vocês! Lógico que eles responderam por eles e não por vocês. Mas, nós estamos aqui para cobrar do Prefeito Gilberto Pereira Abade, porque nós Vereadores estamos assumindo esta responsabilidade. (Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores de Porto Seguro, 18/08/2009).

Este vereador, foi um dos participantes da mesa de negociação com os representantes dos feirantes e o prefeito. Em sua fala aos feirantes buscou tranquilizá-los reafirmando o compromisso dos vereadores em garantir que o acordo seja cumprido por parte do prefeito. O que chama a atenção na fala do parlamentar e que está destacado, é o entendimento de que a negociação deixou uma parcela dos feirantes de fora, neste caso os moradores da feirinha, visto que a pauta dos feirantes ali presente era a moradia.

A análise das atas disponíveis mostrou que as questões inerentes à demolição da feirinha aparecem com força nas atas as vésperas e após a demolição dos imóveis. Com a presença de protestos e manifestantes no meio das sessões cobrando dos vereadores e prefeito que cumpram os acordos prometidos.

Esse elemento possivelmente evidencia que o debate sobre a retirada da feirinha não foi devidamente discutido na câmara de vereadores, embora alguns vereadores participassem das negociações junto aos feirantes e a gestão. Outro possível fator para a

ausência deste debate nos resumos das sessões da câmara, seria possivelmente, o fato das atas serem transcritas e resumidas por servidores municipais e estes não terem dado a devida importância aos conteúdos debatidos sobre a retirada da feira. Embora os motivos não sejam devidamente definidos, o fato, é que a feira foi pouco citada nos debates da câmara, conforme demonstrou os resumos das Atas das sessões da câmara de vereadores antes da demolição.

As representações dos feirantes e moradores sobre a cidade e o espaço da feira podem ser percebidas através da memória, relatos, jornais locais e até documentos oficiais. Assim, a mesma matéria do jornal *Topa Tudo*, que expressou os aspectos do espaço da feira na visão dos gestores e políticos também pode ser usado na compreensão das visões dos moradores e vizinhos a extinta Feirinha do Estádio:

Moradores e comerciantes próximos ao local comemoraram e apoiaram integralmente a retirada e demolição. Segundo o empresário Wandival Vieira, ‘foi a melhor coisa que a prefeitura fez até hoje em Porto Seguro. Isso aqui era um lixo, uma fedentina e só desvalorizava nossos imóveis, além de refúgio de marginais, traficantes e ladrões. Pra mim, o prefeito Abade iniciou sua administração a partir desta demolição. Se ele não fosse um homem corajoso e de pulso firme, este pessoal jamais iria sair daqui’, garante Wandival.

Um outro morador comerciante das proximidades, e que pede para não ser identificado, exulta com a decisão da prefeitura. ‘Já fazem 10 anos que estou aqui perto aguentando esta sujeira toda e tendo meu comércio prejudicado. Parabéns e espero que o prefeito Abade faça algo bom e bonito neste local, porque a cidade não pode ficar prejudicada por causa destes invasores. É natural que alguns reclamem, mas, no fim, tenho certeza que todo mundo vai sair ganhando. Não votei em Abade e nem estava gostando da sua administração, mas, a partir de agora, começo ver seu governo com outros olhos garante.’ (*Topa Tudo*, 30 de Agosto 2009).

O jornal afirma que “moradores e comerciantes próximos ao local comemoram e apoiam integralmente a retirada e demolição”, e apresenta a opinião de dois comerciantes vizinhos sobre a feira. Aparentemente o jornal busca uma narrativa que se alinhe a sua perspectiva política e moral. O redator não se deu ao trabalho de quer de exibir visões opostas, um entrevistado contra e outro a favor da retirada da feira, por exemplo.

Os posicionamentos dos comerciantes são bastante parecidos um do outro, e se alinham com o discurso do prefeito Abade. Contudo são um pouco mais agressivos e violentos com a feira e os feirantes atribuindo ao lugar de moradia e sustento destes como lixo, um lugar fedorento e de refúgio de traficantes, marginais e ladrões.

O interessante a ser constatado no depoimento dos feirantes e moradores é o fato de que, antes da feirinha não haviam comércios próximos, apenas o Estádio Municipal de um lado da rua e um Posto de Saúde do outro, a região como relatam todos os entrevistados era área “livre”. Posterior a instalação da feira começaram a chegar com intensidade os comércios no entorno, inclusive atraiu o atual supermercado Rondelli, que segundo os entrevistados naquela área era um sítio com uma grade elevação de areia em seu interior.

O Sr. Edson (2020), em entrevista, lembrou que a feira era um lugar tranquilo, mas era um espaço muito discriminado por um morador da vizinhança, pois se tratava de uma favela. “Era uma favela né meu fiu! E onde leva o nome favela vai ser sempre discriminado”. O mesmo revela ainda que alguns pais orientavam aos filhos a não passarem em frente a feirinha por ser um lugar discriminado. Quando questionado o porquê da discriminação, hesitava em responder. Mas, ainda assim, o Sr. Edson diz que a única vez que ouviu abertamente alguém criticar a feira, foi de um comerciante vizinho a feira, o qual não revelou o nome ou o que o mesmo falou.

O Sr. Edson de Souza Silva, um senhor calmo e tranquilo, com semblante de cansado e desgastado, características de quem tem o acúmulo de duras e longas jornadas de trabalho na feira. O Sr. Edson, com 64 anos, trabalha até os dias atuais no mercado Municipal Pedro Abade, em um boxe concertando ventiladores e comprando e vendendo metais como cobre e alumínio. Este relatou que chegou a cidade para trabalhar na construção de hotéis em meados da década de 1980, veio contratado por uma empreiteira e com o término das obras, passou a trabalhar como pedreiro autônomo. Para ajudar na sobrevivência, começou a vida como feirante, com o ofício de pedreiro, conseguiu um espaço e construiu um pequeno estabelecimento de tijolo “um quartinho com banheiro no fundo com cobertura de Eternit” e passou a vender cachaça, cerveja e refrigerante na Feira do Estádio. O mesmo relatou ainda que sua companheira vendia roupas e calçados ao lado de sua barraca. As barracas eram situadas próximo ao atual supermercado Rondelli, em frente a atual estação de tratamento da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA), no centro.

O feirante P.E. (2020), em entrevista relata que na feira tinha todo tipo de gente como em qualquer outro lugar, afirmou que tinha problemas de violência como em outras áreas de Porto Seguro, mas também tinha muita gente de bem e que sempre transitou pela

feirinha, inclusive as altas horas da madrugada e nunca presenciou nenhuma situação de violência.

O feirante P. E, de 49 anos, gentilmente concedeu entrevista, contudo solicitou o anonimato com medo de represália, pois ainda trabalha no atual mercado Municipal Pedro Abade e possui questões pendentes na justiça e teme retaliações por parte do poder público. Trabalha na feira livre desde os 12 anos de idade, inicialmente trabalhava com sua mãe. O Sr. P.E., é nativo da cidade, originário de uma família grande, constituída de onze irmãos e relata com orgulho e admiração a bravura da mãe, dizendo que a mesma ‘foi pai e foi mãe’, fazendo alusão ao sustento e criação de onze filhos sem a presença paterna, tal empreitada foi enfrentada tendo a feira como sustento da família. P. E., foi o único dos feirantes entrevistados que participou da trajetória das feiras no centro da cidade antecessoras a extinta Feira do Estádio, e hoje ainda atua como feirante no atual Mercado Municipal. Em sua narrativa mostra-se orgulhoso e feliz com o que a feira lhe proporcionou ao longo da vida, bem como, ressalta a herança que a mãe lhe deixara na feira – um box e a dignidade do ofício de feirante. Ainda com orgulho, fala que a mãe está aposentada e feliz.

O medo dos feirantes de sofrerem represália e perseguições por parte da gestão pública municipal ao longo do tempo é uma realidade presente nas narrativas. Sendo possível de ser notado nas entrelinhas e subjetividades dos gestos, nervosismo, hesitação, receio e tremores na fala de alguns feirantes. A cidade de Porto Seguro é um território bastante violento, sobretudo para aqueles que ousam enfrentar os poderes constituídos.

Porto Seguro neste período era uma cidade violenta, com crescimento desordenado e crescimento populacional elevado, a ponto de chegar a ser pautada no parlatório da câmara por um dos vereadores:

Senhor Presidente, fica até chato tá repetindo toda hora, mas quando as coisas acontece com pessoas da gente nós ficamos mais indignados! Todos nós Vereadores cobramos dos órgãos competentes a segurança de Porto Seguro. Nosso município estar abandonado, a cidade não tem segurança, a bandidagem tá aumentando abertamente; pais de famílias estão sendo atacados no meio da rua; os professores estão sendo impedidos de dá aula porque os ladrões estão abordando-o antes de chegarem nos colégios; esta situação não pode continuar deste mesmo jeito! Senhores Vereadores (as), ontem por milagre Divino o meu irmão foi salvo; três assaltantes tentaram assaltar o “mercado coqueiral”, eles começaram atirar contra o meu irmão, a bala passou de raspão, rasgou a camisa dele! Isso aconteceu em pleno meio dia! Nós Vereadores não somos culpados disso! O que nós devemos fazer estamos. (Vereador

Enildo Rodrigues da Gama, Ata Sessão ordinária da Câmara de vereadores de Porto Seguro, 01 de Abril de 2008).

Neste relato eloquente onde o irmão do mesmo foi assaltado, e conduziu ao vereador revelar sua visão sobre a condição generalizada de violência vivida na cidade em diferentes espaços e em plena luz do dia. A cidade de Porto Seguro até os dias atuais enfrenta sérios problemas de violência e figura entre as cidades mais violentas da Bahia e do Brasil nos últimos anos, como mostrou o jornal digital G1.<sup>12</sup>

A situação de violência que a cidade viveu e ainda vive depende de políticas de segurança pública e garantia de direitos sociais, estas negligenciadas por parte do Estado. Contudo, prevaleceu o discurso dos opositores da feira com a formulação de uma narrativa que ligava a feira à violência crescente na cidade. Este local violento deveria deixar de existir, e assim, se estabelece uma das justificativas para convencer os feirantes e a sociedade portosegurense da necessidade de se extinguir a Feira do Estádio, bem como o uso dos meios necessários para este fim.

A narrativa do feirante sobre a feirinha do Estádio, ganhava uma forma distinta das que foram expressas até o momento. O lugar de fala de cada sujeito evidencia uma visão do universo da feirinha diferente um do outro. Evidencia também os interesses de segmentos sociais muitos distintos e antagônicos.

Para Paulo Bahia (2020), a feira tinha um sentido fundamental na vida dele e da cidade de Porto Seguro, e revela:

(...)eles passavam porque era um atrativo de Porto Seguro porque lá onde tinha as lojas, tinha tudo é ... as frutarias que iam pros Hotéis, pras pousadas, pras casas de alugueis, todo mundo tinha que comprar lá, porque não tinha outro lugar de comprar nada! Era tudo lá. Era o centro... era o Shopping de Porto Seguro tinha tudo lá, tudo, tudo. (BAHIA, entrevista, 2020).

O entrevistado relata os motivos da feira atrair tanta gente, de início expõe a feira como um lugar de atração, onde o comércio da cidade acontecia e cumpria o importante papel de abastecimento de vários outros estabelecimentos, como hotéis, pousadas e hospedarias, alimentando os clientes da indústria do turismo daquele momento, pois, para

---

<sup>12</sup> Cf.: Matéria do dia 08 de agosto de 2019.

Acessado em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/08/05/quatro-das-dez-cidades-mais-violentas-do-pais-sao-da-bahia-aponta-levantamento.ghtml>. Disponível em: 10/01/2021.

ele a cidade não tinha a infraestrutura comercial. Portanto, a feira era tudo, “Era o centro... era o Shopping de Porto Seguro tinha tudo lá, tudo, tudo”.

A feira era tão expressiva que além de abastecer a cozinha dos moradores e estabelecimentos voltados ao setor do turismo, servia como atração para os próprios turistas:

Todo mundo de Porto Seguro... pousada, muita gente quem ia pras festas, turistas, inclusive já teve até famosos na feirinha ... já passou lá Mallú Mader que é atriz, Tony Belloto, que é marido dela que é da banda Titãs e já foi gravado uma minissérie lá na feirinha com Tony Ramos, Lima Duarte. Só que eu não sei onde que tá essa minissérie. (BAHIA, entrevista, 2020).

Assim, pode ser observado que o espaço da feira atraía todo tipo de gente das diferentes regiões da cidade, inclusive turistas que tinham interesses além do turismo de sol e praia. O relato de João Bahia evidencia o quanto a feira é rica nos aspectos culturais e sociais a ponto de atrair pessoas famosas na televisão brasileira e sua paisagem cultural ser requisitada para sediar cenas de uma minissérie de TV.

Outros entrevistados também relataram a presença de turistas na Feirinha do estádio, com o interesse de conhecer o cotidiano da cidade a feira livre se configura o local ideal. O Sr. Cassiano (2020), falou que era recorrente a presença de turistas na feira conversando com os feirantes tirando fotos, “registrando tudo”. O mesmo relata ainda que tinha turista que pagava até em dólar, porém ele disse não aceitar a moeda estrangeira porque não entendia, não conhecia o dinheiro e preferia evitar problemas.

O feirante P.E. (2020), corrobora com o relato de Paulo Bahia e Cassiano, sobre a diversidade dos clientes que frequentavam a feira, e relata:

Todo mundo, autoridades do município, a classe média, a classe média baixa, todo mundo passava por ali, mesmo sendo uma feira, uma feira livre que não tinha uma higienização, não tinha um cronograma, um programa sanitário, todo mundo passava por ali autoridades é é... de pessoas anônimas a pessoas famosas passavam por ali pra comprar suas coisas ali.” (...) turistas, passava turista muito turistas, era no centro né, muitos turistas como mesmo esse restaurante que eu citei tinha estrangeiros que vinham almoçar, dentro da feirinha e na rua do contorno... (P.E. entrevista, 2020).

Portanto os relatos indicam a multiplicidade de clientes ou público que frequentavam a feira, diversos segmentos sociais vinham a feira não só para comprar alimentos ou artigos vendidos ali, vinham também para se alimentar se relacionar, matar a saudade da culinária de sua terra natal, outros, iam com o intuito de “viver a cultura do

espaço” da feira, em especial os sujeitos que não pertenciam ao território a exemplo dos turistas e estrangeiros. Nos restaurantes presentes nas feiras geralmente são servidas comidas típicas da zona rural, do “interior” como, buchadas, sarapatel, pirões, mocófato ou até mesmo uma bela feijoada muito comum nos pequenos restaurantes das feiras livres.

Embora a narrativa e a memória dos feirantes entrevistados estejam centradas nos aspectos positivos da feira, existe uma lucidez quanto as mazelas e falta de estrutura presente na feira tais quais: barracas inapropriadas, barracos improvisados, falta ou precariedade de saneamentos e calçamento, problemas com a falta de segurança dentre outros. Todos os entrevistados nesta pesquisa demonstraram ter consciência da feira como um local que precisava de atenção, e enxergavam na prefeitura o principal poder competente para sanar as precariedades ali existente.

Na verdade ... na verdade todo lugar como eu vou dizer ... que não é adequado não é planejado que nem a feira hoje em dia se planeja uma feira antigamente não ... você ia chegando e montava sua barraquinha e ia aglomerando né, e ia formando aquela turma então ao passar dos anos foi tido como inconveniente né! Porquê... a prefeitura nunca quis padronizar então cada um fazia do seu jeito com lona com papelão com madeira ... então como não era padronizado e nada que é padronizado não fica bonito então tinha os moradores que depois de muito ter usado a feira. (BAHIA, entrevista, 2020).

Na visão do feirante Paulo Bahia, a precariedade da feira se expressou por meio da falta de ordenamento e padronização diante de um ambiente que nasceu e se desenvolveu de forma espontânea. Contudo, traz uma informação importante, sobre o interesse do poder público em gerir a feira: “a prefeitura nunca quis padronizar”! Esta percepção pode ser evidenciada na falta de interesse da prefeitura de fixar a feira naquele local, área no centro da cidade tida como nobre. Assim, ao invés de ofertar os serviços adequados e necessário a consolidação da feira, a postura em via de regra foi de deixar a feira se degradar, e os feirantes a própria sorte. Pois o interesse maior era realocar a feirinha do Estádio, assim como aconteceu na história de suas antecessoras as feiras: da antiga Tarifa do Cais, da Passagem região da Balsa e a feira da Tarifa.

Nas narrativas e falas dos sujeitos aqui abordados, evidenciou-se diferentes pontos de vista. Contudo, existiu um consenso entre as opiniões e falas destas, sobre a necessidade do espaço da feira se tornar um lugar limpo, organizado e higiênico com saneamento e melhorar estrutura. Ao visualizar uma inevitável realocação, os feirantes buscavam garantias de moradias e subsistência através da garantia de realocação para novas residências e novos locais de trabalho. Contudo, a partir das informações

levantadas e análises percebe-se a notoriedade de um clima de bastante desconfiança por parte dos feirantes nos gestores públicos da cidade, mostrando que não são dignos de confiança.

### **3.3 - Formas de organização, resistência e luta em feiras livres de Porto Seguro**

Ao se originar ou se instalar em um lugar que geralmente tem a via pública com um considerável trânsito de pessoas, como local de preferência, a feira livre requer dos feirantes uma coordenação mínima e auto-gestão do espaço. Esta organização exige dos mesmos uma solidariedade e união que surge a partir das percepções dos indivíduos e suas experiências de vida, além da necessidade de se organizar.

Esta organização expressa-se a princípio, na forma de distinguir a maneira de cada um exibir suas mercadorias, seja em barracas, tabuleiros ou lonas estendidas ao chão, aos cuidados com a limpeza do local com intuito de mitigar os odores e resíduos produzidos ao longo do dia, a atenção em deixar espaços entre as barracas para que os fregueses possam circular e escolher os produtos, ou a formação de grandes corredores principais por onde transitam os fregueses de um lado a outro da feira. Contudo, uma das maiores e mais expressiva forma de organização que os feirantes tem demonstrado seria na criação e consolidação de instituições representativas como as associações e sindicatos. Sobretudo como forma de atuar em defesa de seus interesses mais gerais frente a gestão pública.

Diante de um intenso processo de reformas urbanas vivenciadas na década de 1990 e 2000, com o intuito de ornamentar a cidade para os turistas, a feira do Estádio e os feirantes tiveram que adotar diferentes formas de estratégias de luta e resistência em meio a estas transformações. Seja através da criação da associação dos feirantes como instrumento ou paralelo a ela, apelando ao prestígio e importância de sua existência da prática da feira livre junto aos moradores da cidade. Estas diferentes formas de luta foram encapadas com o intuito de existir e permanecer naquele espaço. Assim, foi mais difícil destituir a feira daquele local do que os gestores esperavam.

Assim, neste ponto pretende-se expressar como esta forma mais elaborada e eficaz de organização deste segmento, surge e se consolida na atuação da defesa da feira e dos feirantes, suas formas de resistências, peculiaridades e conquistas ao longo dos anos. A Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS) foi uma destas

formas de resistência encontrada pelos feirantes e se localizava na Rua Bernardo Spector Nº 05, centro – dentro da Feira do Estádio.

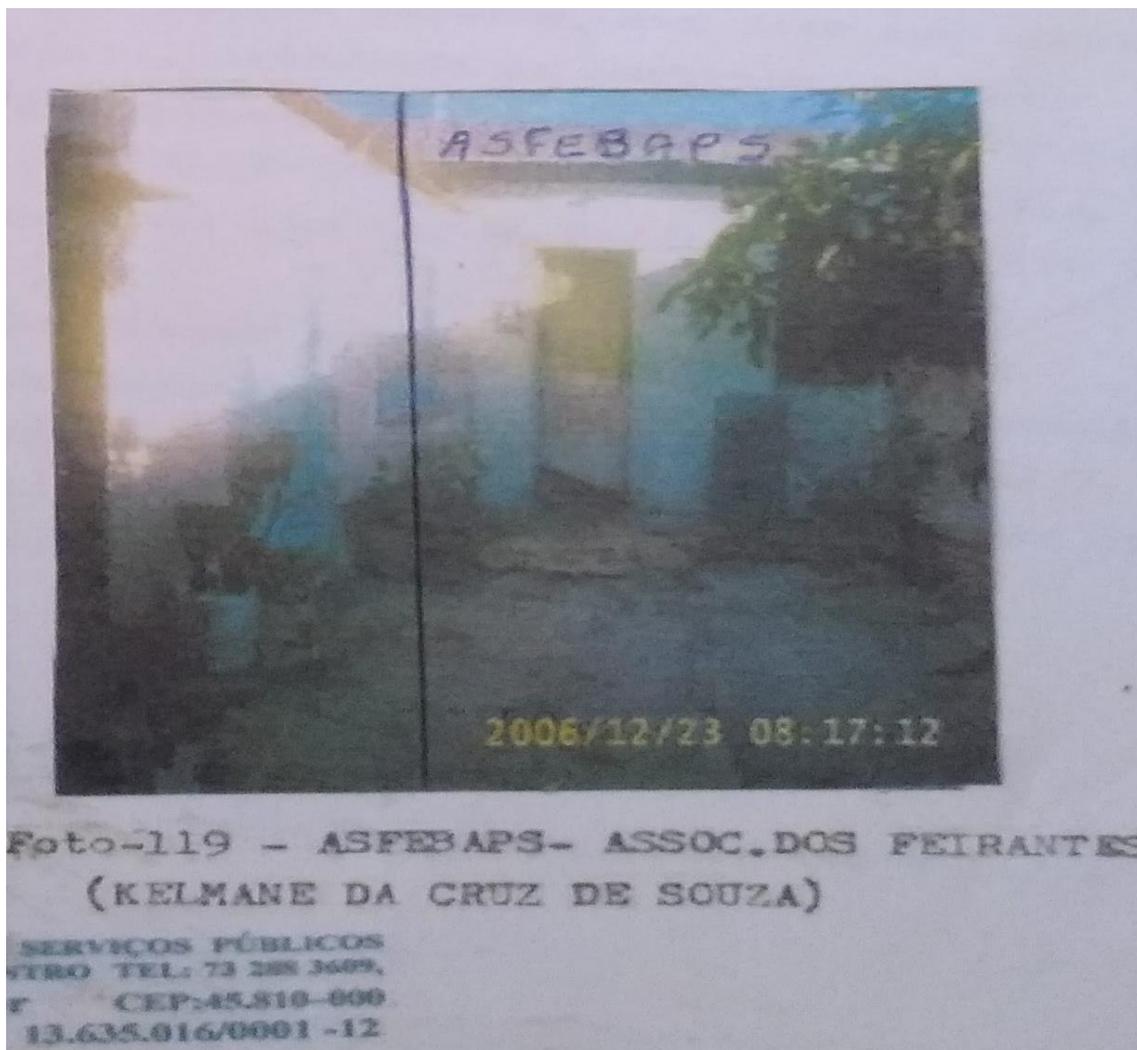


Imagem 42. Imagem da antiga sede da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Acima a imagem 42, retrata uma humilde construção que segundo o atual Presidente Nivaldo Xavier, ficava em frente do que é hoje o atual supermercado Rondelli. Tinha aproximadamente uns 30 metros quadrados, o local foi cedido por um feirante para a instituição, na qual se reuniam com frequência a diretoria e os associados. As reuniões mais amplas eram realizadas ao ar livre em espaço aberto em frente à sede. Uma questão peculiar, seria o fato da instituição representar não só apenas os feirantes e barraqueiros, mas também as pessoas que ali moravam.

A associação dos feirantes surgiu no contexto do final da década de 1980, a partir da necessidade de melhor se organizar, contudo, só a partir do dia 20/02/1993, como mostra sua ata de fundação a associação passa a existir com uma direção instituída. Sua

diretoria era composta pelos feirantes: presidente, Cassiano Ferreira Neto; Vice-presidente, Silenildo Gome Alves; Secretario, Lindiomar de Jesus Claudino; Segundo Secretario, Niraldo Xavier do Nascimento; Tesoureiro, Alberto Pereira dos Santos; Segundo Tesoureiro, Edvaldo Piloto Santos e Conselho Fiscal: Edson Antônio Aragão; Josildo Francisco Veloso; Antônio Rodrigues de Almeida. Destes, apenas Niraldo Xavier e Edvaldo Piloto compõem a atual direção da associação e exercem a atividade de feirante no atual mercado Municipal da cidade.

O ex-presidente e ex-feirante Sr. Cassiano (2020), em depoimento revelou que a criação da associação foi fruto da percepção da necessidade de organização dos feirantes diante de um cenário de abandono por parte dos gestores públicos. Contou que a feira antes da Associação, quando chegou naquele local era um espaço sujo e abandonado, e as coisas vieram a melhorar com a organização dos feirantes passando a fazer ações coletivas em prol ao melhoramento do espaço, como segurança e limpeza, além de reivindicar da prefeitura atenção e melhorias para a feira.

Na Associação dos feirantes as reuniões periódicas aconteciam com intuito de debater melhorias e questões inerentes a Feira do Estádio com as mais variadas pautas. O Sr. Niraldo Xavier (2020), informou que os feirantes reuniam-se com frequência e revela a vastidão das problemáticas da feira, como saneamento, infraestrutura, segurança demonstrando o quanto estes temas preocupavam os feirantes e moradores.

Em 1993 poucos anos após sua chegada no município de Porto Seguro, o então presidente da Associação dos feirantes já atua em defesa dos mesmos como pode ser observado em uma entrevista cedida ao *Jornal do Sol*:

Os mais prejudicados com a situação no entanto, são os próprios barraqueiros. Segundo Cassiano Ferreira Neto, presidente da Associação dos barraqueiros de Porto Seguro, a luta agora é junto ao prefeito e vereadores para melhorar as condições da feira. Cassiano espera ainda a colocação de dois vigias para evitar os frequentes roubos às mercadorias nas madrugadas. ‘As pessoas moram aqui com medo de roubos ou porque não tem para onde ir’, justifica. (...) Entre os feirantes, sempre reunidos discutindo os problemas, a única certeza é da força da união, para tal vez algum dia trabalharem com dignidade. Num ambiente saudável para comerciantes e consumidores” (*Jornal dos Sol*, 06/11/93, nº 32, p. 04).

A reportagem tratava dos problemas enfrentados pelos feirantes e expõe uma pauta de importância daquele momento, reivindicada pelo presidente da Associação, “a colocação de dois vigias para evitar os frequentes roubos às mercadorias nas

madrugadas”. E ainda denuncia as fragilidades dos feirantes dizendo que as pessoas vivem com medo da violência e da falta de opção de uma melhor moradia. Na parte final da matéria a reportagem traz uma representação da força dos feirantes afirmando uma constante união e mobilização por parte deles, além da luta, cujo objetivo seria melhores condições de trabalho com um ambiente saudável para comerciantes e consumidores.

Uma outra matéria foi destaque no jornal local demonstrando a importância da feira e a força dos feirantes apresentada no recorte de jornal através da imagem 43:



Imagem 43. *Jornal do Sol* 25/05/1994 a 09/06/1994. n. 44. p. 3.

A reportagem exibida no *Jornal do Sol* do mês 06 de 1994, traz o título em destaque: “Feirantes protestam contra altos impostos”. No corpo da matéria, informa que os feirantes lotaram o plenário da câmara de vereadores para reclamar dos altos impostos cobrados pela prefeitura, informa ainda sobre uma liderança de uma mulher de nome D. Vanda que usou a tribuna para reclamar dos altos impostos pagos pelos feirantes. Neste momento percebe-se o poder de organização dos feirantes e a demonstração de força política pressionando a gestão municipal por um outro lado a abertura por parte dos vereadores com a liberação do uso do parlatório por uma feirante, demonstra a importância da feira para os vereadores. A matéria cita o nome de cinco vereadores: Chocolate, Roni Guerra, Manezinho, Gabiarra, Cido e Reinaldo que fizeram discurso apoiando as reivindicações dos feirantes. O pronunciamento dos vereadores demonstra a existência de uma disputa entre estes para chamar a atenção dos feirantes.

A matéria descreve parte da fala da feirante D. Vanda; “Eu vivo ali há 8 anos e nunca tivemos apoio pra nada. Não temos esgoto, água nem luz. Tudo é por nossa conta. Andamos em dia com a prefeitura.” Denunciando as precariedades e abandono no espaço da feira. A matéria ainda diz que a feirante exibe um pacote com recibos antigos pagos de cobrança da prefeitura e afirma que até a ponte por onde passava o ônibus foram os feirantes que fizeram sem o apoio de ninguém. Revelando a ocorrência de uma auto gestão do espaço da feira e ao mesmo tempo mais uma vez demonstrando o abandono por parte da gestão municipal do espaço da feira. Por fim, a feirante reclama da discriminação por parte dos fiscais e da gestão municipal.

A reivindicação por melhores condições de trabalho e moradia é um pleito dos feirantes da Feira do Estádio. Estas pautas são de longa data e de conhecimento dos gestores municipais e dos políticos locais, como foi demonstrado por meio de alguns recortes de jornal. Demonstra vir se arrastando desde a instalação da feira neste local. Estas reivindicações encontram ressonância nos interesses eleitoreiros por parte de políticos na cidade.

Segundo uma pesquisa solicitada pela Secretaria de Agricultura e Pesca da gestão do prefeito Ubaldinio Junior - PSB, (1996-2000), no ano de 1998, cujo objetivo era realocar a feira, foi constatado que na feira moravam 67 famílias, dos quais 14 não teria comércio no local. Contudo, 54 pessoas exerciam atividade comercial, sendo que existiam 107 estabelecimentos comerciais. A matéria ainda aponta que havia um consenso entre os feirantes para sair do local, mas a preocupação era o futuro destas famílias que ali moravam. (*Jornal do Sol*. p. 08, nº 115, abril 1998). A feira não saiu do local. Nesta mesma matéria também revela, uma forma de organização dos feirantes por meio de um grupo gestor da feira, composto por uma administradora de nome Vanda Souza, um representante de proprietário de restaurante, um representante dos açougueiros, um representante dos moradores, evidenciando a diversidade de representações presentes neste espaço. O grupo tinha a finalidade de organizar a feirinha e realizava pequenos reparos no espaço da feira.

Neste contexto do final da década de 1990, com a preparação para sediar a festa do “descobrimento do Brasil”, a cidade passou por uma importante reforma urbana com a pavimentação de ruas no centro da cidade, dentre elas as ruas que passavam pela feira. Nesta conjuntura, a feira passou por intervenções estéticas, e a parte do comércio ao ar

livre que acontecia no meio da rua nos dias de sábado foi realocada para um terreno no bairro do Campinho, na antiga garagem da empresa de ônibus São Geraldo, onde hoje é o atual Mercado Municipal Pedro Abade, construído dez anos após esta data. Portanto, houve a tentativa de realocar a feira, porém, não foi efetivado, a Feira do Estádio voltou a se completar, a funcionar aos sábados no meio da rua como era antes.

Essa movimentação é importante, pois representa pela primeira vez a tentativa real por parte dos gestores municipais de resolver a questão da feira livre no centro da cidade de forma adequada, realizando levantamento social, pensando no destino dos feirantes. E, com a aquisição do terreno pela prefeitura destinado a sediar a feira livre em um local devidamente apropriado.

Diante do contexto de grandes intervenções urbanísticas na cidade na década de 1990, como foi demonstrado, a continuidade da feira do Estádio no mesmo local pode ser percebido como um marco importante da resistência, força dos feirantes, do espaço da feira e da relevância que este lugar possuía para a cidade, pois de fato a cidade sofreu importantes intervenções, contudo, a feira resistiu.

No ano de 2006, durante a gestão do prefeito Jânio Natal (2004 – 2008), foi realizada um novo levantamento com intuito de mais uma vez, remover a feira, desta vez, realizada pela Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos. Este, constatou que existia 79 residências e 50 imóveis comerciais. Essa relação foi fornecida pelo atual presidente da Associação Niraldo Xavier (2021).

Três anos mais tarde um outro levantamento foi realizado. No arquivo da Associação dos feirantes foi encontrado impresso um conjunto de fotos da antiga feirinha do Estádio realizadas em momentos diferentes. As imagens estão em papel timbrado com os símbolos da prefeitura e da Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos da gestão do prefeito Gilberto Abade (2008 – 2012). Ao realizar o levantamento dos imóveis existentes na feira, foram fotografadas todas as construções ali existentes, mostrando como era a realidade das construções nesta paisagem que hoje já não mais existe. Como foi discutido no Capítulo II, e evidenciou a diversidade de estabelecimentos e atividades comerciais ocorridos no ambiente da feira. Dessa forma, a responsabilidade da Associação compreendia representar os feirantes, os moradores e os comerciantes, o ambiente da feira era complexo e distinto e as pautas das reuniões da entidade eram diversas.

Ao questionar em entrevista sobre a duração de mais de 30 anos de existência naquele local, perpassando por vários gestores, e o porquê o Prefeito Abade conseguiu realizar o que os outros não conseguiram, remover a Feira do Estádio? A resposta consensual dos entrevistados, girava em torno das questões eleitorais. Na concepção destes, a feira representava uma importância eleitoral considerável para realidade de Porto Seguro. E, mesmo sendo vista com “maus olhos” pelos gestores e setores comercial e turístico da cidade, a feira resistiu.

Neste momento é importante evidenciar que a não retirada da Feira do Estádio não estava apenas a mercê dos interesses dos gestores municipais. A feira não saiu antes da gestão Abade (2008 – 2012), pois houve um grande processo de luta e resistência por parte dos feirantes como foi evidenciado por matérias dos diferentes Jornais locais. Assim, os feirantes organizados, reivindicavam melhorias e o direito de continuar a atividade na feira.

A partir das análises dos jornais locais, foi possível observar que a feira servia como pauta eleitoral e bastante explorada pela classe política, antes e após os pleitos eleitorais, ao menos desde o início da década de 1990. Deste período em diante foi possível perceber algum tipo de posicionamento dos gestores sobre a feira nestes jornais. Quando eleitos os prefeitos foram de alguma forma questionados sobre a situação da feira, sobre a urbanização deste espaço. Portanto, mais uma vez se evidencia a existência de um jogo político presente nesta feira.

Portanto existia um debate sobre o destino da Feira do Estádio, que envolvia a urbanização do local e a construção de um mercado municipal de forma que dialogasse com a cidade do turismo. Assim, a classe política se utilizava desta pauta ou buscava se constituir como representante dos feirantes, para atingir seus interesses eleitorais, onde pode-se trazer como exemplo o projeto do político Ubiratan Oliveira conhecido como – “Bira”. Este tradicional político local, disputou a prefeitura de Porto Seguro nas eleições de 1982, 1988 e 1996, sem êxito, até que no ano 2000, conseguiu ser eleito como vice-prefeito no segundo mandato do prefeito Ubaldino Jr., que foi processado e afastado pela Procuradoria Geral da União (PGU) no ano de 2003. Assim, Ubiratan Oliveira assumiu a prefeitura para conclusão do mandato. Bira, tenta ainda se eleger em 2004 e perde, desde então não concorreu mais ao pleito municipal.

Na primeira gestão o prefeito Ubaldino Jr. (1996-2000), foi realizado um estudo sobre a realidade da feira com o intuito de fazer algum tipo de intervenção. Neste sentido, o cartaz exposto pelo prefeito Bira pode na verdade representar a vontade do prefeito cassado e inelegível Ubaldino Jr.

**MERCADO DA FEIRINHA**  
**AS NOSSAS PROPOSTAS SÃO CONCRETAS.**

**Obra: Mercado da Feirinha de Porto Seguro**  
**360 boxes em 2 pavimentos para açougues, hortifrutigranjeiros, bares, restaurantes, lojas para artesanato e estacionamento.**

Valor estimado da obra : R\$ 850.000,00  
Origem dos recursos: Tesouro Municipal / Governo Federal  
Geração de empregos diretos na obra: 250  
Geração de novos empregos diretos após a construção: 600

Este é o primeiro projeto. Depois virão as feirinhas do Baianão, Vera Cruz, Arraial d'Ajuda, Trancoso e Pindorama.

**BIRA**  
**PREFEITO**

*Agora é pra valer!*

**IONE**  
**VICE**

Imagem 44. Imagens de cartaz eleitoral da candidatura do então candidato Bira do ano de 2004. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Este cartaz da imagem 44, estava guardado com cuidado, assim como outros documentos da Associação dos feirantes sob os cuidados do feirante e atual presidente Nivaldo Xavier (2020). Isso pode evidenciar uma afetividade a um sonho que não se concretizou, a construção do mercado junto ao estádio.

A propaganda revela alguns aspectos subjetivos e da vida política no município e envolveram a feira durante sua existência naquele local. Na pista ao lado direito onde representa uma rua larga, pavimentada com meio fio e calçada representa a rua Higino Figueredo (antiga rua da Vala), a esquerda também pavimentada fica a rua Bernardo Spector, ao fundo o Estádio Municipal. A feira futurística com dois pavimentos e estrutura de metal possuiria cobertura de telhas metálicas e detalhes em vidro, a frente do estádio, se apresentaria imponente, com aspectos modernos retangulares e em forma triangular, constituiria uma esquina com o encontro destas duas ruas. O cartaz descreve também os impactos econômicos e positivos para a cidade, como geração de emprego e renda. Sem dúvidas se efetivada esta promessa, o mercado proposto pela campanha eleitoral do candidato Bira seria uma atração a mais para a cidade, o que ficou só no papel com a derrota deste nas eleições de 2004.

Este cartaz de campanha eleitoral pode servir de exemplo, como os políticos locais mexeram com os sentimentos da população trazendo esperança e ilusão aos feirantes, podendo ter causando nestes, anseio, frustração e tristeza diante de promessas não cumpridas. A esperança de serem aceitos e incluídos na cidade de forma digna e adequada, ao mesmo tempo que o medo e insegurança de um despejo inesperado, circundava o contexto deste período.

Entre os documentos encontrados em posse do feirante Nivaldo Xavier tem-se a seguir, o ilustrado na imagem 45 que demonstra ser um termo de intenções entregue aos prefeituráveis sobre as intenções dos mesmos sobre o destino da feira, elaborado em 29 de julho de 2003, antes das eleições municipais de 2004.

Porto Seguro (Ba), 29 de julho de 2003

Sr. Prefeiturável:

Os associados da ASFEBAPS – Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro, situado na Rua Bernardo Spector nº 05 – Centro, nesta cidade, através de sua diretoria infra-assinada, preocupados com acontecimentos futuros, encaminham a V.Sa. o questionário abaixo para as devidas respostas.

1 – Em caso de eleito, qual vai ser o procedimento junto aos barraqueiros da Feirinha da Rua Bernardo Spector?

- a) Haverá carência e, em caso positivo, qual o tempo? *UM ANO E MEIO*
- b) Haverá compensação e, em caso positivo, qual a forma?
- c) Os custos, se houverem, quem arcará com os mesmos?

2 – O que espera dos associados?

- a) Colaboração e compreensão?
- b) Demandas judiciais?
- c) Acordos?

3 – O que espera do prefeiturável?

- a) Colaboração e compreensão?
- b) Demandas judiciais?
- c) Acordos?

Agradecemos a sua atenção e ficamos na espera das respostas, dentro de 15 (quinze) dias, que deverão ser encaminhadas à Rua Bernardo Spector nº 05 – Centro, nesta cidade.

Subscvem-se, atenciosamente,

Cassiano Ferreira Neto – Presidente

Lindiomar de Jesus Claudino - Secretária

Imagem 45. Termo de intenções de possíveis interferências sobre o espaço da feira. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

O documento simples e objetivo possui três perguntas e versava sobre o destino dos feirantes nos anos futuros. A primeira pergunta e mais importante perguntava: “Em caso de eleito, qual vai ser o procedimento junto aos barraqueiros da Feirinha da Rua Bernardo Spector?”. A questão possui três letras como indicação de resposta letra “a) Haverá carência e, em caso positivo, qual tempo?”, esta é marcada com um X, ao lado da questão escrita a caneta uma resposta de “um ano e meio”, e ao fim um rabisco, o que indica ser uma rubrica. As letras B e C, não forma marcadas ou respondidas e versavam sobre compensação e custos de possíveis intervenções. Por se tratar de uma feira fixa com imóveis a questão do custeio das indenizações e destino dos moradores e comerciantes eram um entrave nas negociações o que gerava grande desconfiança por parte dos

feirantes. Nas questões dois e três perguntavam, “O que esperar dos associado e o que esperar do prefeituravel, respectivamente. Nas letras “a) Colaboração e compreensão?, b) Demandas judiciais?, c) Acordos?”. Foram marcadas respectivamente as letras A e C, indicando que o prefeituravel pretendia buscar acordos colaboração e compreensão no trato com os feirantes. O documento dá um prazo de quinze dias para a resposta e leva reserva um espaço com o nome do presidente da Associação no período o Sr. Cassiano e da secretária, Sr.<sup>a</sup> Lindiomar de Jesus que não estão assinados por estes. O documento consta ainda uma assinatura, que não foi possível identificar, contudo, segundo o Sr. Niraldo Xavier atual presidente da Associação dos feirantes, esta é a assinada por Gilberto Abade antes de se eleger.

Isso pode ser reconhecido como mais uma forma de evidenciar a existência de “jogo político” entre os candidatos com promessas e enlaces políticos, e do outro lado os feirantes em busca de garantias e segurança. Este termo de comprometimento se constituía em um breve questionário sobre como os candidatos iriam interferir na feira caso fosse eleito, essa prática de buscar comprometer os políticos no período pré-eleitoral é bastante comum e presente até os dias atuais na cidade.

Em 2006, sob a gestão do prefeito Jânio Natal (2004-2008), foi iniciada a construção de novos boxes e se estabelecia assim, um novo endereço para a feira, na Rua Bernardo Spector, porém ainda próximo ao estádio. A ideia seria, construir primeiro os boxes e o local da nova feira, e depois transferir os feirantes. A obra foi iniciada e não foi concluída, o prefeito Jânio Natal não conseguiu se reeleger e a obra ficou pela metade servindo como moradia para pessoas em situação de rua e por fim, quase uma década depois, foi reformada e transformada na atual Secretaria Municipal de Saúde.

A feira do Estádio teve seu destino selado definitivamente na gestão do prefeito Gilberto Abade (2008-2012). Este, assim como os outros candidatos fizeram campanha na feira e, antes da eleição, se comprometera em não “mexer” naquele espaço. Foi o que os feirantes Cassiano e Paulo Bahia (2020), relataram. Contudo, já em seu primeiro ano de mandato extingue a Feirinha do Estádio.

A articulação dos feirantes através de sua entidade representativa transcende o espaço de reivindicação local e a questão da feira ganha as esferas estadual e federal. Assim, os feirantes apelam ao governo estadual via ofício, que foi respondido pela secretaria particular do governador, assinado por Regina Affonso de Carvalho ao Sr.

Niraldo Xavier do Nascimento, ofício nº 4103/2008/ SEPAR emitido em 18 de julho de 2008, em resposta a solicitação de construção do Mercado Municipal, protocolo nº 8510080057390. A resposta, apenas orienta ao representante dos feirantes a procurar a Secretaria do Desenvolvimento Urbano, da qual não se obteve nenhuma resposta.

Já na esfera federal a ilustração elaborada pelo candidato Bira, seis anos antes, seria levado a frente pelos feirantes com bastante afinco, como mostra um cartão de protocolo junto ao Serviço Público Federal, Ministério da Fazenda.

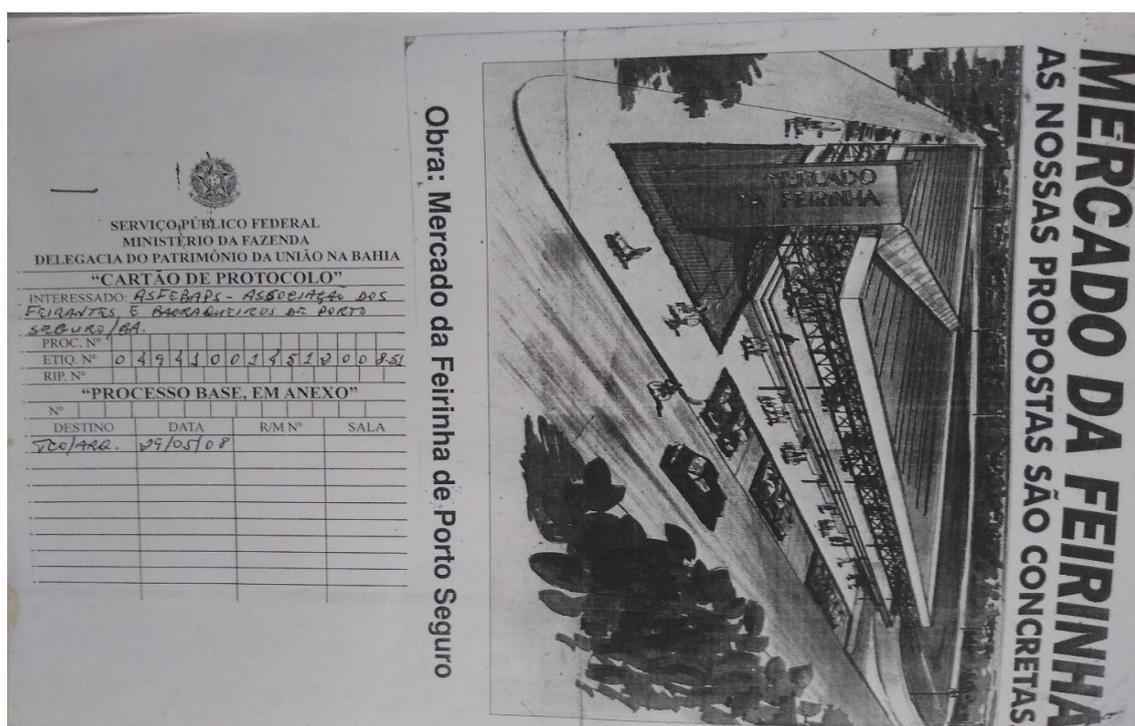


Imagem 46. Imagem de cartão de protocolo e de cartaz, entregues ao Serviço Público Federal da Fazenda. Acervo da Associação dos Feirantes e Barraqueiros de Porto Seguro (ASFEBAPS), 2020.

Este documento, expresso acima na imagem 46, evidencia que os feirantes não queriam sair da Feirinha do Estádio e estavam dispostos a lutar, a disputar o espaço frente aos interesses da gestão municipal. A data escrita no protocolo do referido documento, dia 29/05/08, se dá pouco mais de um ano antes da demolição da feira.

Um outro argumento utilizado pelos feirantes que buscavam justificar a disputa e permanência no local foi pleitear a nível federal, junto à União, já que a área da feira, o terreno, originalmente pertencia a Marinha do Brasil, tendo em vista que estava situado próximo ao mangue e sofria influência da maré. Esta foi uma interessante linha argumentativa, porém, assim como todas as tentativas antecessoras, não tiveram êxito. Esses argumentos e estratégias embasaram as resistências e lutas encampadas pelos

feirantes ao longo do tempo, sendo a Associação um importante instrumento de defesa dos seus interesses.

No contexto da demolição da feira as formas de luta e resistência dos feirantes foi tratada pelo então prefeito Abade como – politicagem, tentando mais uma vez desqualificar os feirantes e suas reivindicação. Contudo, até no dia da demolição da feira, quando pegos de surpresa, os feirantes resistiram, não abandonaram seus lares e formas de subsistir.

### **3.4 - Feira livre em extinção, alteridades e violências**

Este ponto do texto pretende apresentar algumas formas de violência sofridas pelos feirantes e o espaço da feira livre na cidade de Porto Seguro. Sejam elas violências físicas, moral, econômicas ou simbólicas. Para isso é importante se refletir sob questões como violência e poder.

Antes de avançar e explicitar as formas de alteridades as quais a feira e os feirantes foram submetidos, se faz necessário, analisar e entender, ainda que de forma breve, conceitos como poder e violência bem como suas formas de expressão no espaço da feira livre na cidade. Entendendo que o debate sobre estes conceitos é bastante vasto e interdisciplinar, pretendemos nos apropriar das contribuições de importantes autores a exemplo de: Axel Honneth (2003), Edgar Orlando (2017) e Hannah Arendt (1970), bem como outros intelectuais do campo da História e Ciências Sociais que refletiram sobre o tema.

Hannah Arendt (1970), faz uma importante discussão de como o poder<sup>13</sup> é concebido pelo indivíduo além de debater a questão da violência nos domínios da política, conclui que “a violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação de poder”. (ARENDR, 1970, p. 22). Assim, o exercício das violências no espaço da feira pode ser concebido como uma forma de poder exercido, seja ela oriunda da imprensa local, dos setores empresariais ou dos gestores estatais; essa manifestação é importante para melhor exercer a dominação e hierarquia sobre a feira e os feirantes, atribuindo e endereçando-lhe a um lugar de subordinação.

---

<sup>13</sup> O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. (ARENDR, 1970, p. 27).

Uma pessoa está revestida de poder, quando a mesma representa e fala por um determinado grupo de pessoas. Pensando a realidade da cidade de Porto Seguro em sintonia com que Arendt (1970) traz, é possível inferir que o prefeito representante maior da gestão municipal seria o indivíduo que representa o poder de determinados grupos na cidade. Em contraposição a estas formas de violências e poderes institucionais é possível conceber a organização dos feirantes através da Associação, como espaço de resistência e poder, instituído e legitimado através dos representantes da entidade popular.

Neste contexto a autora propõe o seguinte desdobramento: poder, corresponde a uma habilidade humana; o vigor, uma entidade individual, trata-se de uma qualidade inerente a um objeto ou pessoa e que pertence ao seu caráter; a força, é usada na linguagem cotidiana como sinônimo de violência; a autoridade, não possui uma definição fechada, a sua característica e o reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados; a “violência” distingue-se pelo seu caráter instrumental. O poder, a força, o vigor, a autoridade, e por fim, a violência, seriam consideradas sinônimos por terem a mesma função, a que definiria o homem que governa o homem. (ARENDR, 1970, p. 27).

Heleieth Saffioti (2015), em sua obra “Gênero, Patriarcado, Violência”, discorre sobre o significado da violência. Nesta, a autora dedica algumas páginas para analisar a reprodução da violência praticada pelo homem sobre as mulheres, dentro desta discussão a autora traz uma sistemática pedagogia para melhor entender a violência.<sup>14</sup> A pesquisadora entende que a violência física, moral, social e sexual não ocorrem sozinhas, isoladamente. Mas sim, ocorrem, em muitos dos casos, de forma conjugada e concomitante. A partir desta concepção, ao observarmos a realidade da feira é possível perceber que sobre a feira livre foram articuladas diferentes formas de violências de maneira sistemática e intencional.

Já Edgar Orlando Arroyave Álvarez (2017), em tese do doutorado, investiga e analisa assassinatos em massa na Colômbia entre as décadas de 1980 e 2010, evidencia as diferentes práticas de violência contra aqueles que são considerados “alteridades

---

<sup>14</sup>(...) a criminalidade, a violência pública é uma violência masculina, isto é, um fenômeno sexuado. A disparidade muscular, eterno argumento da diferença, deve ser interpelada em diferentes níveis(...) Nos confundimos frequentemente: força-potencia-dominação e virilidade (WELZER-LANG, 1991, p. 59. Apud, SAFFIOTI, 2015, p. 79).

negativas<sup>15</sup>”. Expõe como corpos e mentes são subjugados de forma brutal com o objetivo de manter um sistema hegemônico em vigor.

Edgar Orlando (2017), em seu texto discorre sobre as alteridades, de que forma o sujeito percebe o outro, estabelece relações de poder, práticas de dominação a partir de como se percebem e se relacionam uns com os outros. Observa que tanto nas relações de poder quanto nas práticas de dominação, como nas diferentes formas de resistência, é importante considerar a categoria de alteridade. Propõe a partir de uma perspectiva intersubjetiva dois tipos de alteridades.

A partir de uma perspectiva intersubjetiva de alteridade positiva, um valor de reconhecimento ou apreço é dado ao outro, o que é considerado digno de estabelecer convênios de convivência ou de realização de conquistas sociais compartilhadas. Já as alteridades negativas são frequentemente sujeitas a práticas de desprezo, que vão desde a sua invisibilidade na vida diária dos outros por seu comércio ou posse econômica, mesmo uma negação ou a perseguição sistemática por seu domínio ou seu extermínio, por sua étnica, política, física, social, sexual. (ORLANDO, 2017, p.67).

Evidencia ainda, como a guerra na Colômbia contra a Guerrilha serviu de pretexto para o Estado e grupos paramilitares realizarem “práticas sociais genocidas” – assassinatos em massa; de defensores de direitos humanos, líderes sindicais e dissidentes políticos. Outra prática identificada neste contexto foi o que o autor chama de “limpeza social”; eliminar aqueles que seriam os “indesejáveis”: usuário de drogas, criminosos, LGBT, população de rua. Na tentativa de traduzir o pensamento deste autor a realidade de Porto Seguro e as violências sofridas pelos feirantes, compreende-se que a limpeza social através da eliminação dos indesejáveis foi manifestada através das sucessivas expulsões dos feirantes, da falta de interesse em prestar uma assistência adequada a estes.

O assassinato dessas alteridades negativas busca não apenas seu extermínio, mas implica, como afirma Daniel Feierstein (2014), uma organização ou reorganização das relações sociais e um domínio sobre o território e a população por grupos de poder social, econômico e criminal. (ORLANDO, 2017, p. 9).

---

<sup>15</sup> Alteridades negativas são frequentemente sujeitos a práticas de desprezo, que vão desde a sua invisibilidade na vida diária dos outros por seu comércio ou posse econômica, mesmo uma negação ou a perseguição sistemática por seu domínio ou seu extermínio, por sua étnica, política, física, social, sexual, etc. Orlando (2017, p.67)

Para que esse cenário de violência aconteça o autor demonstra que é necessária uma rede de articulação entre o Estado - por meio da omissão da justiça e entidades estatais responsáveis, e sociais, em especial o papel da mídia. Esse conjunto permite um clima de impunidade e favorece as “práticas genocidas” e violentas contra minorias (ORLANDO, 2017, p. 69).

Neste momento é importante evidenciar que a feira livre e os feirantes na cidade de Porto Seguro ao longo do tempo foram vítimas sistemática das mais diversificadas formas de violências, física, moral, econômica, patrimonial dentre outras. Na omissão dos gestores públicos em não atribuir uma atenção adequada aos feirantes, a falta de segurança nos espaços da feira, saneamento e infraestrutura, os deslocamentos forçados para locais improvisados e com pouca estrutura evidenciando assim, uma marginalização sistemática e intencional. Essa violência sistemática culminando na expulsão, demolição de suas casas e barracas, como foi o cenário da extinção da Feirinha do Estádio.

O autor conclui que, grupos sociais visando garantir uma hegemonia econômica, social, política e moral, elimina outros grupos considerados como alteridades negativas promove uma limpeza social no território. Assim, a violência por meio do massacre torna-se a principal ferramenta para esse objetivo. No entanto, o mesmo, sinaliza a existência de outras ferramentas para se estabelecer essa a hegemonia.

Assim, observamos que as relações sociais, relações de poder e violência estão interligados de forma complexa e integral, presente no cotidiano da sociedade das mais variadas configurações. Dessa forma, para se entender como a violência está presente e se manifesta na história da feira livre é fundamental entender as relações sociais e de poder constituídas neste espaço.

As informações trabalhadas até o momento sobre as feiras livres nos remetem as contribuições e reflexões teóricas de Axel Honneth (2003), em “A Luta por Reconhecimento” e as contribuições de Orlando (2017). Estes teóricos ajudam a compreender os processos de violência e marginalização recorrentes nas feiras livres na contemporaneidade.

As contribuições de Honneth (2003), compreendida como “luta pelo reconhecimento”, se desdobra em três formas distintas de reconhecimento, sintetizadas da seguinte forma: na relação afetiva de reconhecimento da família, na relação cognitiva-formal de reconhecimento do direito, como pessoa de direito, e finalmente na relação de

reconhecimento do Estado, esclarecido no plano emotivo. (HONNETH, 2003, p. 59 - 60). A teoria de Honneth permite mostrar como, na sociedade atual, a luta pelo reconhecimento passa pelo reconhecimento dos direitos humanos, como modelo para a preservação da dignidade dos homens. (ORLANDO, 2017, p. 58). Para o professor Orlando, a teoria de Honneth, complementa o poder analítico de Foucault.

Orlando (2017), ao analisar as contribuições de Honneth (1997), percebe como o mesmo refletiu sobre o desprezo:

O desprezo pode levar à apropriação corporal de um indivíduo, manifestada em várias práticas de dominação, como a escravidão ou a tortura, até o extermínio de grupos culturais ou sociais por etnia, religião, raça ou política; esta é talvez a forma mais básica e primária de desprezo pelo outro. Esses atos de lesão corporal, que podem levar à morte, produzem um grau de humilhação da vítima que afeta negativamente a auto-referência prática, talvez como nenhuma outra prática de depreciação. Para este pensador, quando um homem é violentamente despojado das possibilidades de livre disposição de seu corpo, há uma forma elementar de humilhação. Essa apropriação indébita "destrói as formas mais básicas de auto-referência prática" (Honneth, 1997, p.162) dos homens e mulheres que sofreram essa humilhação. (ORLANDO, 2017, p. 59).

A exposição a esse tipo de violação expõe o indivíduo resultando em graves sequelas, provocando a morte psíquica ou até mesmo social, com elevado grau de humilhação. Dessa forma percebemos que ao longo do tempo a feira e os feirantes sofreram “práticas de alteridades negativas”.

Uma outra exposição a violência a qual os feirantes teriam sido expostos, seria o deslocamento forçado como desapropriação de direitos ou exclusão social conforme Orlando (2017), define:

Desapropriação de direitos ou exclusão social, não é só a violência da autonomia pessoal do indivíduo, como o caso do deslocamento forçado, mas a conexão com "a sensação de não ter o status de um assunto de interação moralmente iguais e totalmente valioso" (Honneth, 1997, p.163). Essa desapropriação de direitos é acompanhada de uma limitação de auto-respeito; o sujeito percebe a si mesmo como um membro hierarquicamente inferior, pelo seu status social, a "inferioridade" dos seus estilos de vida, ao contrário dos modelos vigentes, possibilidades físicas ou cognitivas; em resumo, por causa de seu status em uma sociedade que deprecia suas condições pessoais de auto-realização e auto-respeito. Estas formas de desprezo, não só pode "sacudir a identidade da pessoa inteira" (p. 160), mas minar a confiança desses indivíduos feridos na sociedade, suas instituições e grupo normas regulamentares. Por outro lado, pode ser em uma sociedade de um quadro de normativamente direito igual e ainda, no campo da solidariedade social, um desdém para os indivíduos ou grupos que a lei protege os membros de uma sociedade, considerados hierarquicamente

inferior pela sua singularidade física ou psicológica, por sua identidade ou por pertencer a um grupo social. (ORLANDO, 2017, p.63).

Levando em consideração as reflexões feitas até o momento entendemos que a feira e os feirantes da Feirinha do Estádio sofreram violências, de diferentes naturezas, contudo a ação mais perversa, seria a extinção do espaço de prática do comércio de rua, pois representa a desapropriação do direito a dignidade dos feirantes de sobreviverem da força do seu próprio trabalho.

O deslocamento forçado é uma prática global recorrente, presente em vários locais e por variados motivos, Arjun Appadurai (2009), ao refletir sobre os efeitos e as formas de violências resultadas pela globalização indica a seguinte reflexão:

E, então, existem as formas mais insidiosas de violência, experimentadas por grande número dos pobres do mundo quando sofrem deslocamentos por causa de projetos de grandes represas ou de erradicação de favelas. Aqui, eles sentem os efeitos da política global de segurança na condição de vítimas de embargos econômicos, violência policial, mobilização étnica e perda de emprego. (AJUN APPADURAI, 2009, p. 37).

Essa forma artilosa de violência a qual o autor traz, pode ser referenciada em sua plenitude pelo ocorrido com os feirantes da cidade de Porto Seguro, quando se observa os deslocamentos repentinos da feira livre – forma de subsistência de parte da população pobre da cidade, e por fim, a extinção da feira do estádio e a expulsão de seus moradores com o uso de força policial resultando na perda de suas moradias e local de trabalho.

Assim, a feira sofreu deslocamentos forçados para outras áreas na cidade de Porto Seguro, tiveram suas histórias marcada por constantes realocações forçadas ao longo do tempo, que compreende desde a praça do Cais, perpassando pela feira da Balsa e da Tarifa, pelo trauma da extinção da Feirinha do Estádio com a expulsão e demolição em 2009.

A expulsão e demolição da Feira do Estádio representa um trauma com sequelas irreparáveis para os moradores da cidade, e para os feirantes. Em relatos tanto de Xará (2020), quanto de Romeu Fontana (2020), antigos moradores da cidade, embora tivessem a retirada da feira daquele local como uma ação positiva, a forma como aconteceu segundo estes, fora deplorável, desumana e truculenta. Já os feirantes que tiveram suas casas e estabelecimentos comerciais demolidos, quando em entrevista perguntados sobre o sentimento deles ao transitar no local onde ficava a Feira do Estádio, há a unanime

presença de tristeza e frustração na fala destes, acompanhado pelo sentimento de injustiça e revolta.

### **3.5 - E a Feirinha do Estádio? Demolição sumaria.**

Num contexto de pujança econômica, festas, de grande desenvolvimento urbano a história da Feirinha do Estádio encontrou seu fim no final da década de 2000. Mas como uma feira livre que compôs por mais de três décadas a história e a economia da cidade servindo como centro de abastecimento, com dezenas de famílias que nela se abrigavam e tiravam o sustento encontrou seu fim?

Para responder essa questão é importante mais uma vez lembrar que o modelo de estado posto no município é o estado patrimonialista, privatista. No caso da cidade de Porto Seguro é uma elite econômica do setor empresarial do turismo que predomina na gestão municipal, e o então prefeito Abade foi representante direto disto. Assim, com a possibilidade de contar com parte dos recursos, da infraestrutura e dos turistas que virão ao país atraídos pelos jogos da Copa do Mundo de Futebol em 2014, a gestão municipal do prefeito Abade (2008-2012), não poupou esforços para que a cidade viesse a se tornar um dos Centros de Treinamentos, e a Feirinha do Estádio neste momento representou uma ameaça a esse propósito, um empecilho que precisava ser removido, pois localizava-se ao lado do Estádio Municipal.

Neste momento é importante relembrar que a Feirinha do Estádio sobreviveu a modernização da cidade durante a década de 1990, e as comemorações do quinto centenário de “descobrimto do Brasil”, no ano de 2000, período de grandes intervenções e modificações na cidade em especial na região central, podendo ser considerado uma forma da resistência e importância deste local para a cidade. Contudo, pode-se atribuir duas explicações possíveis para a feira ainda exista em fins década de 2000. A primeira explicação seria o fato da cidade ser litorânea e os interesses das elites e da gestão municipal estarem voltadas a orla e ao mar, “portas de entrada dos portugueses” e descobrimto do Brasil; a segunda explicação possível seria o posicionamento geográfico da feira, está se localizava na periferia da região central da cidade, próximo ao mangue longe de ameaçar aos interesses dos empresários do turismo.

Sobre as intenções dos que advogavam contra a realização da feira no centro da cidade, pode ser possível perceber uma variação. Podendo-se evidenciar alguns

momentos de destaques, que hora predominou os interesses imobiliários visando valorizar espaço e imóveis próximos, ora moral e higiênicos, marginalizando a prática da feira livre como inapropriada e incompatível a cidade que crescia e se urbanizava, além do principal, os interesses empresariais do turismo. Contudo, na maior parte do tempo estes interesses se apresentavam de forma concomitante.

A feirinha do Estádio para os gestores municipais representava um local indesejado, que maculava a imagem da cidade é o que foi observado em algumas passagens na imprensa portosegurense. Mas como um local que incomodava os gestores pode durar tanto?

Em relato do morador, nativo, nascido e criado na cidade, o jornalista Edmundo dos Santos Damasceno conhecido popularmente como Xará, (2020), relatou a feira como um lugar que a cidade dependia, onde se vendia de tudo, inclusive abastecia as pousadas e hotéis. Essa informação expõe a feirinha do estádio enquanto necessária para o abastecimento da cidade, evidencia a importância deste espaço.

Nascido e criado na cidade de Porto Seguro é um senhor de baixa estatura, cabelos pretos com características afro indígena, transitava nos quatro cantos da cidade de bicicleta com uma câmera na mochila pronto para registrar qualquer lance que chamasse sua atenção, para em seguida publicar em sua página no *Facebook*, o Baú do Xará. Uma figura pública bastante conhecida na cidade, era jornalista e trabalhou em jornais na cidade, como o importante impresso *Jornal do Sol* e o extinto jornal *Topa Tudo*. Pessoa simpática, calma e paciente, que caminhava devagar assim como falava, sempre disponível para contribuir com suas memórias para construção de novas narrativas que contemplasse a visão do nativo na história da cidade, foi requisitado diferentes momentos por estudantes da UFSB, servindo como fonte oral. Assim, o Xará representava sem dúvidas, ser um dos guardiões da história e da memória do nativo. Em sua casa compartilhou suas memórias, de como a cidade se urbanizou e sobre o processo de demolição da Feira. O mesmo, afirmou ter acompanhado a demolição da feira do início ao fim, chegou pela manhã e só saiu do local depois das dez horas da noite. O saudoso Xará, faleceu meses depois de conceder a referida entrevista para este trabalho no ano de 2020.

As informações trazidas por Xará podem ser sintetizada pela definição do feirante Paulo Bahia (2020), quando declara em entrevista “a feira era o shopping de Porto Seguro,

tinha de tudo”. Dessa forma compreende-se a importância da feira para o abastecimento da cidade dos mais diversos gêneros, mas em especial os alimentícios. Assim por mais que a feira fosse indesejada por alguns setores e na cidade a feira cumpria um papel importante para a população.

Uma outra explicação plausível relatada em entrevista tanto por Xará (2020), quanto pelo feirante João Bahia (2020), seria as motivações de cunho político local. Para estes, quando questionado o porquê de a feira ter durado tanto tempo naquele local da cidade, as respostas foram bastante similares, no sentido de a feira representar um importante reduto eleitoral a ser explorado pelos políticos em época de eleição. As respostas dos entrevistados podem ser entendidas quando analisamos o espaço da feira e compreendemos este território como espaço multidimensional, de moradia, comércio e convivência bastante popular na cidade, podendo representar um pêndulo a favor ou contra na balança eleitoral municipal. Os que atentassem contra ela poderiam pagar um alto preço político.

Diante disso é importante refletir que a operação de retirada da feirinha daquele local era bastante complexa, pois se tratava de uma feira fixa, com barracas de tijolo e cimento. Outro elemento que tornou a situação complexa foi o fato da conexão da feirinha com moradias populares, conhecida como “Favelinha da Feirinha”. Assim, a Feira e a Favela eram uma só. Existia um convencimento da necessidade de remoção da feira, contudo a questão das moradias representava um grande entrave para as gestões, que era acompanhado pela mídia e reconhecida na cidade.

A feirinha foi extinguida pelo sucessor de Jânio Natal – PL, o prefeito Gilberto Abade - PSB (2008-2012), em seu primeiro ano à frente da gestão municipal. Nas eleições Abade foi apoiado por Jânio Natal, e pertencia a base política do governo do Estado, na gestão de Jaques Wagner e do governo federal, durante o governo de Luis Inácio Lula da Silva. Esse alinhamento facilitou a atração de projetos do governo federal para a cidade. Sobre o futuro da feirinha, o novo prefeito deu continuidade ao projeto de seu antecessor. Para isso, o prefeito Abade encontrou um caminho já cimentado, e desfrutou um novo contexto, mais favorável a extinção da feirinha a exemplo da implantação na cidade do projeto de habitação do governo federal, “Minha Casa Minha Vida”, equacionava-se assim, o principal entrave na retirada da feirinha - a realocação das dezenas de famílias

que nela residia. (*Atlântica News*, 13/08/2009)<sup>16</sup>. É importante salientar que, este enredo está ligado diretamente ao projeto de atrair recursos oriundo da realização dos jogos da Copa do Mundo 2014.

Diante do novo contexto estabelecido propício a extinção da feira, a gestão municipal encontrou a solução política para impor seu projeto demolidor. Para os feirantes foi prometido a construção de um novo mercado municipal e a garantia de boxes; para os moradores foi prometido casas populares oriundas do projeto do governo federal, enquanto as casas não fossem prontas foi prometido um valor de 250 reais para aluguel aos moradores que não tinham para onde ir. Do ponto de vista humanitário, cristão, os pobres moradores da feirinha teriam uma nova casa, ainda que fora da cidade, na periferia, como foi o caso. Do ponto de vista político e financeiro as verbas foram garantidas através dos alinhamentos entre as esferas estadual e federal. Da visão burocrática e dos acordos estabelecidos em gabinetes, a feira e os moradores da feirinha tiveram seu destino traçado.

O acordo feito no gabinete foi noticiado pelo jornal digital *Atlântica News*, que tratou as negociações como uma novela com um desfecho final:

Porto Seguro - Uma novela que vinha se arrastando há anos em Porto Seguro teve um importante desfecho na noite de quarta-feira, 12/08, quando finalmente foi selado um acordo entre a Prefeitura Municipal e os comerciantes da Feirinha, para reurbanização daquele local. As negociações vêm se desenrolando ao longo dos últimos meses e durante o encontro, entre o prefeito Gilberto Abade, feirantes e vereadores, na Casa da Lenha, ficou acertado que os comerciantes que moram no local, e não possuem residência, trocarão os barracos improvisados na Feirinha, próximo ao estádio de futebol, por uma casa própria no Parque Ecológico João Carlos. (Idem).

O periódico eletrônico *Atlântica News*, tratou o processo de negociação de retirada da feirinha como uma novela que vinha rolando a anos e neste dia teve um desfecho. Contudo, a parte prática do acordo não foram plenamente cumpridos, não só nos atrasos e não pagamentos de alugueis, como mostrou a matéria do periódico *Jornal do Sol*, dois anos após a demolição da feira, em novembro de 2011, (nº 318, p.9), com o título “Ex-moradores da feirinha cobram da prefeitura”, diante disso, os feirantes foram a câmara de

---

<sup>16</sup> Cf.: Matéria da Atlântica NEWS, sobre o acordo para transferência da Feirinha. Acessado em: <<https://atlanticanews.com.br/noticias/1903/finalmente-sai-acordo-para-transferencia-da-feirinha-13-08-2009/>>. Disponível em: 18/05/2020.

vereadores reclamar, informando que a prefeitura não pagava havia cinco meses o valor prometido, e mesmo quando pagava era comum o atraso.

Do acordo relatado nos jornais aconteceu dia 12/08, porém, o desfecho real se deu 11 dias após esta reunião, no dia 23 de agosto de 2008, em um domingo nublado e chuvoso, a feirinha amanheceu cercada por dezenas de policiais, agentes da prefeitura caminhões e o emprego de duas máquinas retroescavadeiras. Este cenário inicial indica duas suposições: embora a retirada da feira tenha sido negociada como mostram as fontes e as narrativas oficiais, entende-se que não existiu um consenso entre os feirantes sobre sair daquele local, a ponto da gestão municipal acionar um grande efetivo policial para intervir em situações de resistência; outro elemento que fica evidente foram as violências simbólicas e físicas cometida contra os feirantes, a feira e os moradores ao empregar com vigor a presença e força policial. Dessa forma, fica nítido que o processo de retirada da feirinha não foi tão amistoso como mostraram as narrativas analisadas até aqui, mas sim, conflituoso, desastroso e contraditório.

O periódico digital *Atlântica News* acompanhou o processo da demolição e relatou o cenário deste dia.

Para a transferência dessas famílias, a Prefeitura disponibilizou 100 funcionários para embalar e acomodar as mudanças nos dez caminhões utilizados para o transporte. Os pertences foram levados para um galpão, no bairro Fontana I, próximo ao Hospital Luís Eduardo Magalhães. Os moradores também tiveram a opção de que a mudança fosse transportada para outro endereço indicado por eles, caso já tivessem alugado um imóvel. As dependências da Escola Municipal Viviane Sena, no bairro Baianão, também foram utilizadas para acomodar as famílias e os produtos das pessoas que mantinham atividades comerciais no local.

Apesar de algumas resistências, a maioria dos moradores concordou em fazer a mudança de forma pacífica. Uma média de 40 homens da Polícia Militar e duas ambulâncias do SAMU deram suporte ao trabalho. Também foram usadas duas máquinas retroescavadeiras para auxiliar na demolição dos barracos, a maioria construída em condições precárias. (Atlântica News. Construções ilegais são retiradas da Feirinha. Acessado em: <https://atlanticanews.com.br/noticias/1936/construcoes-ilegais-sao-retiradas-da-feirinha-24-08-2009/>. Disponível em: 18/05/2020, Grifo nosso).

Neste recorte a matéria expõe um quantitativo médio de 100 servidores da prefeitura, 40 policiais militares, mais 10 motoristas dos caminhões, dois operadores de retroescavadeiras, mais duas ambulâncias do SAMU. Isso evidencia o tamanho da

operação realizada para extinguir a feira e expulsar os feirantes. A mudança feita de última hora e o contingente de 100 agentes da prefeitura mais 40 policiais, mostram que os moradores foram forçados, arrancados de suas casas e assistiram ainda à demolição das mesmas. A matéria informa dois endereços, um galpão no bairro Fontana que fica fora do centro da cidade para os produtos dos comerciantes e da Escola Viviane Sena no bairro Baianão, também fora do centro da cidade, essas informações evidenciam que as negociações não foram plenamente efetivadas, a ponto de os feirantes serem surpreendidos e expulsos de seus imóveis. Apesar da matéria menosprezar as ações dos feirantes e não revelar como se deu a resistência dos mesmos a investida da prefeitura, o redator revela que houve resistência e relata, “apesar de alguma resistência”. Isto indica que houve luta, conflitos e violência neste processo, afinal, quem iria ver seus pertences arrancados de dentro de seus lares e suas casas demolidas de fora passiva.

Na visão do feirante Paulo Bahia (2020), que presenciou a operação no dia de demolição da feira, em entrevista revela como aconteceu este processo de derrubada da feirinha do Estádio:

Um dia trágico um dia... não é bom de lembrar é um dia que assim vem um filme na cabeça ... lembro sim... O Jânio Natal prometeu fazer um mercado pra substituir a feirinha pra fazer praça pra fazer alguma coisa no lugar e em troca dar outro local só que era um local menor do que a necessidade da feirinha no tempo né e o Jânio Natal fez esse local só que não teve acordo entre o pessoal da feirinha e Jânio Natal e logo depois saiu outro político ... pode falar o nome (...)

(...) E saiu outro político que época de política todo mundo é bonzinho né... e esse cidadão que daqui a pouco vou falar o nome ele se reuniu com nós da feirinha e como a gente tava num processo de ou construir a feirinha ou retirar pra outro local então esse cidadão foi lá e fez uma reunião e falou que se fosse tirar a feirinha que ele ia ta a frente pra não tirar que ele ia ser o primeiro ... como ele tava em eleição ele fez esse jogo sujo né, e se reuniu com outros políticos também outros candidatos a vereadores e foi... e passar do tempo esse cidadão ganhou a política como prefeito e a primeira coisa que ele fez foi quebrar a promessa dele que ao invés dele ele falou que ia ser o primeiro a tomar a frente pra não tirar a feirinha e ele tava lá como o traidor da feirinha o Abade

Nenhum político nunca pensou em tirar a feirinha. Mas sempre em acordo todos eles, todos eles que passaram eles fizeram acordo na feirinha de tirar sempre o intuito era ou de tirar ou colocar em um outro local providenciar um local ou fazer uma construção ali que era um sonho de quem trabalhava ali porque já existia... a feirinha é... mudou poucas vezes de Porto Seguro só que ali foi a base que se fixou e ficou apoiado pela própria prefeitura porque eles que colocaram ali.

Eles colocaram ali e eles que organizavam também então não cresceu... não é que a feirinha apareceu do nada ... as prefeituras né as prefeitura

de cada candidato de cada governante na época eles que cuidavam então eles é iam fazendo combinado e tinha processos também de não tirar, de tirar, e não tirar, e foi desenvolvendo e o Gilberto Abade foi o que tomou frente pra tirar ele é cara que eu particularmente não sei os outros deve ter gente que gosta dele eu não e tem muita gente que não gosta ele mandou passar as máquinas e derrubar local por local chegou ele formou uma força tática não sei como é que chama uma força policial toda uma estrutura e foi de madrugada se organizaram e de manhã cedo tava aquele burburium e daqui a pouco chegou policial é... fiscais é... justiça tudo e começou a derrubar um por um e passar por cima de gente, passou ... derrubou tudo, foi uma coisa horrível ... nesse dia eu lembro até que tava chovendo ... muita coisa ficou pra trás e ficou uma história de Porto Seguro ficou pra trás.

Todo mundo tava e esse caso... esse caso foi um ponto importante falar porque eles negociaram com muita gente na calada da noite um pouquinho antes pra ir enfraquecendo a associação os feirantes então eles foram comprando algumas barracas antes disso e quando chegou no tempo tinha alguns que já tavam vendidos então saíram e muitos tava lá é... quem não fazia parte da associação num pagava tinha muita gente que não pagava então pra eles era interessante receber ali na hora né a proposta que dessem porque eles já iam sair mesmo e a gente não a gente tinha a Associação que a gente pagava e tinha os direitos sempre tinha... como é que se fala. Recebe uma ordem de despejo ai tem uma contra ordem... (BAHIA, Entrevista, 2020. Grifo nosso).

O relato emitido pelo feirante expõe uma outra versão das histórias contadas pelos jornais oficiais, revelam que o processo de retirada da feira daquele local se deu de forma conflituosa, degradante e violenta. Revela também a desconfiança que os feirantes tinham pela gestão municipal do período, sentiram-se traídos. A forma como as negociações foram feitas, de forma tática, visando dividir os feirantes, a articulação dos poderes envolvidos para construção de um cenário que deixou a feira e os feirantes sem defesa, e com pouco poder de reação, abriram espaço para truculência e arbitrariedades agirem, resultando na demolição da feira.

Já o jornalista Xará (2020), que cobriu todo o processo de expulsão e demolição desde o início da manhã deste longo dia, traz o seguinte relato:

(...) na época trabalhava no jornal ... e tem até jornal, tem jornal que era Topa Tudo, jornal Topa Tudo e.... eu cobri o dia inteiro a tirada da feirinha o moradores chorando, os moradores como é que é ... revoltados com tal situação, teve moradores ali que foram até parar em hospital por conta do que tava acontecendo ali. Naquele momento foi muito conturbado a situação ali naquele momento e.... procuraram a justiça só que o negócio foi bem tramado porque fizeram em dia de domingo o Juiz que podia como que é... dar a liminar não tava na cidade, tava acompanhando a seleção de Porto em outra cidade ... então não teve como fazer nada. Você tinha um tempo de fazer alguma coisa, recorrer a quem naquele momento? então aconteceu de qualquer forma,

quando tudo aconteceu, aconteceu tudo em dia de domingo né que botaram a feira no chão e aí é o resto da história todo mundo já conhece. (XARÁ, entrevista, 2020, grifo nosso).

O relato do jornalista Xará se alinha com o relato de Paulo Bahia, revelando uma face mais ardilosa deste processo, evidenciando a possibilidade de uma articulação real para efetivação da extinção da feira naquele local. O dia de domingo foi estrategicamente escolhido, os feirantes não tinham a quem recorrer, pois o juiz se encontrava fora da cidade. Assim, no dia 23 de agosto de 2008, sob um dia nublado e chuvoso, contra a vontade dos feirantes e moradores da feirinha e de forma violenta, a feirinha do Estádio foi extinta daquele local.

O relato de Xará, de Paulo Bahia, encontra lastro real na confirmação do ex-feirante Cassiano (2020), que ao ser abordado em meio a madrugada por agentes do estado o expulsando de sua casa, não suportou, desmaiou e foi conduzido para o hospital. O Sr. Cassiano relata ainda que após aquele momento a sua vida nunca mais foi a mesma, sua saúde ficou comprometida – neste momento levanta a camisa e mostra as cicatrizes das cirurgias cardíacas no peito. Afirma que após este episódio se desestabilizou financeiramente, que perdeu toda sua mercadoria, pois retomou a consciência a noite no hospital, enquanto suas mercadorias tomavam destino alheio a seu conhecimento.

A partir das fontes, textos e dados expostos até o momento, é possível o entendimento que existia naquele período um discurso consensual sobre a necessidade de remoção da feirinha e dos moradores daquele local. Contudo, os feirantes queriam garantias, e a forma como foi realizada não foi a mais adequada, resultando em um episódio de desrespeito, arbitrariedade e violência. A expulsão das pessoas do espaço da feirinha representa um trauma para os feirantes e para a história mais recente da cidade de Porto Seguro.

No local onde a feira existiu foi construída uma praça a base de concreto e mármore, com equipamentos de lazer como quadra de futebol. Esta praça foi batizada como “Praça da Bíblia”, com um monumento em mármore entalhado um versículo bíblico. No dia da inauguração desta praça, o prefeito Abade, promoveu um show gospel com a presença de pastores, discursou para a população de Porto Seguro que estava ali presente, um jornal local resumiu o discurso do prefeito:

O prefeito Gilberto Abade declarou sua satisfação pelo evento, destacando a importância de se louvar a Deus não apenas por aquele espetáculo, mas também pelas pessoas que serão tratadas na unidade e pela própria praça onde aconteceu o show, uma academia a céu aberto, onde antes era uma favela que envergonhava a cidade e servia de reduto para criminosos. “Fico feliz em ver as crianças brincando aqui e pessoas de todas as idades praticando esportes, buscando um estilo de vida saudável”, frisou.

O pastor Edilton Lima fez uma oração pelo prefeito. (*Radar 64*, 06/06/2012, grifo nosso).

Levando em consideração o discurso realizado durante o evento, percebe-se que mesmo depois de demolida o espaço da feira foi violentado, tratado como local de reduto de criminosos e vergonhoso para a cidade. Outro aspecto importante a ser observado foi o modelo de praça proposto, com referenciais de mármore e concreto, contrastando com o cenário de “cidade colonial” com residências de telhado colonial e calçamento em pedras. Um elemento que apresenta um outro contexto, foi o monumento erguido na praça, uma passagem da bíblia entalhada em mármore, representando uma influência cristã neopentecostal. Um último elemento presente neste contexto foi a referência ao esporte e o lazer como superação de pobreza, atraso e da “vergonha”. Este conjunto de elementos evidenciam qual modelo de urbanização esta pautado pela gestão municipal neste momento. Logo, entende-se que a remoção da feirinha e expulsão dos moradores, a construção da praça e a reforma do estádio municipal fez parte do projeto de reforma urbana capaz de tornar a cidade de Porto Seguro mais atrativa aos eventos da copa do mundo 2014.

Essa afirmativa ainda pode ser reforçada por diversas evidencias em jornais locais, dentre elas uma declaração do prefeito Abade no “III Fórum Regional Copa Bahia 2014”, realizado no dia 02 de setembro de 2011, no Arraial D’Ajuda, “O prefeito Abade lembrou que desde sua posse ele e sua equipe não tem medido esforços para trabalhar no sentido de trazer a Copa do Mundo para Porto Seguro” (*Radar 64*. 05/09/2011). Tal fato se concretiza com a obtenção do objetivo da gestão municipal anos depois, com a atração da seleção da Suíça e da Alemanha durante a Copa do Mundo em 2014.

A ideia de cidade patrimonial, símbolo do descobrimento se somou a ideia de Brasil como terra do futebol, e os interesses empresariais com valores patrimonialistas prevaleceram, seja através do discurso com o convencimento, seja através da violência com a demolição da feirinha e expulsão dos moradores. Assim, mais uma vez os

interesses de uma elite empresarial do setor do turismo prevaleceram, por meio da direção da gestão do município e nesse contexto a ideia de terra do descobrimento se somou à ideia de terra do futebol do esporte e lazer.

As feiras livres na cidade de Porto Seguro possuem sua história marcada pelos interesses de um estado patrimonialista que mesmo com as diversas formas de resistências por parte dos feirantes e da população portossegurense, fizeram seus interesses econômicos prevalecerem. Assim, como suas antecessoras: a feira do Cais, a feira da Balsa e a feira da Tarifa, a Feira do Estádio teve seu destino traçado em função dos interesses econômicos predominantes na cidade e sua população engolida pela força das retroescavadeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa me propus a investigar a Feirinha do Estádio no município de Porto Seguro-Bahia, com o objetivo de identificar as narrativas sobre a feira livre na cidade, e perceber os impactos do projeto de modernização urbana que resultaram na extinção da feira, no final da década de 2000.

A partir deste estudo pude perceber que a história da feira livre esta imbricada na história da cidade de Porto Seguro. Na tentativa de identificar as narrativas e os elementos causadores da extinção da feira do Estádio, percebemos indícios que remontaram ainda o período de “fundação da cidade”, sua importância como símbolo de unidade nacional, através do mito de fundação do estado brasileiro. Este fator é fundamental para a pesquisa no território da Costa do Descobrimento, pois esta condição de berço da nação permanece até os dias atuais e exerce bastante influencia no modelo de desenvolvimento urbano pautado na cidade. Assim esta condição de patrimônio da nação fez surgir e fortalecer a indústria do turismo uma urbanização que privilegia e dá manutenção a este setor. Um modelo de desenvolvimento urbano patrimonialista que beneficia o setor privado, nutre e exalta a história e a memória do colonizador.

Este culto ao mito do descobrimento, resultou em efeitos perversos e danosos a quais quer narrativa que não corroborasse ao “regime de memória” imperioso na cidade. Assim, narrativas dos povos indígenas e negros foram silenciadas, marginalizada e a presença de atores sociais nativos tradicionais ficaram de lado. Estas formas de violências simbólicas tiveram efeitos físicos reais relegando estes sujeitos ao esquecimento a miséria a favelização.

A feira livre é um espaço que representa um contraste a narrativa dos que defendem a história do colonizador. Isso porque, está repleta de gente, atores sociais com história e memória nativa dos povos originários, dos negros e indígenas, nas formas culturais, de se relacionar, de viver e existir. Por isso o espaço da feira do Estádio representava para os poderes constituídos um local incompatível com a cidade, pois Porto Seguro foi constituída para contemplar majoritariamente os vencedores em sua plenitude. Por representar um local de expressão popular as feiras livres na cidade sofreram sucessivos deslocamentos e, por fim, foi demolida e extinguida da parte central da cidade, pois não se alinhava aos interesses hegemônicos vigentes.

Estes sucessivos processos de segregação e violências os quais os feirantes e a feira livre sofreram através dos deslocamentos forçados pode servir de referência, como se materializa na vida cotidiana dos moradores o regime de silenciamento, apagando e invisibilizando as referências populares e impondo uma narrativa dos vencedores. O momento mais emblemático podemos destacar foi a demolição da feirinha do Estádio e a construção da praça da bíblia no mesmo local. Assim, a urbanização na cidade de Porto Seguro, representou para a feira sinal de violência e exclusão.

O estudo possibilitou perceber algumas formas de existência e resistência frente ao aparato do regime de memória instituído. A presença negra através dos terreiros e da capoeira muito presente na cidade, as estratégias de existência dos povos indígenas ou até mesmo as estratégias de sobrevivência econômica, sendo a feira livre uma dessas expressões. Na atuação da Associação dos feirantes percebe-se o poder da força da união em resistir melhor as investidas e interferências na feira, permitindo ainda mitigar as mazelas do espaço da feira através da auto-gestão.

Enquanto objeto de estudo a feira se caracteriza genuinamente como interdisciplinar sendo possível diversas perspectivas de abordagens que não se esgotam aqui. Portanto este trabalho aponta a necessidade da pesquisa sobre as feiras livres, por ser um espaço privilegiado de análise multifacetado. E a necessidade de explicitar novas narrativas que contemplem os marginalizados e silenciados na história da cidade de Porto Seguro.

A feira do Estádio era um local grande e complexo, diferente de suas antecessoras, feira do Cais, feira da Balsa e feira da Tarifa. Ao chegar nas imediações do estádio se fixou, estabeleceu moradias e imóveis comerciais e removê-la, de forma simples, da mesma maneira que aconteceu com as suas antecessoras, não mais seria possível.

A pesquisa demonstrou que a feira possuía relevância econômica, social e cultural além de servir como centro de abastecimento para a cidade. Contudo, a maior relevância foi o valor político no contexto municipal, interferir na feira livre poderia acarretar em um preço político negativo muito alto para a categoria política local, e foi feito de maneira meticulosa. Estes elementos expressaram que embora os gestores municipais almejassem interferir no espaço da feira, isso não foi tarefa simples, existiam diferentes elementos que tornava complexa tal ação.

A feira resistiu e sobreviveu a um intenso processo de reforma urbana acontecido na cidade na década de 1990, contudo a década posterior as condições políticas, econômicas e sociais mudaram e os elementos que advogavam a favor da retirada da feira do Estádio de seu lugar se somou à vinda para o Brasil da copa de futebol mundial de 2014. Assim, percebemos que a feira se tornou um obstáculo a esta nova meta, visto que se encontrava encrustada no Estádio Municipal. Os grupos hegemônicos vigentes buscaram mais uma vez formatar a cidade para atrair parte dos turistas oriundos deste evento esportivo. Assim a pesquisa indicou que o principal motivo pelo qual a feira do Estádio foi brutalmente demolida e extinta foi uma nova reforma urbana que visou preparar a cidade para os turistas da Copa do mundo de futebol de 2014.

Embora considere que as metas estipuladas para a pesquisa tenham sido alcançadas, este estudo não se esgota ou se completa aqui. Entendemos que a pesquisa poderia ser melhor aprofundada e elaborada caso o contexto pandêmico e a conjuntura política, social e econômica em que estamos inseridos fossem diferentes. Dessa forma, estes elementos afetaram o resultado da pesquisa.

Ainda assim, o resultado deste trabalho cumpre o importante papel ao qual se designou, constituir-se como uma pequena parte de uma grande colcha de retalhos que é a história da feira livre e da cidade de Porto Seguro, uma história crítica e reflexiva contrapondo as narrativas hegemônicas vigentes, contribuindo assim, para que outras narrativas sejam apresentadas e outras histórias possam ser contadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, José Eustáquio Diniz. *As Características dos Domicílios Brasileiros entre 1960 e 2000*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2004. Rio de Janeiro, RJ - Brasil Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093. Acessado em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv3124.pdf>. Disponível em: 25/05/2021

ALVES, Juliana Tourrucão. Feiras livres: campo fértil para gestão da comunicação. *Revista eca XVI*. N. 2. 2011.

ARAUJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano de Jequitinhonha. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*. v.7, n. 2, p. 300-327. 2018.

ARJUN, Appadurai. *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. Tradução; Ana Goldeberger. – São Paulo. Itáú Cultural,. 2009.

ALMEIDA, Jorge. *Marketing político, hegemonia e contra-hegemonia*. São Paulo Editora Fundação Perseu, Abramo e Xamã.. 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Editora UFMG. Belo Horizonte 1998.

BRASIL, Gustavo Eduardo Araújo. (2020), “*História Ambiental de Porto Seguro: Narrativas dos pescadores artesanais (1989 – 2001)*”. Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia. Dissertação de mestrado em andamento. Porto Seguro. 2020.

BOECHAT, Patrícia Tereza Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima. *Feira Livre: Dinâmicas espaciais e Relações identitárias*. Estudantes do mestrado UNEB Campus V. Santo Antônio de Jesus. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Difel. Rio de Janeiro. 1989.

BISPO, Aline. *Do Destino Imaginado à Realidade Vivenciada: O papel do turismo na construção do espaço urbano de Porto Seguro*. p. 37 - 48 . In: *Estado e Sociedade sob olhares in[ter]disciplinares. Experiências e perspectivas territoriais no Sul da Bahia*. Organizador. Bougleux Bomjardim da Silva Carmo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. *Tarifa dos pescadores: patrimônio da cidade*. Acessado em: <https://dibahia.com.br/2021/04/30/tarifa-dos-pescadores-patrimonio-da-cidade/>. Disponível em: 03/06/2021.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. *A devoção a São Benedito e a memória afro-brasileira em Porto Seguro: Notas para um novo paradigma interpretativo do patrimônio cultural da “terra mãe do Brasil”*. p. 49 – 71. In: *Estado e Sociedade sob olhares in[ter]disciplinares. Experiências e perspectivas territoriais no Sul da Bahia*. Organizador. Bougleux Bomjardim da Silva Carmo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. *Uma Capitania Reformada: O ordenamento territorial de Porto Seguro na segunda metade do Século XVIII*. p. 327 – 350. In: REIS, Adriana Dantas e ADAN, Caio Figueredo Fernandes (Orgs). *Estudos em História Colonial: A Baía de Todos os Santos e outros espaços luso-americanos. Feira de Santana. UEFS, 2018*.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. *Mapeando memórias, descrevendo histórias: a antiga capitania de Porto Seguro num manuscrito colonial inédito*. Disponível em: <[https://www.academia.edu/41770324/Mapeando\\_mem%C3%B3rias\\_descrevendo\\_hist](https://www.academia.edu/41770324/Mapeando_mem%C3%B3rias_descrevendo_hist)

orias\_a\_antiga\_capitania\_de\_Porto\_Seguro\_num\_manuscrito\_colonial\_in%C3%A9dit>  
. Acessado em 29/07/2020.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. Companhia das Letras. São Paulo 1991.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Difel. Rio de Janeiro 2002.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. Companhia das Letras. São Paulo. 1996.

CHATES, Tatiane de Jesus. *A Oralidade como Problema de Pesquisa*. p. 83 – 89. In: *Diálogos: A Pesquisa Histórica em Movimento*. (Orgs). PINHEIRO, Gilmar Ferreira de Oliveira. SANTANA, Ligia Conceição Santana. UNEB, Núcleo de História Local. Salvador. 2013.

CLOUX, Raphael Fontes. *Interfaces teóricas para análise de uma gestão de estado no capitalismo*. In: *Teorias e conceitos, estado e políticas públicas, resistências e educação*. Cloux (Org). Ed. Kawo-Kabiyesile. Salvador -BA 2015.

COELHO NETO, Eurelino Teixeira; DIAS, Andre Luis Mattedi; Leite, Marcia Maria da Silva. (Orgs). *História Cultural e Poder*. Edufba; UEFS. Salvador. 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs). *História do Tempo Presente*. Editora: FGV. Rio de Janeiro 2014.

DOBB, Maurice. *O Declínio do Feudalismo e o Crescimento das Cidades*. In: *A Evolução do Capitalismo*. 2ª Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 1963.

.HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre a origem da mudança cultural*. 17ª ed. Loyola. São Paulo. 2008.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Disponível em: < [www.marx.org/portugues/engels](http://www.marx.org/portugues/engels)>.

ESTHER, Ana Ceceña (org.). *Hegemonia e Emancipações no Século XXI. “Estratégias de Construção de uma Hegemonia sem Limites”*. 1ª edição, Buenos Aires: CLACSO (2005). Programa de publicación em Português.

FREY, Klaus. *Políticas Públicas um Debate Contextual Reflexões Referente a Prática da Análise de Políticas Públicas no Brasil*. Tese de doutorado, 1999.

FERREIRA, José Antônio de Araújo. O turismo e a produção do espaço no estado do maranhão, Brasil. In: *Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, Vol. XI, nº 245. (58), 2007*.

FALCON, Francisco. “História e Poder”. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. 14ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FERREIRA, Luis Paulo; PAIXÃO, Roberto Ortiz. “Uma Contribuição Geográfica aos Estudos das Feiras livres no Espaço Urbano de Campo Grande – MS. *Revista OKARA: Geografia em debate*, v.11, n.2, p. 295-315, 2017. ISSN: 1982-3878 João Pessoa. PB. 2017.

- FREITAS, Maria do Carmo Soares; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de. (Orgs). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador. EDUFBA, 2008.
- FONSECA ARAUJO, Giovanna de Aquino. *As feiras Livres Nortistas Portuguesas e Nordestinas Brasileiras Como Lócus de Trabalho Informal, e de Bens Simbólicos na Contemporaneidade*. Artigo: Congresso Internacional de História – Maringá-Paraná 9 a 11, Setembro de 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. São Paulo. 18ª Ed. Loiola, 2009.
- FLAMARION, Ciro; VAINFANS, Ronaldo (Org.) *Domínios da história: Ensaio de Teorias e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. 1ª Edição, 2008.
- GLEZER Raquel. *Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH*. São Paulo. Contexto. 2011.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. ed. 11ª. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HITA, Maria Gabriela. *Uma Comunidade Periférica da Cidade de Salvador: entre a requalificação urbana e a pacificação policial*. 187-213. In: John Gledhill, Maria Gabriela Hita, Mariano Perelman (Orgs). *Disputas em torno do Espaço Urbano: processos de [re]produção*. Salvador, EDUFBA, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve Século XX*. São Paulo. Companhia das letras, 1995
- HOBBSAWM, Erick. *Sobre História*. Companhia das letras. São Paulo. 2013.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros raça e representação*. Editora elefante. Tradução; Borges, Stephanie. 2019.
- LOBO, Ana. Moura, Jorge. Alba, Mello Maria. *Um Mercado Persa Afro-Brasileiro*. 1997 – Artigo.
- MARX e ENGLS, *Manifesto do Partido Comunista*. (1848). Disponível em: <[www.livros\\_gratis/manifesto\\_comunista](http://www.livros_gratis/manifesto_comunista)> (1 of 21). Acessado em: 01/07/2001, 23:31:56.
- MALERBA, Jurandir. *A História Escrita: Teoria e História da Historiografia*. Contexto. São Paulo, 2006.
- MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Mirian C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Revista Eletrônica. Ateliê Geográfico*. V2n2. P. 72-87. 2008.
- MARTINS, Roberto R. *Porto Seguro - História de uma esquecida capitania*. Alba Cultural. Salvador, 2018.

- MARTINS, Katia Silva. *Identidades e territorialidades construídas nos bairros Campinho e Baianão e suas cartografias de vida*. Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia. Dissertação de mestrado. Porto Seguro. 2019.
- MANZONI, Francis. *Mercados e Feiras Livres em São Paulo: 1867 – 1933*. Editora SESC. São Paulo, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica Biopode, soberania, estado de exceção, política da morte*. Ed. 1. Rio de Janeiro. 2018.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia e Memória*. Contexto. São Paulo. 2010.
- MOREIRA, Vicente Deocleciano Ata do Seminário “40 anos da feira de São Joaquim - patrimônio cultural da Bahia: da feira que temo à feira que queremos” Realizado no Complexo Educacional Jequitaia, nos dias 07 e 08 de junho de 2004, em Salvador BA.
- MOREIRA, Vicente Deocleciano – *LAUDO ANTROPOLÓGICO DA FEIRA DE SÃO JOAQUIM – SALVADOR – BAHIA*. Brasília – DF, República Federativa do Brasil, Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, janeiro de 2005.
- MILIBAND, Ralph. *O Estado na Sociedade Capitalista*. Tradução; TABAK, Fanny. Zahar Editores, Rio de Janeiro, (s/d).
- NOOD, Ellen Mciksins. *Democracia contra Capitalismo, a renovação do materialismo histórico*. “Capitalismo e emancipação Humana: Raça, Gênero e Democracia”. p. 227 - 243, 2003.
- NOGUEIRA, Martha Carvalho. *A Invenção do Nordeste Carioca: cultura e política na Feira de São Cristóvão*. Revista Perspectiva Sociológica, n.º 10, 2º Sem./2012.
- NOZAKI, Hajime Takeuchi, PENNA, Adriana Machado. *Jogos Pan-Americanos Rio de Janeiro 2007: por trás da cortina do grande espetáculo*. *Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital*: <http://www.efdeportes.com>. Abril de 2007.
- ORLANDO, Edgar Arroyave Álvarez. *Técnicas do Poder, Alteridades e Práticas Genocidas na Colômbia entre 1980 e 2010*. Tese de doutorado universidade de Antioquia, Medellín, 2017.
- Ortega, Antônio Cesar; CERQUEIRA Cristiane Aparecida de; SILVA, Filipe Prado Macedo. *As políticas públicas de desenvolvimento no estado da Bahia: Evolução e características*. Bahia, s/d.
- PAIM, Márcia Regina da Silva. *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de "mulheres de saia" e homens feirantes em feiras sotopolitanas (1964 - 1973)*. Dissertação mestrado - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.
- PESAVENTO. Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte, autêntica, 2005.
- PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*. Editora; Livraria Agir, 2ª edição. p. 36, 1946
- PESSOTI, Bruno Casseb, PESSOTI, Gustavo Casseb. A Economia Baiana e o Desenvolvimento Industrial: uma análise do período 1978-2010. *REVISTA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO*. Ano XIII. Nº22. p. 37. Dezembro de 2010.

- POCHAT, Alex. *Feira de São Joaquim: um campo a compor*. Anais do III Simpom - Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em música, 2014
- PORTELLI, Hugues. *GRAMISCI e o Bloco Histórico*. 5ª ed. Trad. Agelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. (Orgs). *O historiador e suas fontes*. Contexto. São Paulo. 2011.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Cap. III. “Os Tipos de Dominação”: (p. 139 – 188), Editora da UNB. Brasília, 1921.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual ArtCultura*. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1272>. Acessado em :13/05/2021.
- REBOUÇAS, Joao Rafael Santos. “*Alegorias do Descobrimento: as asas do Brasil Novo no “Raio” a Porto Seguro (1939)*”. Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia. Dissertação de mestrado em andamento. Porto Seguro. 2020.
- REIS, João J. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- REIS, Jose Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 8ª Edição, Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2006.
- ROLNIK, Raquel, KLINK, Jeroen. *Crescimento Econômico e Desenvolvimento Urbano: Por que nossas cidades continuam tão precárias?* NOVOS ESTUDOS 89 II MARARÇO 2011.
- RUBBO, Deni Alfaro. *Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui*. ESTUDOS AVANÇADOS 32 (94), 2018.
- SADER, Emir. Organizador: *GRAMISCI: Poder, Política e Partido*. Tradução:
- AGUIAR, Eliana. *Expressão Popular*; 1ª edição, São Paulo, 2005.
- SATO, Leny. *Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. Gh. 2012.
- SANTOS, Milton. *A Natureza dos Espaços*. Editora universidade de São Paulo, 4 edição, coleção Milton Santos:1. 2004.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização brasileira*. Ed. Huitec. São Paulo 1993.
- SANTOS, José Arimar dos. *Feira Livre e circuitos da economia urbana: um estudo da feira da Pedra, em São Bento (PB)*. Dissertação de Mestrado em Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciencias Humanas, Letras e Artes, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das letras. 2019.
- SOUZA, Jeremias Ribeiro. “*A MODERNIDADE CHEGOU! Os impactos do discurso modernizador sob a feira de Água de Meninos (1960 – 1964)*”. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do Certificado de Especialização lato

Sensu pelas Faculdade São Bento da Bahia. Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Santos Borges. Salvador. 2015.

\_\_\_\_\_. *Políticas Públicas Municipais: Ordenamento da Feira de São Joaquim (1990 – 2005)*. 2º Encontro interdisciplinar de Cultura e Educação (Interculte). Mediações e comunidades: entre o local e global. Universidade Joarge Amado (Unijorge). Salvador. 2007.

\_\_\_\_\_. *A trajetória histórica das Políticas públicas em Salvador: Um projeto higienista para a feira de São Joaquim*. I Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão. III Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação. Apresentação e publicação de trabalho. UNEB. Salvador 2008.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. *A teia da feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2010.

SILVEIRA. Vítor Cardoso da; OLIVEIRA. Emilly Santi de; SILVEIRA. Natália Fernandes F. e MARIANI Milton Augusto Pasquotto. *I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação*. Navirai – MS. 2017.

SILVA, Rogério Ferreira: “*Uma nova cena: hegemonia, mídia e a candidatura de Heloísa Helena nas eleições 2006*”. Artigo. 13º Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste – AL.

SILVA, Paulo Santos. *A Historiografia baiana nos últimos 50 anos*. In: GLEZER Raquel. Organizadora. *Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH*. Contexto. São Paulo 2011.

SAHLINS, Marshall David. *Metáforas Históricas e Realidades Míticas. Estruturas nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2008.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador, Ed. 10ª. Edufba, UNESP, 2001.

TELES. Ana Claudia V. de Sá. *Hábitos de higiene: uma etnografia da higiene na Feira do Japão, Liberdade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

THOMPSON E. P. *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Unicamp. São Paulo, 2001.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operaria Inglesa*. v. I. 3ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira e ser Feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre.n.39, p. 41-68. 2013.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Orgs). *Feiras, Feirinhas e feirões: a “economia dos centavos”*. Oikos. São Leopoldo, 2017.

## **FONTE ORAL:**

Cassiano Ferreira Neto

Edson de Souza Silva

Edmundo dos Santos Damasceno (Xará)

Paulo Sergio Bahia

Niraldo Xavier do Nascimento

P. E.

Romeu Fontana

## **FONTES:**

Atas das sessões ordinárias da Câmara de Vereadores da cidade de Porto Seguro do período (2008 a 2010).

ALVES, Geraldino Fernandes. Disponível em <*Blog Imprensa livre*>. Acessado em: 23/08/2009.

Atlântica News, 13/08/2009. Disponível em: <*www.atlanticanews.com.br/noticias*>. Acessado em: janeiro de 2020.

Atlântica News, 24/08/2009. Disponível em: <*www.atlanticanews.com.br/noticias*>. Acessado em: Janeiro de 2020.

Atlântica News. Finalmente sai acordo para transferência da Feirinha. Disponível em: <*https://atlanticanews.com.br/noticias/1903/finalmente-sai-acordo-para-transferencia-da-feirinha-13-08-2009*>. Acessado em: 18/05/2020.

Atlântica News. Construções ilegais são retiradas da Feirinha. Disponível em: <*https://atlanticanews.com.br/noticias/1936/construcoes-ilegais-sao-retiradas-da-feirinha-24-08-2009*>. Acessado em: 18/05/2020.

Atlas de Desenvolvimento humano no Brasil. Disponível em: <*www.atlasbrasil.org.br*>. Acessado em: 11/05/2020.

CARVALHO, Gabriel. As 10 cidades mais populosas da Bahia. *Bahia Notícias*. Disponível em: <*www.bahianoticias.com.br*> Acessado em 24/04/2020.

Diário do Litoral. Seleção da Suíça escolhe Porto Seguro. Disponível em: <*https://www.diariodolitoral.com.br/esportes/selecao-da-suica-escolhe-porto-seguro/23949*>. Acessado em: 18/05/2020.

FONTANA, Romeu. *Porto Seguro: memoria photographica*. Ed. LASTRO. Porto Seguro, 2004.

IVO, Pedro Rodrigues. *SulBahia News*: Show com André Valadão emociona multidão. Disponível em: <<https://www.sulbahianews.com.br/show-com-andre-valadao-emociona-multidao>>. Acessado em: 18/05/2020.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, agosto 2009. n. 287. p. 04.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, julho de 2001. n. 170, p. 4.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, 15/10/1996, n. 86, p. 10.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, abril de 2005, n. 233, p.09.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, novembro de 2003 n.205, p. 4.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, Nº 145 p. 06. 23/05/1999.

*Jornal do Sol*. Porto Seguro, Nº 151, p.22. janeiro. 2000.

Lei 12.212/11. De 04 de maio de 2011. Art 59 - Fica criada a Secretaria Estadual para Assuntos da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 - SECOPA, com a finalidade de coordenar, articular, promover, acompanhar e integrar as ações e projetos prioritários da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.

NASSIF, Luis. *Portal Luis Nassif*. João Carlos Mattos de Paula - João da Sunga. O PREFEITO QUE DESPACHAVA NA CIDADE DE PORTO SEGURO COM A ROUPA DE BANHO. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/jo-o-carlos-mattos-de-paula-jo-o-da-sunga-o-prefeito-que>>. Acessado em: 18/05/2020.

NASSIF, Luis. *Portal Luis Nassif*. Acessado em: <[blogln.ning.com](http://blogln.ning.com)>. Disponível em: 21/04/2020.

O SOLLO. Multidão prestigia inauguração da praça da Bíblia. Disponível em: <<https://osollo.com.br/multidao-prestigia-inauguracao-da-praca-da-biblia>>. Acessado em 10/05/2020.

*Radar 64*. 05/09/2011.

Seleção da Suíça Escolhe Porto Seguro. *Diário do litoral*. Disponível em: <[www.diariodolitoral.com.br](http://www.diariodolitoral.com.br)>. Acessado em: 13/05/2020).